

JANAINA TEIXEIRA SILVA DE PAULA

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO
ENVELHECER

Orientadora: Prof^a. Dr.^a MERCEDES VILA CUPOLILLO

Universidade Católica de Goiás

2002

JANAINA TEIXEIRA SILVA DE PAULA

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO ENVELHECER

Dissertação submetida à avaliação, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a MERCEDES VILA CUPOLILLO

Aprovada por: _____

Prof^ª. Dr.^a Mercedes Vila Cupolillo

Prof. Dr. Fernando González Rey

Prof. Dr. Luiz Fernando Rolim Bonin

Universidade Católica de Goiás

2002

Aos meus pais, Luzia de Fátima e Luiz Carlos. Aos meus avós, Dona Mercedina e seu Geraldo (in memoriam), que, por buscarem viver as possibilidades que o tempo de vida traz, potencializaram, em mim, o interesse e o encantamento pela temática do envelhecer.

AGRADECIMENTOS

- A Mercedes Vila Cupolillo, orientadora do mestrado, por minha formação como pesquisadora na abordagem sócio - histórica e, além disso, porque o seu suporte mobilizou - me para novas reflexões sobre os sentidos da vida;
- A Fernando González Rey e Vannúzia Leal Peres, membros da banca de qualificação, obrigada pelas críticas e pelas sugestões;
- A Luiz Fernando Rolim Bonin e, mais uma vez, a Fernando González Rey por se disponibilizarem a participar da banca examinadora;
- À Universidade Católica de Goiás por minha formação como psicóloga e como pesquisadora, desde a graduação. Em especial, ao Programa de Mestrado em Psicologia que possibilitou o aprofundamento nessa formação;
- Às colegas de mestrado pelas discussões, em especial, Adriana de Oliveira e Soraya Souza por compartilharmos as alegrias e as angústias do processo de aprendizado;
- A Joicy Mara Rezende Rolindo por realizar a revisão deste trabalho de forma dinâmica, com competência e carinho;
- Ao Fernando Rodrigues de Paula por seu companheirismo e amor;
- Finalmente, agradeço ao senhor Daniel, à senhora Marta, ao senhor Paulo e à senhora Renata, por se disponibilizarem a construir conosco os conhecimentos produzidos nesse trabalho.

(...) o ser sujeito é sempre um projeto, porque em parte já realizado e, em outra, com possibilidades de realização.

(STANO, 2001, p. 19)

RESUMO

Ao dimensionar o desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva sócio - histórica, esse trabalho de mestrado objetiva dar subsídios a compreensão dos processos de envelhecimento. As teorias de Vygotsky e Rey são os referenciais teóricos básicos e postulam o desenvolvimento dos sujeitos e sua constituição subjetiva como um processo complexo e dialético, permitindo compreendê - lo em suas raízes histórico culturais. Objetivando compreender como se configuram os processos que interagem no desenvolvimento dos indivíduos, constituindo subjetivamente os processos de envelhecimento, foi possível, nesse trabalho, elucidar como os entrevistados constituem psicologicamente o envelhecer de forma singular e como as representações sociais da velhice e as condições de trabalho neste início de século são configurados a partir dos processos de subjetivação de cada um. Ao buscar suportes no Materialismo Histórico - Dialético, o compromisso com a produção do conhecimento nessa dissertação vinculou - se da práxis. Propõe também reflexões acerca das representações sociais da velhice, e das práticas sociais ao evidenciar a dinâmica constante das potencialidades e impotencialidades do homem ao longo do seu desenvolvimento.

ABSTRACT

Giving dimension to the human development from a socio-historic perspective, this master thesis aims to give subsidies to the old age processes' comprehension. Vygotsky and Rey's theories are the basic theory references and appoint subjects' development and their subjective constitution as a complex and dialectic process, allowing the comprehension based on their historic-cultural roots.

Aiming to understand how the processes are established, which interact at the individuals' development, constituting subjectively the old age processes, this thesis became possible to clear how the interviewees constitute old age psychically, in a singular manner and how the old age social representations and labor conditions in this beginning of century are established from the subjective process of each one.

Searching for support at historic-dialectic Materialist, the commitment with the production of knowledge within this thesis is linked on praxis. It also proposes reflections concerned to the old age social representations and their social practices, when the human potential and non-potential steady dynamics are evidenced throughout this development.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	
CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	
CAPÍTULO I - Uma proposta de compreensão do desenvolvimento humano.....	
CAPÍTULO II - A constituição subjetiva do envelhecer	
METODOLOGIA	
Traçando caminhos para a compreensão da constituição subjetiva do envelhecer	
O percurso da pesquisa	
Contextualizando a pesquisa: os participantes	
CONSTRUÇÃO DOS DADOS	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
APÊNDICES	
Apêndice 1: relatos dos questionários e das entrevistas	
Apêndice 2: Questionários	
Apêndice 3: Entrevistas gravadas	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é uma realidade nos países de primeiro mundo e também nos países subdesenvolvidos. A Organização Mundial de Saúde caracteriza como idosos os indivíduos a partir dos 65 anos de idade. Os progressos da medicina promoveram um aumento da expectativa de vida através da prevenção e cura de muitas doenças debilitantes e fatais, aumentando, assim, o número de pessoas que vivem acima desta faixa etária (NOVAES, 1996).

Se por um lado, o avanço da medicina levou ao aumento dos anos de vida, nem sempre os idosos têm uma boa qualidade dos anos vividos. O envelhecimento da população brasileira possui algumas especificidades que a difere da população dos países de primeiro mundo (SANT' ANNA, 1997, FREITAS, 1994). O contexto sócio - econômico do Brasil caracteriza - se por condições precárias de saúde, educação e trabalho para a maioria do seu povo.

Pesquisas que possam estudar o fenômeno do envelhecimento no Brasil, investigando - o em suas especificidades sociais servirão de subsídios para propostas de intervenção social que possibilitem melhorias na qualidade de vida dos idosos.

Ao buscar compreender como se configuram os processos que interagem no desenvolvimento dos indivíduos, constituindo subjetivamente os processos de envelhecimento, este trabalho de mestrado tem como objetivo dar subsídios ao estudo do envelhecimento, compreendendo - o a partir das configurações trabalho, família, mudanças corporais e a função da memória para o idoso.

A perspectiva sócio - histórica, mais especificamente as teorias de Vygotsky e Rey são os referenciais teóricos básicos. Essa escolha fundamenta - se na busca de propostas que postulam a crença na potencialidade do homem, sem descaracterizar a bagagem que o indivíduo já desenvolveu, compreendendo o seu desenvolvimento em sua

contraditoriedade, marcado por evoluções e involuções, o que não dá a ele uma dimensão naturalizante.

Vygotsky fala do desenvolvimento humano em sua complexidade e dialética; um processo contínuo de mudanças que se constitui nos contextos interativos estabelecidos pelos indivíduos ao longo da sua vida. Ao explicitar a importância do outro e da linguagem no processo de constituição do indivíduo, Vygotsky elucida os processos sociais, culturais e históricos como fundamentais para o desenvolvimento humano. (VYGOTSKY, 1998). Esse é um processo dialético e nas suas contradições, evoluções e involuções constitui a subjetividade dos sujeitos nos e a partir dos contextos interativos. (GONÇALVES, 2001a).

Os postulados de Vygotsky a respeito do desenvolvimento humano dão sustentação as teorias da subjetividade para Rey. Para esse teórico, a subjetividade é processual e histórica. "Em nossa opinião, a subjetividade representa um complexo sistema de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana [...]" (REY, 1999, p. 42). O sujeito atua ativamente na constituição da subjetividade, como um ser histórico, constitui - se e é constituído nesta história, que está em constante desenvolvimento.

Alicerçado nas idéias de Vygotsky e Rey, este trabalho de mestrado fala de uma subjetividade que se constitui através da dialética sujeito - mundo, um fenômeno complexo, histórico e socialmente constituído, que envolve as dimensões do afeto, da volição, da cognição, do simbólico, da estética e da ética.

Mais especificamente trata da constituição subjetiva do envelhecer compreendida como dinâmica, contraditória, processual, a qual, em sua complexidade, envolve dimensões de individualidade e, ao mesmo tempo, de universalidade por constituir - se na relação com a realidade histórico - social e ser constituidora dela.

Como todo o desenvolvimento humano, a constituição subjetiva do envelhecer implica momentos constitutivos anteriores na vida do indivíduo, os quais dialogam com o seu momento atual. Presente este que é um campo de potencialidades a serem desenvolvidas a partir do suporte do outro.

Se os princípios do materialismo histórico e dialético sustentam os postulados teóricos da constituição subjetiva do envelhecer neste trabalho, o método de estudo dele é

o método dialético, mais especificamente, a proposta de estudo do desenvolvimento de Vygotsky (1996, 1998, 1999) e a Epistemologia Qualitativa de Rey (1997, 1999).

O método que Vygotsky propõe pretende analisar os fenômenos como processos que precisam ser compreendidos no resgate de sua origem e desenvolvimento, opondo-se ao aspecto aparential que diz pouco de sua essência. É, em sua historicidade e desenvolvimento, que os processos devem ser estudados.

Para Vygotsky a abordagem dialética deve ser norteadora de uma metodologia para o estudo das funções psicológicas superiores, já que traz esta idéia do homem enquanto ser modificado pela natureza e modificador da mesma.

Rey (1999) propõe a Epistemologia Qualitativa para o estudo da subjetividade. Para este teórico, a reflexão epistemológica é essencial para propostas de novos métodos nas ciências sócio - antropológicas. Ao propor a subjetividade como seu objeto de estudo, a Epistemologia Qualitativa traz a idéia do carácter interativo e construtivo do processo de pesquisa.

O conhecimento é visto como uma produção construtiva - interpretativa, um processo interativo entre o pesquisador e o pesquisado que se legitima por sua capacidade de construir novas significações para o fenômeno que propôs estudar. A construção do conhecimento se dá por um processo de continuidade e abertura, levando a novos sentidos sobre o objeto, mas não esgota a sua totalidade.

Ao eleger uma metodologia construtivo - interpretativa para a realização deste trabalho, o seu percurso só poderia ser construído através da relação dialógica entre a teoria, o trabalho de campo, e as discussões nos momentos de orientação.

Os participantes pesquisados foram quatro moradores da região central de Goiânia. Esses eram aposentados e pertenciam a diferentes modelos de família. Os instrumentos de pesquisa que possibilitaram a construção dos indicadores foram questionário, entrevistas, e os momentos informais da pesquisa. Esses momentos informais são aqueles que não envolvem a utilização dos instrumentos de pesquisa, mas que são momentos de interação entre o pesquisador e o pesquisado.

Ao trabalhar com um método construtivo - interpretativo, as entrevistas foram semi - estruturadas por possibilitar a flexibilidade no diálogo entre entrevistados e entrevistadora que esse método exige.

A análise do material foi feito através do método construtivo – interpretativo. Foi um trabalho processual e interativo. Assim sendo, esse procedimento não pretende esgotar o fenômeno da constituição psíquica do envelhecer, mas objetiva elucidar possíveis direções à sua compreensão.

A primeira parte deste trabalho refere - se a contextualização teórica dos processos subjetivos do envelhecer através da proposta de compreensão do desenvolvimento humano e da constituição subjetiva do envelhecer.

Na segunda parte, são relatados os caminhos que foram traçados para seu estudo, o percurso da pesquisa e a construção dos dados. As considerações finais levam a reflexões a respeito da construção do conhecimento possibilitado neste trabalho vinculando da práxis social.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO 1 - UMA PROPOSTA DE COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento humano pode ser compreendido a partir de olhares diversos que vão sendo construídos na medida em que a Psicologia se desenvolve enquanto ciência. Entre essas contribuições a perspectiva Sócio - Histórica, que tem como um dos seus representantes Vygotsky (BLANK 1996; ROSA, MONTERO, 1996), será o referencial norteador deste trabalho tanto na compreensão de sujeito, do seu desenvolvimento, e proposta de método para seu estudo.

Esse teórico, influenciado pelo marxismo e pelo materialismo histórico e dialético, propôs uma compreensão do desenvolvimento humano e métodos para seu estudo diferenciados da Psicologia de sua época (VYGOTSKY 1996, 1998, 1999; BOCK, 2001).

A Rússia, na época de Vygotsky, passava por um momento de revolução em que se buscavam novas formas de vivência, de sociedade. Da revolução russa emerge a necessidade de uma revisão teórica e metodológica da Psicologia a partir do materialismo dialético.

A Psicologia Russa na época de Vygotsky (1996, 1998, 1999) emergia em um cenário em que se destacavam a Psicologia instrospeccionista e a psicologia objetivista bem como a visão idealista da psique.

Vygotsky vinculou - se ao marxismo, criticou essas tendências da Psicologia da época, elucidando os processos sociais, culturais e históricos como aqueles que interatuam no desenvolvimento humano e, enquanto processos complexos, só podem ser entendidos no momento em que ocorrem, em seu constante movimentar e nas suas mudanças (VYGOTSKY, 1998).

A proposta de desenvolvimento humano, deste trabalho parte dessas idéias de Vygotsky, compreendendo esse processo em sua dialética, em suas contradições, nas evoluções e revoluções, nas contínuas mudanças.

"Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra" (VYGOTSKY, 1998, p. 96 - 97)

O desenvolvimento humano não possui as mesmas características de desenvolvimento dos animais. Se esses estabelecem uma relação direta com o mundo; o homem, enquanto ser social, estabelece uma relação mediada pelos signos e instrumentos.

A capacidade de relacionar com determinados signos implica o estabelecimento de uma relação do indivíduo com o mundo - instrumentos e pessoas - possibilitando a potencialização do seu próprio desenvolvimento e ao mesmo tempo modificando o mundo com o qual se relaciona. Portanto, a intenção e a motivação são elementos da atuação do homem no mundo e no seu próprio desenvolver, que é um processo contínuo que não está atado à maturação.

A compreensão das raízes sócio - culturais do desenvolvimento humano é explicitada através do conceito de mediação (VYGOTSKY, 1998). As funções psicológicas superiores são constituídas nas interações mediadas que o homem estabelece com o mundo, sendo a linguagem o instrumento fundamental da partilha de significados, esta constitui a consciência. (VYGOTSKY 1998, 1999; FURTADO 2001).

"A linguagem é, portanto, o instrumento fundamental nesse processo de mediação das relações sociais, no qual o homem se individualiza, se humaniza, apreende e materializa o mundo das significações que é construído no processo social e histórico" (AGUIAR, 2001, p. 104).

A mediação é possível pela linguagem a partir do suporte do outro. A importância das interações sociais para o desenvolvimento dos indivíduos, para o próprio tornar-se humano, é demonstrada durante toda a teoria de Vygotsky.

O papel do outro no desenvolvimento é marcante e marcado de contradições, acarretando em um processo de "transformação constante" (GONÇALVES, 2001a, pág.49). Todas as funções Psicológicas Superiores seguem o percurso da passagem de uma função interpessoal para a função intrapessoal: "Assim, a subjetividade é constituída através de mediações sociais" (GONÇALVES, 2001a, p. 50).

A idéia das relações humanas, enquanto mediadas semioticamente, reportam à impossibilidade de separação entre o social e o individual. Assim, a Psicologia do Desenvolvimento que se baseia nessa perspectiva focaliza o desenvolvimento pessoal entrelaçado a um suporte social, que se origina nas relações semióticas e que repercutem em constantes reconstruções de significados (VALSINER, BRANCO E DANTAS, 1997).

Nas interações com outros seres sociais o homem se constitui alcançando novos níveis de desenvolvimento a partir do aprendizado constante e das mudanças que dele derivam ((VALSINER, BRANCO E DANTAS, 1997).

O homem que Vygotsky trata é aquele que se forma, que se faz, do vir a ser, possibilitando pensar o homem que será e não apenas o que é. É a importância do outro na constituição do indivíduo: o ser amanhã depende do suporte do outro naquilo que se tem de potencial hoje (MOLL, 1996, OLIVEIRA 1997). Daí a impossibilidade de consistência no desenvolvimento já que este é, a todo momento, reconstruído nas relações em que se inserem (VALSINER, BRANCO E DANTAS, 1997).

Os fenômenos humanos devem ser compreendidos em sua processualidade - nos potenciais que o indivíduo possui - o que não é algo novo no sentido de existir, mas está vinculado a conteúdos anteriores. Um processo qualitativo de mudanças que se constitui na construção do possível - agora - e traz o vir a ser, portanto, um conteúdo carregado de historicidade e eminentemente social.

Portanto, este trabalho está alicerçado em uma concepção do desenvolvimento humano enquanto um fenômeno contínuo, que se constitui nas diversas - e diversificadas relações - que os indivíduos estabelecem nas suas interações sociais ao longo de sua trajetória de vida. Homem esse que está eticamente comprometido com seu próprio processo do que foi, do que é, e do vir a ser e que se faz compreender em sua dimensão histórica, abrangendo presente, passado e futuro.

Os postulados de Vygotsky a respeito do desenvolvimento humano dão sustentação a propostas de compreensão da subjetividade para teóricos como Rey, que define subjetividade como a constituição da psique no indivíduo (REY 1997).

Para Cupolillo et al (2000), teóricos como Rey e Valsiner acreditam que, ao tratar da consciência e vivência Vygotsky, faria certa referência a subjetividade.

Portanto, compreender os processos de subjetivação a partir de uma perspectiva Vygotskyana reporta - nos a suas teorizações sobre a formação da consciência e da constituição do sujeito. (MOLON, 1999).

O sujeito para Vygotsky (1998) é um ser de necessidades, e necessidade é definido como "tudo aquilo que é motivo para ação" (p. 121). As necessidades e motivações existem porque há um sujeito que age a propósito de, por ser suas atividades mediadas em um nível de voluntariedade. Mesmo não havendo um sentido claro para o indivíduo, há a liberdade em executar suas atividades, o que é possível para o homem pelo seu desenvolvimento calcado em raízes sócio - culturais. Os processos de mudanças e de constituição desse indivíduo só podem ser entendidos se houver a busca da compreensão das necessidades dele.

Ao tratar a questão dos brinquedos enquanto uma atividade que se desenvolve com base das necessidades e não do puro prazer, Vygotsky escreve:

"Freqüentemente descrevemos o desenvolvimento da criança como o de suas funções intelectuais; toda criança se apresenta para nós como um teórico, caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual superior ou inferior que se desloca de um estágio a outro. Porém, se ignorarmos as necessidades da criança e os incentivos que são eficazes para colocá-la em ação, nunca seremos capazes de entender seu avanço de um estágio de desenvolvimento para outro, porque todo avanço está conectado como uma mudança acentuada nas motivações, tendências e incentivos" (1998, p. 121).

Portanto, esse teórico fala de um homem de intenções que é atuante em seu próprio desenvolvimento, e inscreve - se nesta realidade através das necessidades que possui e são o norte para a sua atuação no mundo.

O outro, desde o início do desenvolvimento, possui um papel essencial enquanto gerador de situações que presentifiquem as necessidades desse sujeito e, portanto, serve de impulsionador para o seu desenvolver.

Para Vygotsky, as necessidades, afetos e cognição são processos inseparáveis da constituição humana. Ao tratar da relação intelecto afeto, Vygotsky diz:

"A sua separação enquanto objetos de estudo é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de "pensamento que pensam a si próprios", dissociado da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa" (1999, p. 09).

Apesar de não dizer explicitamente, o sujeito, para Vygotsky, constitui - se em sua atividade e historicidade, e a volição e o afeto são partes indissociáveis do seu processo de subjetivação (GONÇALVES, 2001a).

Conhecer como esse sujeito constitui - se implica falar de subjetividade, e essa enquanto um processo social e histórico só pode ser elucidada a partir da reflexão sobre a sua própria história como objeto de estudo e processo humano. (BOCK, 2001; GONÇALVES 2001a, 2001b)

A subjetividade só se torna objeto de estudo a partir das mudanças ocorridas no capitalismo através do qual foi possível a experiência privada, que dimensionou o homem a falar do "eu" e não da coletividade. (BOCK 2001; GONÇALVES 2001a).

Mas se a modernidade desenvolve essa experiência privada e, ideologicamente, traz a idéia de individualidade e liberdade, o capitalismo leva à massificação e cerceamento da autonomia desse sujeito. Essa contradição da modernidade foi denunciada e estudada por teóricos que se embasam em perspectivas históricas e dialéticas. (BOCK 2001; GONÇALVES 2001a).

Entretanto, Gonçalves (2001b) explicita os pensadores ao buscar "novas idéias" produzidas neste momento atual do sistema capitalista, fazem isso sem passar por um superação dialética das contradições da modernidade (p. 54).

Para dar conta dessas contradições, a subjetividade necessita ser estudada dentro de perspectivas teóricas que a compreenda como um processo histórico constituído por "dimensões ideológicas". (GONÇALVES 2001b, p. 54).

Dessa forma, a psicologia necessita discutir a subjetividade do homem que se constitui no cenário de mudanças sociais e históricas. Rey é um teórico da Psicologia que se insere nesse debate.

A caracterização da flexibilidade, abertura, e processualidade que marcam as categorias formuladas por Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal e Função Psíquica Superior estão presentes nas idéias de Rey sobre a subjetividade .

"A subjetividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento" (REY, 1999, p. 42).

A subjetividade é então compreendida como um processo social e histórico. "Em nossa opinião, a subjetividade representa um complexo sistema de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana [...]" (REY, 1999, p. 42)..

Buscando construir o conceito de subjetividade que pudesse aprendê-la como um fenômeno singular, porém não somente interno, que reportasse à sua dimensão social e não se definisse somente por ela, Rey explicita que a constituição subjetiva está implicada em dois momentos essenciais: a subjetividade social e a subjetividade individual.

A subjetividade individual não diz apenas de uma dimensão individual e nem a subjetividade social de uma dimensão social. Mudanças sócio - culturais estão implicadas em mudanças da subjetividade social, ao mesmo tempo que as mudanças sociais se vinculam a mudanças da subjetividade individual. Isso evidencia a impossibilidade de fragmentação desses dois momentos. (REY, 1999; FURTADO, 2001).

A subjetividade social é constituída pela esfera social e é constituinte dessa. É entendida como a possibilidade de articulação da história social na constituição subjetiva do indivíduo. Assim, os processos objetivos não se internalizam mas tornam-se parte da subjetividade social, somente a partir daí podem ser significados para o indivíduo e constituírem - se subjetivamente.

O conceito de internalização de Vygotsky é criticado por Rey (1997; 1999) que o considera um dos pontos mais controvertidos da obra Vygotskyana, por dar margem a compreensão mecânica e linear da forma com que os processos interpsicológicos se tornam intrapsicológicos.

Entretanto, neste trabalho, a compreensão do processo de internalização proposto por Vygotsky é de uma reconstrução contínua por parte dos sujeitos dos processos interpsicológicos e que, portanto, não ocorrem abruptamente e nem são o reflexo linear dos processos sociais. (AGUIAR, 2001; VYGOTSKY 1998, 1999; RATNER, 1995).

A subjetividade social fala da condição social do indivíduo, da relação indivíduo e o social; mas, estas "interações dialógicas" não são "determinantes" da constituição subjetiva e sim interagem com a subjetividade individual. Da mesma forma, novos momentos que vão se constituindo da subjetividade individual estão vinculados a mudanças na subjetividade social.

"Nenhuma experiência nova do sujeito adquire sentido pelo que ela significa de forma objetiva. Toda nova experiência do desenvolvimento adquire sentido dentro do processo de subjetivação que caracteriza o desenvolvimento da personalidade" (REY, 1999, p. 49).

A subjetividade social e individual compreendidas, enquanto níveis dessa constituição subjetiva, descarta a possibilidade de compreensão do subjetivo como puramente processo interno, bem como o outro extremo, compreendê-la como um reflexo linear da realidade social. É nas contradições e tensões geradas, nesses dois níveis, que o desenvolvimento dessa subjetividade se dá.

Se articularam à subjetividade as interações sociais e individuais, não é possível o estudo fragmentado do homem, mas somente dentro desse contexto relacional, de sua vivência, de sua personalidade. "El sistema subjetivo es un sistema abierto, abarcador e irregular, que mediatiza las más diversas experiencias humanas en proceso de subjetivación" (REY, 1997, p. 44).

O sujeito atua ativamente na constituição da subjetividade, como um ser histórico, constitui - se e é constituído nessa história, que está em constante desenvolvimento. Ao atuar no mundo social, transforma-o e, ao mesmo tempo, a subjetividade social é modificada.

A processualidade, a complexidade e o aspecto contraditório como características da subjetividade aparecem também quando Rey fala de configurações subjetivas.

Essas configurações são as subjetivações das experiências do homem. Integram-se a outras configurações subjetivas reportando à dinâmica e à processualidade e, ao mesmo tempo, à singularidade da constituição subjetiva. "Todo contenido e la experiencia aparece subjetivado a través de configuraciones, dentro de las cuales adquiere sentido subjetivo por su integración com otros estados dinámicos" (REY, 1997, p. 44).

A processualidade da constituição subjetiva tem por capacidade redefinir os seus elementos constitutivos atuais como singulares por se diferenciarem daqueles elementos que os gerou, ao mesmo tempo em que serão parte dos elementos constitutivos posteriores que serão diferentes do que são agora.

Assim, um elemento externo para se tornar sentido e significado para os sujeitos integra - se às suas configurações subjetivas que são constituídas na dinâmica das configurações subjetivas anteriores as experiências individuais e sociais atuais desse sujeito. Essa é a Situação Social do Desenvolvimento idéia que foi proposta por Vygotsky mas que foi pouco explorada por ele. (REY, 1997).

As configurações subjetivas vão constituir a personalidade. Rey (1997) define personalidade como: "O nível complexo da organização da subjetividade no qual se constituem os diferentes sistemas de sentidos subjetivos do sujeito, o temos definido pela categoria personalidade" (p. 114). Configurações subjetivas seriam então as unidades integradas que constituiriam a personalidade. As experiências ao serem subjetivadas passam a integrar as configurações.

A teoria da complexidade de Morin (1996) fornece subsídios para as formulações de Rey acerca da subjetividade, enquanto um fenômeno complexo (QUEIRÓS, 1999). Ao apresentar a Teoria da Complexidade, Morin propõe que os fenômenos subjetivos são complexos e que só podem ser entendidos por vias que dêem conta dessa complexidade.

Se os fenômenos a serem estudados são complexos, não há respostas diretas ou leis simples que podem falar deles, porque o complexo implica incertezas. Há possibilidade de seu estudo, mas esse não os esgota. Portanto, há componentes desses fenômenos que

escapam à certeza do saber humano. Então, se se parte de apenas uma linearidade não dá para falar das contradições que a realidade apresenta.

Esse teórico fala ainda das complexas e infinitas relações existentes nos fenômenos, os quais não se dão isoladamente. Portanto, a singularidade e a totalidade dos fenômenos são indissociáveis. "Não só uma parte está no todo, como também o todo está na parte" (MORIN, 1996, p. 275).

A singularidade fala do que é universal, porque é parte dele e o todo fala das singularidades que o formam. Mas o todo só existe como uma determinada qualidade se há uma formação das partes. Se essas são modificadas, a qualidade do todo se modifica.

Morin teoriza sobre um princípio de ordem dos elementos que permitem as mais diversas formações heterogêneas, mas que há elementos que escapam à ordem e presentificam - se na desordem. E no diálogo ordem - desordem que as organizações emergem. "É nessa dialógica de ordem e desordem que produz todas as organizações existentes no universo" (MORIN, 1996, p. 277).

Há elementos que estão na desordem em potenciais de vir a ser e a partir daí podem se agregar a novas organizações que se tornarão qualitativamente diferentes do que era até então. Falar de desordem é falar de potenciais de liberdade que nos leva - e é essencial - a criação e a invenção. É a busca da processualidade dos fenômenos e da responsabilidade do sujeito por sua própria constituição.

A dimensão ética na constituição humana é postulada também por Guattari (1990, 1996) que propõe o paradigma Ético - Estético. Esse paradigma fala dos potenciais de criação humana e da ética frente a esta, vê a subjetividade compreendida enquanto um fenômeno a qual é "produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais", não havendo hierarquia nessas dimensões, portanto, uma subjetividade "polifônica".

Essa ampliação ocorre a partir da evidência das mudanças ocorridas na atualidade, do desenvolvimento tecnológico que faz repensar os agentes maquínicos ¹ na produção dessa subjetividade e a impossibilidade de compreendê-la descartando os aspectos ecológicos e etológicos.

¹ Este termo refere - se aos componentes de subjetivação produzidos a partir do desenvolvimento tecnológico - das máquinas tecnológicas (GUATARRI, 1990, 1996).

A subjetividade, que não se traduz somente na linguagem, constitui - se de componentes heterogêneos. Se a subjetividade é constituída dessa forma, suas mudanças decorrem de heterogêneos fatores. A subjetividade é processo, heterogênese, que inclui singularização e coletividade, compõe - se por conteúdos verbais e não verbais, afeto e cognição.

O inconsciente subjetiva-se; portanto, não pode ser compreendido por fórmulas universais já que o subjetivar implica em dimensão de singularidade. O consciente e o inconsciente são vistos como uma dualidade atrelada à singularidade.

O Paradigma Ético - Estético, para ser compreendido, reporta a questão do caos. Os conteúdos para serem subjetivados devem inicialmente ter uma autonomia, uma liberdade para então se agregarem a novos campos de referência. Os conteúdos ao buscarem novas agregações impulsionam subjetivações. Quando agregam não são mais o que eram antes, nem a agregação e nem o conteúdo que foi agregado. O que é uma constante mudança e processualidade do processo subjetivo.

É nesse jogo de autonomizar-se, agregar-se em uma heterogênese que fala da formação de uma identidade não - estática, mas que emerge dessa possibilidade do caos e da agregação heterogênea de componentes. O finito refere-se ao que consegue agregar e codificar. O infinito é aquilo que existe enquanto possibilidade. O ético fala do criar, do responsabilizar do criador por sua criação. O estético, não como arte que está institucionalizada, mas como possibilidade potencial de criação.

Alicerçado nas idéias de Vygotsky e Rey, este trabalho de mestrado fala de uma subjetividade que se constitui através da dialética sujeito - mundo, compreendendo -a como um fenômeno complexo, histórico e socialmente constituído, que envolve as dimensões do afeto, da volição, da cognição, do simbólico, da estética e da ética.

A proposta de subjetividade apresentada evidencia a natureza qualitativa, dialética e complexa de sua constituição. Portanto, esse objeto de estudo nos diz que, apenas um método que dê conta de sua complexidade e processualidade, será adequado para a sua compreensão.

O Materialismo Histórico - Dialético, enquanto visão de mundo e proposta de método, permeia as idéias de Vygotsky e Rey, teóricos buscados para a compreensão da subjetividade neste trabalho.

Mais especificamente este trabalho trata da constituição subjetiva do envelhecer compreendida como dinâmica, contraditória, processual que, em sua complexidade, envolve dimensões de individualidade e, ao mesmo tempo de universalidade, por constituir - se na relação com a realidade histórico - social e ser constituidora desta.

CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO ENVELHECER

Os processos subjetivos do envelhecer não se desenvolvem abruptamente, são processos que iniciam - se junto com a vida. Contraditoriamente, a partir do momento em que há a concepção e um novo ser é gerado, este se encontra marcado por mudanças contínuas que evidenciam a cada dia a proximidade com o findar da vida.

O indivíduo desenvolve-se marcado por evoluções que lhe permitem desenvolver a consciência, constituir - se como pessoa, participar da constituição da sua própria realidade; mas esse processo é marcado pela involução do seu tempo de vida. (CUPOLILLO, 2001)

Segundo postulados Vygotskyanos, para ter vida, o homem inscreve - se no tempo e na história, possui um passado, um presente e projeta - se para um futuro. Tempo e história singulares, porque estão imersos em um momento histórico e social específico. Tornar - se gente, um ser humano, implica inserir - se em um universo social e em cada dia diminuir o seu tempo de vida

A temporalidade é vista enquanto aspecto da constituição da subjetividade. A partir das vivências do indivíduo, sua história, suas relações, seu imaginário, seus afetos são marcados pelo tempo vivido, e deve ser compreendido na sua historicidade. O envelhecer como um processo sócio - cultural deve ser compreendido em sua especificidade, na sua singularidade, segundo o contexto no qual ele está inserido (NOVAES 1996; STANO, 2001).

A perspectiva histórico - cultural dimensiona o envelhecer aos aspectos sócio - históricos presentes em sua constituição e que não podem ser compreendidos como um processo abrupto.

"Importante considerar que a velhice apresenta - se na sua heterogeneidade, advinda da diversidade de situações, de contextos históricos e sócio econômicos nos quais o sujeito vai se constituindo como ser em vida - no curso da vida" (STANO, 2001, p. 15).

Embora o envelhecer seja um processo que se inicia no nascimento, do ponto de vista psicossocial e biológico, as evidências do envelhecer são percebidas especialmente nas modificações ocorridas após a adolescência (CALDAS, 1997).

Numa sociedade capitalista em que a valorização social do indivíduo está estreitamente vinculada a sua capacidade de produção no mercado de trabalho, o novo, o viril, o útil são considerados a evidência de vida. (BOSI, 1994)

Assim, para as crianças e os adolescentes há uma tolerância, uma espera por parte da sociedade, porque esses vão constituir a massa produtiva e portanto consumidora em um futuro próximo. Para Stano (2001), o mundo atual criou uma separação do homem em momentos que tem como sinalizador o trabalho.

"Há, no mundo moderno, juntamente com a hegemonia do trabalho, nos moldes do processo de produção industrial, um fenômeno de sincronização ou estereotipia nos estágios de vida e o tempo se fragmenta de acordo com as fases da existência: tempo para aprender (infância e adolescência), tempo de produzir (idade adulta), e tempo de descansar (velhice). Tal fragmentação reduz a velhice ao tempo de um ócio que nada cria e também nada usufrui." (STANO, 2001, p. 61).

Tanto o indivíduo quanto os que com ele se relacionam, criam um clima de naturalização da velhice enquanto um processo de perdas, declínios e impossibilidade de contribuir para o seu meio social (STANO 2001; NOVAES 1996).

Mas, a partir da compreensão do desenvolvimento humano como um processo contínuo marcado por evoluções e involuções (VYGOTSKY 1998), pode - se elucidar que, se há esta relação estreita entre o não produzir no mercado de trabalho e os processos do envelhecer que marcam a idéia de involuções, outras evoluções² são evidenciadas com o decorrer dos anos vividos.

A partir das idéias de Vygotsky, Rey, Guattari e Stano busca - se a compreensão do idoso como um ser de possibilidades, que cria e recria a sua história.

A idéia do término da vida em um futuro próximo pode possibilitar ao indivíduo refletir novos sentidos de vida, já que a sua produção está mais vinculada a isso do que a busca desenfreada do produzir muito e ganhar dinheiro. (STANO, 2001)

Tais reflexões dão ao indivíduo um nível maior de consciência do significado da vida. Para essa reflexão a memória é uma função psicológica superior fundamental porque

serve como instrumento para que o indivíduo reflita o seu passado e construa o seu presente, e projete o futuro, mesmo que marcado pela proximidade da morte.

Buscando compreender como se configuram os processos que interagem no desenvolvimento desse sujeito, constituindo subjetivamente os processos de envelhecimento, a perspectiva histórico - cultural foi escolhida porque postula a crença em potenciais do vir a ser sem descaracterizar a bagagem que o indivíduo já desenvolveu. Por compreender o homem em sua contraditoriedade, no seu desenvolvimento marcado por evoluções e involuções que não lhe dá uma dimensão unívoca e naturalizante.

Com base nos postulados de Vygotsky e Rey, como todo o desenvolvimento humano, a constituição subjetiva do envelhecer implica momentos constitutivos anteriores na vida do indivíduo, os quais dialogam com o seu momento atual. Presente este que é um campo de potencialidades a serem desenvolvidas a partir do suporte do outro.

Esse é o envelhecer que este estudo propõe, resgatando o experimentar deste momento evolutivo que se inscreve em um presente atrelado a um passado e projetado para o futuro, o qual se constitui em um universo histórico cultural e é marcado por contradições, por evoluções e involuções em um sujeito que é eticamente comprometido com a sua constituição psíquica.

Mais do que buscar uma cronologia para esse processo, o interesse é resgatar as dimensões psicossociais envolvidas no processo subjetivo do envelhecer.

2.1. A APOSENTADORIA.

Ao explorar a temática "subjetividade e o envelhecer" , a aposentadoria merece uma atenção especial por tratar da configuração do trabalho na constituição psíquica dos indivíduos no momento em que esses estão saindo do mercado de trabalho. O trabalho como mola propulsora de uma estrutura capitalista está muito implicada na formação da subjetividades dos indivíduos que a ela pertencem (CALDAS, 1997). Nessa dissertação, a

² Neste trabalho, evoluções e involuções são compreendidas na dialética e na processualidade do desenvolvimento. Assim sendo, não estão vinculadas a idéia de etapas evolutivas oriundas das perspectivas evolucionistas do desenvolvimento.

configuração subjetiva do trabalho não será analisada somente do ponto de vista da aposentadoria, mas das condições do trabalho e do desemprego.

A produção em massa tradição de uma influência fordista / taylorista leva a fragmentação do trabalho, a especialização do trabalhador destituindo o seu trabalho de um significado que vá além dos ganhos financeiros. (CHIAVENATO, 2001; ANTUNES, 2001).

A atividade laboral vinculada estreitamente ao valor financeiro mantém a lógica do capital. Renunciar a ela, para Antunes (2001), é dar sentidos ao trabalho que vá além da mera execução para obtenção de um ganho financeiro, para o consumo, suplantando uma subjetividade dotada de autenticidade.

Para Antunes (2001), a busca da intelectualidade, das artes, enfim, de outros sentidos no trabalho, além do financeiro, possibilita aos indivíduos uma subjetividade marcada pela autenticidade e a autodeterminação.

Ratner faz uma análise sócio - histórica da loucura e relata que tanto a violação das necessidades básicas dos indivíduos, quanto das necessidades de origem cultural, são fatores ameaçadores à identidade dos sujeitos e da sua relação com o mundo. Assim, fatores como desemprego, trabalhos que não permitem uma autonomia dos sujeitos podem acarretar neles dificuldades em nível psicológico, levando a depressões e a psicoses. (1995).

Antunes (2001) aponta o desemprego estrutural como uma realidade do trabalhador na atualidade, gerando a cada dia a redução no mercado de trabalho daqueles que são considerados jovens e velhos pelo capital. Os que são considerados velhos assumem muitas vezes o trabalho informal, social, ou são absorvidos pelos movimentos religiosos.

Novaes (1996) ao falar da terceira idade considera que a aposentadoria acarreta não só dificuldades econômicas para o idoso, mas pode representar rupturas com a vida social até então estabelecida, fazendo-o sentir como inútil, com perdas do "status profissional".

Uma outra implicação da aposentadoria reside no fato de que é considerada socialmente como a entrada na velhice - e aí com todos os estereótipos e preconceitos que esta pode ter (SOARES, FRANÇA, 1997) - mas que na realidade ocorre muitas vezes em

um período em que o indivíduo está fisicamente e psicossocialmente apto para continuar a atuar no mercado de trabalho.

Segundo Stano (2001), a sociedade capitalista prepara o indivíduo para o trabalho e não para o ócio³. O trabalho ocupa na vida do sujeito a possibilidade de socialização, que em outros períodos eram ocupados pela família e a "instituição religiosa". Assim, ao se aposentarem, os indivíduos temem o ócio porque não foram preparados para ele e nem conviveram com ele durante a vida.

O aposentar é uma conquista do trabalhador que surge como forma de usufruir o tempo do repouso, de recompensar o tempo do trabalho. Mas, na sociedade brasileira significa a exclusão dos contextos de atuação que dão ao indivíduo "identidade profissional" (STANO, 2001, p. 27).

Para Antunes (2001), a maximização do valor de consumo dos produtos na contemporaneidade mantém a lógica do capital. Os produtos devem, a cada dia, ter o seu tempo de vida útil reduzidos, sendo descartados rapidamente, mantendo um alto nível de consumo, aumentando rapidamente o capital. As próprias empresas renovam seus maquinários rapidamente mesmo que esses ainda estejam em condições de uso. Para manter a lógica do capital, as maquinarias são rapidamente consideradas obsoletas. Para se manter no mercado consumidor os empresários devem se desfazer delas.

O consumo denotando a cultura do descartável (o que não é útil pode ser descartado), bem como a idéia de que tempo é dinheiro (portanto a necessidade do imediatismo) remetem a valores impregnados em uma cultura capitalista, repercutindo em uma desvalorização da pessoa que não representa aquela que produz (CALDAS 1997; SOARES, FRANÇA, 1997). Há idosos que consideram a aposentadoria uma premiação ou caridade e não um direito seu como trabalhador (BOSI, 1994).

A possibilidade do não produzir a partir da aposentadoria é, assim, o registro social da entrada na chamada velhice (SOARES E FRANÇA, 1997), que contraditoriamente diz a esse indivíduo que ele não precisa mais trabalhar porque já produziu e agora deve colher apenas frutos. Ao mesmo tempo, indica - lhe um único caminho possível: sem produzir no mercado de trabalho, só lhe resta envelhecer (CALDAS, 1997).

Entretanto, segundo Stano (2001) a exclusão dos espaços de produção do trabalho, propiciada a partir do envelhecer, vai ser vivenciada de forma singular segundo as formas com que cada indivíduo consegue ressignificar a sua trajetória profissional, mantendo vivo ou não a "identidade elaborada durante os anos de exercício profissional" (p. 55).

Para Antunes, os sentidos do trabalho gerados no sujeito estão ligados aos sentidos do ócio. Se o trabalho mantém a lógica do capital, o ócio serve para reproduzi - lo. Isto pode ser exemplificado com os sujeitos que sempre vão aos shoppings gastar o dinheiro obtido após longas jornadas de trabalho. (2001)

Indivíduos em que os motivos para o trabalho iam "além da mera sobrevivência" , motivos como a busca do conhecimento, o envolvimento afetivo, os "sentimentos de dignidade, autonomia e utilidade" (STANO, 2001, p. 33) dão suporte para lidar com as mudanças do envelhecer, entre elas, a aposentadoria.

Com base nas teorias de Rey, o comprometimento da emocionalidade dos indivíduos em suas atividades é essencial para o desenvolvimento de novos sentidos e significados das experiências vivenciadas. Sendo assim, ao envolver - se emocionalmente no trabalho, esses vão se configurando subjetivamente de forma a desenvolver dimensões simbólicas que permitem ao sujeito, no envelhecer, refletir e buscar ativamente novos sentidos e significados de produção a partir de novos contextos de atuação.

O ócio da aposentadoria seria para Stano (2001) a possibilidade de geração de novos sentidos de vida, através da ressignificação do tempo de trabalho. Deveria ser o momento do que deve ser feito e não do não realizado.

Ao realizar o trabalho da "Identidade do professor no envelhecimento" Stano propõe que ser professor é ser marcado pela emocionalidade - através das trocas afetivas dos professores com seus alunos - e pelo desenvolvimento simbólico, através da busca constante do ensinar e do aprender com o outro, do se responsabilizar pelo desenvolvimento do outro.

Esses são traços da "professorialidade"⁴ que, após a aposentadoria, podem estar presentes na sua essencialidade, em outras atividades desenvolvidas pelos professores

³ Ócio para Stano é o momento não vinculado ao trabalho, o que Antunes chama de tempo livre do trabalho.

⁴ Termo criado por Stano (2001)

aposentados como por exemplo, buscar atividade criativas, cuidar das pessoas, sentir - se professora nas conquistas dos seus ex - alunos, ler livros e escrever.

O aposentar seria, assim, o momento de busca da criação, do realizar, do buscar novos projetos de vida e desenvolver a cidadania (NOVAES, 1996; STANO 2001). Seria a possibilidade do continuar sendo (STANO 2001).

Há ganhos com o envelhecer e o aposentar como vivenciar práticas que por força do trabalho não foram possíveis até então, a busca de atividades prazerosas que haviam sido renunciadas pelo cotidiano do trabalho. (NOVAES, 1996; STANO 2001).

Nas contradições entre perdas e ganhos do envelhecer, Novaes escreve:

"Os depoimentos das pessoas idosas comprovam que a velhice é uma experiência subjetiva e social intensa e variada, podendo ser, às vezes, uma longa derrota, como também uma permanente vitória" (NOVAES, 1995, pág. 22).

2.2. A MEMÓRIA

Compreender o desenvolvimento humano como um processo sócio - histórico implica compreender o papel da linguagem e do outro na constituição dos sujeitos. A memória, como todas as funções psicológicas, inicialmente não é mediada pelos signos e instrumentos além disto, funciona independente das outras funções psicológicas. (OLIVEIRA, 1998; VYGOTSKY, 1998).

Através do desenvolvimento da linguagem nos, e a partir dos contextos interativos, a memória adquire uma função mediadora (BONIM, 2000) e integra - se a outras funções psicológicas superiores o que torna a atividade psicológica complexa e dinâmica possibilitando falar de um desenvolvimento complexo, e também dinâmico do sujeito.

Como função psicológica superior, a memória se constitui nos contextos históricos e sociais e serve de suporte para a produção de significados e sentidos dos sujeitos, portanto, na sua integração com outras funções psicológicas superiores torna - se parte do processo da constituição subjetiva dos indivíduos.

A memória envolve não somente os relatos verbais, mas outros tipos de signos, portanto, a semiótica. As imagens, as músicas podem aparecer como marco de referências da memória (BONIM, 2000).

Para os idosos a memória é muito utilizada como um suporte para as lembranças das histórias vivenciadas por esses sujeitos. Esse relembrar envolve uma historicidade permeada pelas interações presentes e passadas desses sujeitos. Nos contextos interativos do presente, os idosos, ao recordar suas histórias, produzem novos sentidos e significados de suas vivências do passado.

A memória como um elemento de desenvolvimento dos sujeitos tem suas funções vinculadas a necessidades deles que são geradas a partir da dialógica subjetividade social e individual. Para os jovens e adultos as necessidades de preparação e realização do trabalho vinculam a função e valorização da memória a essas necessidades desse momento da sua vida (CUPOLILLO, 2002). Por isso, muitas vezes os jovens e adultos não compreendem, não partilham os significados que as lembranças têm para os idosos.

Na subjetividade social a memória que se valoriza através da lógica do capitalismo é a memória que serve para auxiliar na resolução de problemas imediatos relacionados ao mundo do trabalho, ou que servem de preparo para o homem ingressar - se nele - como por exemplo, os conteúdos escolares. Se a lógica do capitalismo é "o primado da mercadoria sobre o homem" a memória que não serve a esse fim é descartada. (BOSI, 1994).

Nos idosos, os momentos vividos quando lembrados são ressignificados possibilitando a partilha com os outros de suas experiências, suas contribuições para a construção da história de sua família, da comunidade, da humanidade.

Furtado, ao tratar da acumulação do conhecimento pelo homem e de sua partilha no decorrer da vida coletiva, fala da memória como a possibilidade dessa acumulação e da sua transmissão através das gerações. E, a partir dessa, surgem as condições para "o estabelecimento da cultura humana" (2001, p. 81). Cultura compreendida como "acervo de tudo o que o homem produziu coletivamente a partir de suas relações sociais e da forma como ele retém essa produção em sua memória" (p. 82).

Na dialógica subjetividade social e individual os sujeitos se apropriam desse conhecimento coletivo de forma singular porque atua ativamente no interior dessa cultura e

ao mesmo tempo torna - se constituidor dela. A cultura se presentifica na constituição dos sujeitos que atuam ativamente na constituição dela. Assim sendo, a constituição da cultura humana e dos indivíduos são processos dinâmicos e inseparáveis. O indivíduo se constitui e é constituidor do desenvolvimento social, muda a história e é modificado por ela (MORIN, 1998).

Bosi (1994), ao pesquisar os relatos de idosos, teve acesso às memórias pessoais que falavam do sujeito, mas também de seu grupo e da sociedade. Tendo como suporte os pressupostos de Rey acerca da dialógica sujeito - mundo, acredita - se que essas memórias são carregadas de conteúdos sociais e históricos e que, ao serem relatadas, geram novos sentidos e significados para os próprios sujeitos e para o seu grupo social e familiar. Esse processo contínuo de geração de sentidos e significados permite falar do desenvolvimento constante dos sujeitos e da sociedade.

Utilizar a memória para lembrar o passado é a possibilidade de preservar e de dar continuidade ao desenvolvimento da identidade dos indivíduos e da cultura. Através dessa atividade, fala - se da individualidade e da coletividade enquanto processos que se constituem dialeticamente através do processo histórico.

2.3. AS MUDANÇAS FÍSICAS - CORPORAIS

Se o envelhecer implica um declínio biológico, cada sociedade irá vivenciá - lo de forma diferenciada. Segundo Guidi (1994), o idoso que ao se aposentar desfruta de uma ociosidade sem projetos de atuação tende a concentrar - se no adoecer e nas perdas que decorrem do processo de envelhecimento. Para Guimarães (1994), especialmente os homens vivenciam, dessa forma, o envelhecer quando se aposentam.

As mudanças corporais no decorrer dos anos vividos são consideradas as maiores evidências do crescimento e envelhecimento orgânico, servindo, muitas vezes, para argumentos de naturalização da velhice enquanto um período de perdas e de declínios (NOVAES 1996; PALÁCIOS 1995; NICOLINI 1994).

Para Vygotsky, o desenvolvimento constitui - se no entrelaçar dos processos elementares que embasam a dimensão orgânica, biológica, e os processos sócio - históricos

das funções psicológicas superiores. Não se compreende o desenvolvimento humano sem reportar essas duas linhas que dão a direção ao desenvolvimento humano.

"Podem-se distinguir, dentro de um processo geral de desenvolvimento, duas linhas qualitativamente diferentes de desenvolvimento, diferindo quanto à sua origem: de um lado, os processos elementares, que são de origem biológica; e de outro, as funções psicológicas superiores, de origem sócio - cultural. A história do comportamento da criança nasce do entrelaçamento dessas duas linhas" (VYGOTSKY, 1998, p. 61).

Buscando o suporte da teoria Vygotskyana, as mudanças corporais ocorridas ao longo do desenvolvimento dos sujeitos só poderão ser compreendidas enquanto parte desse desenvolvimento que, em sua complexidade, envolve dimensões orgânicas e psicossociais que dialeticamente constituem o sujeito. Os processos de saúde e doença serão compreendidos nessa dialética e complexidade.

Segundo Guimarães (1994), há, com o decorrer dos anos vividos, o decréscimo de algumas funções - no organismo - relacionadas ao aparelho circulatório, respiratório, a pele e ao sistema nervoso; mas, que é possível manter um bom nível de saúde apesar dessas mudanças. A saúde dos indivíduos não está relacionada à idade cronológica e sim ao estilo de vida que vai manter diante dessas modificações, entre elas, dietas adequadas, controle de doenças e exercícios físicos.

Os indivíduos que conseguem lidar com as limitações e possibilidades do envelhecimento corporal não buscam o rejuvenescer e nem o adoecer, mas procuram qualidade de vida resgatando a autonomia e o responsabilizar pelo seu processo de envelhecimento físico e psicossocial (GUIMARÃES 1994).

Mas, para Nicolini, a descoberta dos limites e das possibilidades do corpo é um processo que se desenvolve junto com o outro e que deve estar presente durante toda a vida do indivíduo e não somente quando esse envelhece:

"As mudanças constatadas ao longo do processo de envelhecimento dizem respeito a mudanças ou modificações cardiovasculares, respiratórias, musculares, do sistema ósseo, do neurológico, do metabólico, do sistema digestivo, de genito - urinário e, fundamentalmente da pele. Porém, o poder de sentir, de perceber e compreender essas mudanças não se altera fundamentalmente com a idade" (NICOLINI, p. 46).

Se os processos subjetivos falam da singularidade dos sujeitos, cada indivíduo vai lidar de forma singular com as mudanças físicas que ocorrem durante a sua vida. As formas com que cada pessoa constitui subjetivamente suas mudanças corporais não é um processo iniciado no envelhecer, mas é parte do desenvolvimento dos sujeitos desde o seu nascimento.

2.4. AS RELAÇÕES FAMILIARES E O PROCESSO DO ENVELHECER

Compreendendo a família a partir da perspectiva histórico - cultural, Cupolillo, Paula, e Costa (2001) referem - se a ela como um sistema social dinâmico marcado por contradições, imerso em um universo sócio - histórico e que, nessa dinâmica família - universo social, geram sentidos e significados próprios.

A família é um todo constituído pela subjetividade de seus membros e, só pode ser compreendida, nessa complexidade marcada por um contexto histórico cultural específico, portanto, singular.

Se a família constitui - se a partir de seus membros, estes, por sua vez, têm - na como suporte para o seu desenvolvimento. Rizzini (2001) afirma que embora ocorram mudanças na família no decorrer dos anos, esta continua sendo o principal suporte para o desenvolvimento dos indivíduos. Assim, as interações familiares são fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos. Esse desenvolvimento pode ser possibilitado pelos elos estabelecidos entre seus membros.

As interações são pertinentes ao momento atual de desenvolvimento dos membros da família e, estudá - la, serve para subsidiar a compreensão dos significados e dos sentidos do envelhecer.

Uma das implicações relacionadas ao envelhecer são as mudanças no indivíduo e na família à medida em que há mudanças decorrentes do desenvolvimento de seus membros (SOARES E FRANÇA, 1997), mudanças estas que são vivenciadas de acordo com o momento histórico a que pertence essa família.

Uma família que cuida de crianças pequenas desenvolve formas de interação diferentes das famílias em que os membros são todos adultos. Além disso, uma jovem aos

25 anos do início do século se envolveria somente com os cuidados dos filhos, não estando vinculada ao mercado de trabalho. Atualmente, muitas mulheres nessa faixa etária estão trabalhando e têm como suporte, na criação de seus filhos, as avós ou as instituições. Então a família é parte dessas mudanças sociais que falam de um momento histórico específico, ao mesmo tempo que constitui, ela própria, o contexto social.

Rizzini (2001) discute sobre as mudanças da modernidade repercutindo na condição psicológica do indivíduo, no seu cotidiano, e na sua família. As mudanças decorrentes da modernidade são rápidas e dão ao indivíduo uma sensação de desordem, e de confusão, ao mesmo tempo, é marcado por contradições.

As mudanças tecnológicas evidenciam melhorias nas condições de vida dos indivíduos, portanto, a expectativa de vida tem aumentado e é possível em uma família a co-existência de até quatro gerações. (MOREIRA, 1994).

E como essa família funciona sendo composta por membros de diferentes gerações? Como é conviver com membros na família que têm um tempo de vida cada vez mais longo?

Há famílias que poderão lidar com as mudanças ocorridas com o envelhecer de seus membros de forma acolhedora, dando os suportes necessários e permitindo formas de atuação dos idosos. Outras poderão tratá-los de forma hostil ou superprotetora, nos dois casos, cerceando suas possibilidades de atuar no cenário social familiar. (MOREIRA, 1994).

Para Cupolillo, Paula, e Costa (2001) a naturalização da velhice remete a representação social dessa como um momento de dependência e declínios.

Através do discurso social pode - se evidenciar essa representação. O idoso é chamado ora "velho", ora de "sessentão" ou "sessentona", inclui - se aqui as designações "terceira idade" ou "melhor idade" que falham na tentativa de evitar preconceitos e estereótipos ligados ao envelhecer porque mudam somente as palavras não produzindo isoladamente mudanças na representação social da velhice.

Há ainda as expressões utilizadas que são carregadas de termos pejorativos, como por exemplo: "Isso é problema de velheira", "Velho fica igual criança", "Isso é papo de velho", "Quando se fica velho tudo despenca". Na realidade essas falas evidenciam uma

representação social da velhice fortemente vinculada as impotências do envelhecer e não dimensionam às possibilidades de mudanças que os idosos possuem.

Cupolillo, Paula e Costa (2001) propõem que a análise sócio - histórica da velhice permite falar do desenvolvimento contínuo dos sujeitos. Para as autoras, se a compreensão da velhice foi por muito tempo de que aquele que envelhece é dependente de seus familiares, a relação dos avós com os netos denunciam uma outra realidade: esses avós, muitas vezes, cuidam dos netos, contribuem para a formação da sua família, não sendo somente um dependente dela. Se os avós aparecem como principal suporte para os pais na criação de seus filhos de 0 a 6 anos, os modelos e as configurações da família devem ser repensados a fim de compreender os papéis e as funções que os idosos assumem em suas famílias.

Há famílias com avós, pais e filhos; famílias sem filhos; famílias que não têm a figura dos netos; e uma infinidade de possíveis composições. Compreender o envelhecer a partir das diferentes estruturas e funções familiares pode dar mais subsídios para falar do indivíduo e sua família que não se restringe mais aos modelos tradicionais.

"Diante de tal diversidade de organizações familiares, somos levados a inferir que o próprio conceito de família tem se modificado através da história da humanidade. Da mesma forma, nos diversos contextos e papéis sociais que cada membro exerce, há uma reconfiguração dos modelos que se configuram através do engajamento de cada um dos seus membros no cotidiano da família com suas dinâmicas próprias" (CUPOLILLO, PAULA, COSTA, 2001, p. 120).

METODOLOGIA

TRAÇANDO CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO ENVELHECER

A constituição subjetiva do envelhecer, enquanto objeto, só se dará a conhecer através de um método que dê conta de sua totalidade, complexidade e dialética. Por não se revelar na exterioridade, exige um método que apreenda a sua essencialidade.

Para Frigotto, enquanto método, o Materialismo Histórico - Dialético assume a historicidade do conhecimento e a busca na totalidade dos fenômenos enquanto processos mediados e contraditórios. Ao redimensionar esses aspectos, a práxis é fundamental para a ação transformante e transformadora dos processos sociais. (1989)

O objeto de estudo proposto no trabalho de mestrado é construído a partir dos princípios do materialismo dialético, portanto só se dará a conhecer a partir de um método dialético

Se Vygotsky teorizava uma nova compreensão do homem, isso implicou a proposta de um novo método de investigação. Assim, ele propõe não só o resgate da reflexão da psicologia, mas uma nova metodologia para dar conta de compreender o objeto dessa nova psicologia.

A estrutura metodológica proposta por outros teóricos da Psicologia da época de Vygotsky não era considerada, por ele, suficiente para compreender a dimensão histórica e social dos processos psicológicos superiores. Vygotsky considerava que a abordagem materialista dialética podia conseguir essa compreensão. Essa afirmativa é o "elemento - chave" para compreender o homem. Materialismo histórico dialético porque se baseia na idéia de Engels de que o homem não é somente modificado pela natureza, mas modifica, cria - portanto, responsabiliza - se, sendo o "elemento - chave" para compreender esse homem.

Vygotsky (1998) propõe três princípios básicos para busca da compreensão dos processos psicológicos superiores:

A) Analisar processos e não objetos:

Processo fala de uma dinâmica dos processos constituintes que não está definido *a priori* e não possui estaticidade. Então não é uma psicologia experimental pura e sim um "advento " com a psicologia do desenvolvimento que pode dar conta desse objeto. Não a psicologia do desenvolvimento tradicional mas aquela que fala do processo.

Portanto, define como método de estudo o método chamado desenvolvimento - experimental: "Nosso método pode ser chamado de método "desenvolvimento - experimental, no sentido de que provoca ou cria artificialmente um processo de desenvolvimento psicológico." (p. 81).

Não basta descrever os fenômenos, mas compreender a dinâmica, sua gênese, retratando a sua história. A Psicologia do desenvolvimento permite esse reportar, por isso não considera que haja diferença entre a psicologia básica e a psicologia do desenvolvimento.

B) Explicação versus descrição:

Só a explicação dá conta das relações dinâmico - causais dos processos. De K. Lewin, Vygotsky retira a idéia da genotipia cuja análise fornece as relações dinâmico - causais dos fenômenos; e a fenotipia, que dá conta simplesmente dos aspectos descritivos dos fenômenos por se tratar da similaridade externa entre eles. Dois fenômenos fenotipicamente semelhantes podem ser genotipicamente muito diferentes, ao mesmo tempo, dois fenômenos fenotipicamente diferentes podem ser genotipicamente iguais.

Utiliza o exemplo da baleia para falar disso: a baleia fenotipicamente se assemelha aos peixes, mas do ponto de vista da genotipia está mais próxima dos mamíferos. Compreender as baleias, só é possível atentando-se a sua genotipia.

Se os objetos não possuíssem uma essencialidade e origem, e dessem a entender em sua externalidade, não haveria, para Marx, a necessidade das ciências. As observações cotidianas e leigas, que produzem o conhecimento do senso - comum, seriam suficientes para compreender os fenômenos. Mas, como esses possuem essencialidade, é necessário o conhecimento científico que possa acessá - la.

Busca-se, portanto, a sua essência ⁵ que muitas vezes foge da percepção direta do pesquisador. Os fenômenos podem ter origem e essência muito diferentes do que sua forma apresenta. Não dá para entendê-lo na imediaticidade porque sua natureza é mediada. Mas o fenotipicamente dado não é ignorado, porque serve de revelador dos fenômenos complexos.

C) O Problema do Comportamento Fossilizado:

Os comportamentos, no decorrer do desenvolvimento, diferem e distanciam muito de sua forma inicial, tornam-se automatizados ou mecânicos e muitas vezes dão uma idéia de naturalidade espontânea destes. Esse fato permite pouco acesso à essência e origem dos fenômenos.

Somente uma análise "dinâmico - causal" pode levar à apreensão do processo ao invés de descrever o "produto final" . "Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético" (VYGOTSKY, 1998, p. 85).

O sujeito é da mesma natureza do objeto:

"A procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo" (VYGOTSKY, 1998, p. 86).

As abordagens experimentais⁶ só consideram o comportamento fossilizado e não como ele se desenvolve. Se é realizado um experimento no qual a criança deve ler uma palavra, o que se registra são quantas vezes ela acerta aquela palavra. Dentro da pesquisa experimental o centro das atenções do pesquisador é a ação imediata da criança de acertar ou errar a palavra lida e não os processos envolvidos no comportamento de ler.

Isso implica ainda em considerar dois comportamentos como sendo iguais, mas que só são assim do ponto de vista da fenotipia. O ato de dirigir não pode ser considerado reflexo, mas parece que o é, porque depois do aprendizado e da prática do dirigir, esse torna

⁵ Este termo é utilizado por Vygotsky (1998) para caracterizar o aspecto qualitativo da origem, e do desenvolvimento dos fenômenos que, portanto, não podem ser compreendidos na sua aparência.

⁶ Essa crítica é feita por Vygotsky às abordagens experimentais oriundas dos trabalhos de Pavlov e seus seguidores.

- se fossilizado e tem uma fenotopia semelhante aos atos reflexos. Somente uma análise mais pormenorizada permite tirar esse engano.

Com os idosos, algo semelhante ocorre: comparam a sua dependência com a da criança, entretanto, é uma outra rede de significados que opera na relação do adulto com a criança e do adulto com o idoso.

Estudar esses fenômenos como processos - vivos implica que os mesmos comportamento fossilizados a serem estudados devem ser buscados em sua processualidade e origem. Vygotsky elucida que ao contrário daqueles que vêem o desenvolvimento humano como linear ...

"O pensamento científico, ao contrário, vê revolução e evolução como duas formas de desenvolvimento mutuamente relacionadas, sendo uma pressuposto da outra, e vice - versa. Vê também, os saltos no desenvolvimento da criança como nada mais do que um momento na linha geral do desenvolvimento" (VYGOTSKY, 1998, p. 97).

Portanto, em uma pesquisa, Vygotsky propõe que é imprescindível a busca da fala dos sujeitos estudados. Isso não seria a proposta da volta à introspecção, aliás, por ele muito criticada. O sujeito das verbalizações dentro de uma perspectiva Vygotskyniana não é, ao mesmo tempo, objeto de estudo e observador externo de si próprio. Então, o sujeito e o seu relato são colocados como fundamentais para que se possa estudá-lo

Se fala e pensamento levam ao planejar de ações e organização das funções psíquicas superiores, o relato dos sujeitos deve entrar nas pesquisas.

Ou se busca acessar estes conteúdos não manifestos diretamente ou não haverá possibilidade de estudá-los. "Por conseguinte, ou renunciamos a estudar o comportamento do homem em suas formas mais essenciais, ou introduzimos em nosso experimento o controle obrigatório desses movimentos internos" (VYGOTSKY, 1996, p.76)

O método que Vygotsky propõe pretende analisar os fenômenos como processos que precisam ser compreendidos no resgate de sua origem e desenvolvimento opondo-se ao aspecto aparential que diz pouco de sua essência. É, em sua historicidade e desenvolvimento, que os processos devem ser estudados.

Vygotsky (1998), propõe o método genético experimental em que se buscaria compreender os processos em seu desenvolver, reportando-se à sua origem e desenvolvimento. O experimentador é visto como um motivador para a fala dos indivíduos. Os experimentos podem ser realizados em diversos contextos e não somente no laboratório.

Ao tratar do estudo do pensamento e linguagem, Vygotsky diz:

"Para compreender a dinâmica dessa relação precisamos complementar a abordagem genética de nosso estudo principal com a análise funcional, e examinar o papel do significado da palavra no processo de pensamento" (VYGOTSKY, 1999, p. 156).

Para Vygotsky, a abordagem dialética deve ser norteadora de uma metodologia para o estudo das funções psicológicas superiores, já que traz esta idéia do homem enquanto ser modificado pela natureza e modificador dela.

" A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência. Essa posição representa o elemento - chave de nossa abordagem do estudo e interpretação das funções psicológicas superiores do homem e serve como base dos novos métodos de experimentação e análise que defendemos" (VYGOTSKY, 1998, p. 80).

Vygotsky propõe que, metodologicamente, as situações não sejam apenas rigidamente controladas, mas que ofereça oportunidade para que o sujeito engaje - se nas tarefas. Para Rey (1999), o comprometimento dos sujeitos no processo de pesquisa é fundamental já que o processo de produção do conhecimento ocorre nos contextos interativos em que pesquisado e pesquisador atuam ativamente.

Rey propõe a Epistemologia Qualitativa para o estudo da subjetividade (1997, 1999). Para este teórico, a reflexão epistemológica é essencial para propostas de novos métodos nas ciências sócio - antropológicas.

A Epistemologia Qualitativa surge enquanto proposta de uma construção epistemológica que dê suporte teórico ao desenvolvimento de novos métodos e metodologias na Psicologia. Propõe a subjetividade como seu objeto de estudo, a Epistemologia Qualitativa traz a idéia do caracter interativo e construtivo do processo de pesquisa.

Para Rey, há três princípios da Epistemologia Qualitativa que repercutem no nível metodológico:

A) O conhecimento é visto como uma produção construtiva - interpretativa. O conhecimento é constituído na relação sujeito - objeto. Não se reconhece no objeto estaticidade e nem a neutralidade do pesquisador.

Os conhecimentos prévios do pesquisador não podem sobrepor - se a esse momento da relação. "A teoria é um momento de sentido no processo de produção teórica, não é o esquema geral a que se deve subordinar este processo" (REY, 1999, p. 38).

Objeto e sujeito são subjetividades envolvidas ativamente na construção desse conhecimento. A interpretação é a possibilidade de dar sentido a expressão dos pesquisados, são indicadores que emergem dessa relação. Significados são construídos permanentemente nesses processos, daí a impossibilidade de se esgotar os fenômenos estudados.

B) O processo de produção do conhecimento enquanto um processo de carácter interativo. O enfoque não está no método utilizado, mas nos atores que atuam nesse processo: pesquisado e pesquisador. Como qualquer momento da comunicação humana há a imprevisibilidade. Não se pode descartar os momentos informais da pesquisa: enquanto pesquisador e pesquisando estiverem interagindo é um momento de pesquisa, mesmo que os instrumentos não estejam sendo utilizados.

O pesquisador é um facilitador da emocionalidade e reflexão dos processos presentes nos momentos de pesquisa.

C) "Significação da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento" (Rey, 1999, p. 40). A singularidade não é identificada como individualidade. Não é a quantidade de sujeitos que importa; mas, a possibilidade de conseguir construir novas significações para as necessidades daquilo que se pretende estudar no momento da pesquisa, o que dá o seu carácter de legitimidade.

"O conhecimento científico, desde esta perspectiva qualitativa, não se legitima pela quantidade de sujeitos estudados, senão pela qualidade de sua expressão" (REY, 1999,

p. 40). A construção do conhecimento se dá por um processo de continuidade e abertura, levando à novos sentidos sobre o objeto, mas não esgota a sua totalidade.

A pesquisa qualitativa descarta a idéia de que o objeto se conhece em sua externalidade, de que é possível controle, previsão e descrição como vias legítimas de compreender o objeto. Isso não significa impossibilidade do uso do quantitativo.

O objeto, em sua especificidade, não pode ser compreendido por vias diretas, o uso do quantitativo só tem significado se servir de via para o acesso da essencialidade do objeto.

Rey sugere categorias de análise que tenham a abertura e flexibilidade suficientes para dar conta de seu objeto. Todas as fontes de informações que levam a construções de sentidos são consideradas.

O PERCURSO DA PESQUISA

Ao eleger uma metodologia construtivo - interpretativa para a realização deste trabalho, o seu percurso só poderia ser construído através da relação dialógica entre a teoria, o trabalho de campo, e as discussões nos momentos de orientação.

O trabalho de campo iniciou - se a partir da realização da enquete de um projeto maior de pesquisa intitulado “Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais.”

Essa pesquisa tem como objetivo geral “[...] contextualizar, caracterizar e conhecer em profundidade a família goianiense [...]” (SOUSA, 2001). A enquete foi realizada através da aplicação de questionários em famílias da região metropolitana de Goiânia.

A enquete objetivava a obtenção de dados estatísticos a respeito das famílias goianienses, o levantamento de indicadores das dinâmicas familiares, sobretudo no que diz respeito à criação dos filhos, bem como a orientação para as escolhas dos participantes para as etapas posteriores desta pesquisa maior.

Os recursos estatísticos utilizados para escolha da amostra tiveram como referência o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1996. A metodologia utilizada para a escolha dos domicílios que foram entrevistados foi a da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, que é utilizada pelo IBGE. Através dessa técnica, alguns domicílios são escolhidos para participarem da pesquisa e são representativos da amostra a qual pertencem. (SOUSA, 2001).

A região metropolitana de Goiânia foi dividida em nove regiões: Central, Campinas, Norte, Leste, Sudeste, Sul, Sudoeste, Oeste e Nordeste. Foram visitados os domicílios caracterizados como particulares – para que se pudesse localizar as famílias e não os domicílios coletivos.

A aplicação da enquete em cada região ficou sob responsabilidade de um pesquisador/coordenador e os alunos/pesquisadores.

A pesquisa na região central ficou sob coordenação da orientadora desse trabalho de mestrado e a mestranda participou da enquete.

Os resultados foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa e puderam ser elucidados através dos referenciais teóricos de cada grupo responsável pelas regiões.

Os questionários foram analisados de duas formas: a primeira contou com o apoio de toda a equipe do projeto maior “Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais”, e a segunda, a análise específica das regiões.

Essas análises objetivavam a escolha dos participantes a serem entrevistados nas próximas etapas do projeto maior. Entretanto, serviram também como um banco de dados, auxiliando a escolha dos sujeitos que seriam entrevistados neste trabalho de mestrado.

Assim, esse inicia -se na aplicação da enquete fazendo parte então de um projeto maior de pesquisa “Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais”; mas, assume posteriormente uma trajetória particular que é a busca dos sujeitos para serem entrevistados para o trabalho de mestrado.

Os critérios de escolha dos sujeitos para a entrevista foram: a) sujeitos que foram pesquisados na enquete e que residem na região central de Goiânia; b) pessoas aposentadas ou em processo de aposentadoria; c) sujeitos com diferentes tipos de estruturas familiares; d) disponibilidade em participar da pesquisa.

Esses critérios justificam - se pelos objetivos deste trabalho que é compreender os processos subjetivos do envelhecer a partir das configurações trabalho, família, e a função da memória no idoso.

O procedimento de abordagem dos sujeitos seguia seguinte ordem:

- O contato, que era o momento em que a pesquisadora, através de ligação telefônica, entrava em contato com os possíveis participantes, explicando - lhes que haviam sido escolhidos para um novo trabalho de pesquisa a partir da análise do questionário (do projeto maior - integrado).
- O contrato entre a pesquisadora e os sujeitos em que aquela apresentava o trabalho de investigação, seus objetivos, bem como discutia com os participantes a disponibilidade destes em participar do processo.
- As entrevistas que foram realizadas na residência dos sujeitos com dias e horários marcados previamente. Ao trabalhar com um método construtivo -

interpretativo, as entrevistas foram semi - estruturadas por possibilitar a flexibilidade no diálogo entre entrevistados e entrevistadora que aquele método exige.

As três abordagens não envolviam necessariamente três encontros. Em cada caso, os caminhos trilhados, quanto aos números de encontros da entrevistadora com os sujeitos, foram se constituindo segundo a disponibilidade dos participantes e a possibilidade de compreensão do fenômeno por parte da pesquisadora.

Os primeiros entrevistados foram o senhor Daniel e a senhora Marta. Foram realizados mais cinco contatos. Também, realizaram - se entrevistas com mais dois sujeitos: a senhora Renata e o senhor Paulo. Todas as entrevistas constaram de um a cinco encontros.

A análise das entrevistas foram feitas através do método construtivo – interpretativo. Foi um trabalho processual e interativo. Na medida que revelava novos horizontes de compreensão do envelhecer, dava direções quanto à construção de indicadores, norteando os possíveis passos a serem tomados no trabalho de campo e na construção do trabalho escrito.

Assim sendo, esse procedimento não pretende esgotar o fenômeno da constituição psíquica do envelhecer, mas objetiva elucidar possíveis direções à sua compreensão. Trabalho processual que é marcado pelos limites e possibilidades do olhar da pesquisadora e da sua orientadora, da realidade revelada pelo empírico, das contradições e dos significados e sentidos produzidos nesse processo de construção dos dados.

CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: OS PARTICIPANTES

SENHOR DANIEL:

O senhor Daniel tem sessenta e sete anos. É casado com a senhora Marta. Mora com ela e uma neta. Mudou - se do interior de Goiás para Goiânia. Tem dois filhos. A filha mora em outro estado e o filho no interior de Goiás. Trabalhou como profissional autônomo, foi técnico de rádio e TV. Aposentou - se com cinquenta e dois anos. Após a aposentadoria trabalhou durante onze anos em uma instituição governamental saindo de lá em 1995.

SENHORA MARTA:

A senhora Marta tem sessenta anos. É casada com o senhor Daniel. Mora com ele e uma neta. Mudou - se do interior de Goiás para Goiânia. Tem dois filhos. A filha mora em outro estado e o filho no interior de Goiás. Era enfermeira e professora universitária. Aposentou - se com cinqüenta e cinco anos. Não voltou ao mercado de trabalho após a aposentadoria.

SENHOR PAULO:

O senhor Paulo tem quarenta e cinco anos. É solteiro. Mora sozinho. Mudou - se de Minas Gerais para Goiânia. Não tem filhos. Seus parentes moram em Minas Gerais. Era fotocompositor. Aposentou - se aos quarenta e um anos. Continua trabalhando como digitador na mesma empresa na qual se aposentou.

SENHORA RENATA:

A senhora Renata tem noventa anos ⁷. É viúva. Mora com duas funcionárias. Mudou - se do interior de Goiás para Goiânia. Não tem filhos. Seus parentes moram em Goiânia. É aposentada e não atua no mercado de trabalho.

Na construção dos dados, as técnicas de coleta desses foram: os questionários respondidos pelos sujeitos na projeto "Criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais", as entrevistas e os diálogos estabelecidos nos momentos informais da pesquisa. Os relatos dos questionários e das entrevistas estão no anexo desse trabalho.

⁷ Quando a senhora Renata respondeu o questionário tinha oitenta e nove anos. Quando participou da entrevista tinha completado noventa.

CONSTRUÇÃO DOS DADOS

*** SENHOR DANIEL:**

Os momentos de interação do senhor Daniel com a pesquisadora realizou - se em cinco encontros. O primeiro deles foi a aplicação do questionário do projeto integrado “Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais”.

Quatro meses depois a pesquisadora entrou em contato com o senhor Daniel e iniciaram as entrevistas que se deram em mais quatro encontros. A cada encontro realizado, foi possível levantar indicadores e, a partir deles, construir os caminhos das entrevistas posteriores. A primeira entrevista teve como eixo norteador o cotidiano do entrevistado. A partir dessa entrevista, foi possível levantar alguns indicadores sobre a constituição subjetiva do envelhecer nesse sujeito.

Assim, a outra entrevista focou as mudanças significativas na vida do entrevistado. Novos indicadores emergiram e outros foram melhor elucidados, o que permitiu a construção da temática das últimas duas entrevistas: as mudanças significativas com o aposentar, a vinda da neta para a sua casa e o adoecer.

Vale ressaltar que a aplicação do questionário, a primeira e a última entrevista foram com o casal, a senhora Marta e o senhor Daniel, entretanto, a análise delas foi realizada separadamente.

A partir dos relatos do senhor Daniel sobre o seu percurso profissional desde a escola até a aposentadoria, foi possível construir indicadores sobre como o trabalho se configura na sua constituição subjetiva.

No terceiro encontro, quando a entrevista foi iniciada através do questionamento sobre as mudanças mais significativas na vida do senhor Daniel, esse reportou - se à sua formação profissional:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- Foi... já faz tempo né? É tem 15 dias. Eu na entrevista passada a gente conversou um pouco sobre a vida na família, no trabalho, e aí vocês falaram de algumas mudanças ... então hoje eu gostaria de começar perguntando pro senhor... Quais foram as mudanças mais significativas, na sua vida?</p> <p>- Foi meio na marra que ela conseguiu?</p>	<p>- Mudanças significativas ... eu te contei foi da escola né? Que eu vim para escola né? Tal, escola técnica, fiz curso aí, depois fui obrigado a parar porque meu pai não cuidava da minha família, bebia muito, então eu voltei e assumi a família, com 16 anos assumi a família, minha mãe e três irmãs, e aí foi até casar, casou uma, casaram duas, é casaram duas ... uma nunca se casou ela tá lá em Brasília, aliás tá até melhor de vida ela, trabalhou na câmara dos deputados, aposentou lá na câmara dos deputados, mas foi meio na marra, não tinha estudo, mas ...</p> <p>- É ela conseguiu vencer, trabalhou muito, mas venceu e ... aí ... depois viemos para Goiânia em 77, nos mudamos pra Goiânia, os meninos tudo, o meu menino terminou o ginásio naquela época era o ginásio que entrava, então nós viemos pra Goiânia, mudamos, a Marta acho que veio primeiro de janeiro; ela veio antes e eu fiquei com os meninos até acabar de estruturar tudo, nós mudamos pra cá em março de 77, e aí viemos. Ela trabalhou no hospital</p>

<p>- O pior pedaço?</p> <p>- E como é para você essa aposentadoria, toda essa caminhada do trabalho, o que a aposentadoria te fez pensar... Quando aconteceu, como foi para você?</p>	<p><i>Neurológico, foi uma batalha terrível, trabalhava dia e noite, pra poder sustentar, porque nesta época eu estava desempregado ainda né?. Tentei aqui e não consegui, depois voltei a trabalhar em Rio Verde outra vez, o pior pedaço da minha vida foi esse...</i></p> <p>- É foi. Voltei a trabalhar em Rio Verde, e o final de semana eu vinha, chegava aqui sexta feira à noite, Domingo à noite voltava a trabalhar lá. Acho que uns 4 a 5 anos, aí voltei pra cá outra vez e aí fiquei na luta até conseguir um emprego aí em 84, consegui entrar na Celg, aí fiquei trabalhando ... na Celg, trabalhei 11 anos, em 95 fui dispensado, é esses troços de governo, cê conhece né? Então fui dispensado, não só eu, mas muita gente. Os mais velhos foram todos dispensados e daí em diante nunca mais trabalhei. Quando eu entrei lá já era aposentado, mais vamos levando né? (quando fala da aposentadoria o tom de voz é mais depressivo).</p> <p>- A aposentadoria foi o seguinte, eu passei, eu me aposentei eu já tinha 39 anos de trabalho, contribuindo, eu trabalhando como autônomo, eu tive uns espaços, que eu falhei de trabalho, todinho eu tive que pagar com juros e correção e multa, eu paguei tudo, e a minha renda naquela época era pequena, não era grande a renda, então para mim tá tirando do</p>
---	--

	<p><i>pouco que tem pra pagar o INSS eu pagava dobrado era como empregado e empregador. Então ficava muito dispendioso pra mim então resolvi aposentar, foi no final de 82, se não me engano, em 82 eu aposentei ... aí em 84 vim pra cá, entrei na Celg.</i></p>
--	---

Trabalhar em uma cidade longe da família como opção por não conseguir emprego em Goiânia é subjetivado como uma experiência negativa.

Além desse fator, o significado do trabalho está vinculado fortemente aos valores financeiros. Estar desempregado torna - se uma situação difícil porque não tem dinheiro para ajudar nas despesas domésticas; sendo o suprimento das despesas familiares uma função do homem na sociedade brasileira. Não relata que é difícil ficar sem as atividades que realizava no trabalho. Aposentar é uma opção para não pagar o INSS, não ter maiores prejuízos financeiros.

Trabalhos eminentemente técnicos são destituídos de significados de criação e produção intelectual tornando o sentido de sua produção vinculado somente a obtenção de recursos financeiros (ANTUNES, 2001). Vincular o trabalho fundamentalmente ao seu valor financeiro faz parte a subjetividade social nos países capitalistas, promovendo segundo Bock e Gonçalves (2001, 2001a) a massificação e cerceamento da autonomia dos sujeitos.

A interrupção dos estudos é significada pelo senhor Daniel a partir de uma imposição externa - o fato de ter que cuidar da família aos 16 anos - e não como uma escolha. Assim, as dificuldades encontradas frente a profissionalização e ao trabalho envolvem um nível de consciência que não lhe proporciona o sentido de autonomia frente a essas dificuldades.

Compreende - se que o desemprego e as situações de trabalho do senhor Daniel não proporcionaram o suprimento de suas necessidades financeiras e nem sociais, e essas experiências foram subjetivadas como um cerceamento da autonomia, da possibilidade de modificação dessa realidade a partir das ações dele. Ele se considera um escolhido para não estudar e, mais tarde, na Celg, um dispensado do trabalho.

Continuando a entrevista acima referida:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- Em 82 o senhor ainda estava em Rio Verde?</p>	<p>- É, já tinha aposentadoria, era pequena, mas era melhor que tá pagando, em vez de pagar eu recebia um pouquinho né? Então amenizava um pouquinho as despesas. <i>Aí vim entrei na Celg, na Celg foi melhor, o salário auxiliava mais, né? Juntava com a aposentadoria, auxiliava nas despesas né? Aumentava o rendimento. Depois de 95 me dispensaram, aí voltei a ficar com a aposentadoria novamente</i> (sorri).</p>

Os fatos relatados pelo senhor Daniel trazem evidências da pouca consciência da autonomia, do responsabilizar - se por sua trajetória de vida. É melhor receber do que pagar, foi dispensado, e não acredita em sua capacidade para conseguir emprego na sua idade.

A partir das idéias de Stano (2001) e Antunes (2001), aposentadoria para o senhor Daniel é vivenciada em conformidade com as relações que estabeleceu com o trabalho durante toda a sua trajetória profissional. A aposentadoria não representa uma ruptura com os momentos anteriores da constituição subjetiva do trabalho. Se esse foi subjetivado a partir de conflitos inerentes ao suprimento das necessidades desse sujeito, possuindo o valor financeiro como preponderante, a aposentadoria envolve a continuidade desses conflitos e valor.

Se o valor financeiro produzia sentidos e significados singulares com relação ao trabalho, a aposentadoria configura - se a partir daí. Se durante a trajetória profissional o comprometimento do senhor Daniel com o trabalho passava antes pelo financeiro do que por um vínculo emocional satisfatório, a exclusão social propiciada pela aposentadoria é dimensionada principalmente a uma exclusão financeira.

Em uma das entrevistas, relata que o pior pedaço de sua vida foi quando a família morava em Goiânia e ele trabalhava em outra cidade, e que se aposentou quando ainda

trabalhava lá. A entrevistadora indaga sobre a diferença de aposentar e ter saído do mercado de trabalho.

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- <i>E foi diferente de quando o senhor aposentou lá e veio pra Goiânia, de quando o senhor foi demitido?</i></p> <p>- <i>O que foi diferente?</i></p> <p>- <i>É, sim.</i></p> <p>- <i>Na época que ela era diretora.</i></p>	<p>- <i>Foi diferente ... foi diferente.</i></p> <p>- <i>Você disse de Quando eu vim de Rio Verde?</i></p> <p>- <i>Quando eu vim de Rio Verde pra cá foi mais difícil né? Porque naquela época a Marta não era aposentada, trabalhava. Ai ela foi pra faculdade, pra fazer faculdade e no instituto, e depois ela saiu do instituto, ficou só na faculdade, inclusive ela foi diretora da faculdade. Lá, aquele prédio que tem na enfermagem, na instituição foi ela que construiu.</i></p> <p>- <i>Na época que ela era diretora, em 4 anos ela construiu aquele prédio. Então o período que foi mais difícil foi esse de vinda para cá. Quando eu vim, de vinda pra cá foi muito difícil porque não tinha emprego, então ficava vivendo mais as custas dela praticamente porque a aposentadoria é muito pequena.</i></p>

Os motivos para o trabalho envolviam a sobrevivência, não o envolvimento afetivo satisfatório, e nem as conquistas do trabalho. Assim, não há o reconhecimento do seu trabalho como criação a partir de uma autonomia para o criar, o seu trabalho não se

vinculou a criação ou produção intelectual, e sim a uma atividade técnica que objetivava diretamente a obtenção do salário.

No segundo encontro, ao falar sobre o seu cotidiano, a entrevistadora pergunta sobre a aposentadoria:

Pesquisadora	Senhor Daniel
	<p>- <i>É. Eu saí de lá em 1995, abril de 95. De 84 a 95 trabalhei na celg. Mas já era aposentado né? ... mas era uma complementação do salário né?. E hoje não, hoje não tem nada.</i></p>

Não poder produzir, ser útil a manutenção da lógica capitalista é não ter nada ou ter pouco suporte para lidar com as mudanças oriundas do processo do envelhecer. Além disso, os ganhos financeiros não lhe propiciam a manutenção de suas necessidades.

Se esses indicadores aparecem no segundo e o terceiro encontro, no quarto novamente são evidenciados. A entrevistadora pergunta a respeito da mudanças significativas a após a saída do mercado de trabalho.

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- <i>E uma outra questão que ficou foi a questão do que mudou na vida de vocês com a aposentadoria, porque eu sei que depois que o senhor aposentou e depois continuou a trabalhar. Mas depois que o senhor saiu do mercado de trabalho, o que mudou?</i></p>	<p>- <i>Uai, muda justamente isto aí. Você tem aquela atividade de todo dia acordar cedo, ir pro trabalho, voltar, almoçar, voltar pro trabalho novamente. Hoje normalmente eu levanto cedo porque tem que levar ela para escola. Ou eu ou a Marta, mas mesmo assim, nós levantamos cedo. Não levanto tarde, levanto</i></p>

	<p><i>cedo, faço o café, tomo o café, eu vejo os jornais, vejo televisão, aí normalmente eu dou uma saída, volto as 11:00 h, meio dia, e à tarde leito jornal, leio um livro ou uma revista, faço uma palavra cruzada (fala rindo, ironizando), para preencher o tempo né? Porque eu não gosto muito de televisão, o que eu ainda vejo é mais jornal. Gosto de ver os jornais, jornal eu vejo. De manhã o Bom Dia Brasil, e vejo o Jornal Hoje na hora do almoço e vejo o, o, o Jornal Nacional. E o preenchimento da gente é isto.</i></p>
--	--

O trabalho não foi significado como um espaço de atuação, de criação a partir de uma autonomia desse sujeito, a aposentadoria é antes um momento de paralisação, de exclusão do que de novas realizações, de novos projetos de vida.

Se, na subjetividade social, a aposentadoria representa a exclusão daquele que não produz porque não é útil à produção de riquezas no sistema capitalista, o senhor Daniel ao subjetivar a configuração do trabalho a partir do valor financeiro, resgata a ideologia capitalista do envelhecer como um processo de perdas, declínios e exclusão.

A configuração subjetiva da sua relação com as mudanças corporais evidenciam os sentidos e significados do envelhecer como um processo de perdas e declínios. O senhor Daniel fala das mudanças corporais como um processo inevitável de declínio com o qual é preciso se conformar. Lida com as mudanças corporais como um processo de impotências.

Na terceira entrevista, o senhor Daniel fala da sua relação com a neta e da dificuldade em assumir sua educação porque pertence a uma geração diferente da geração dos seus filhos. A pesquisadora então pergunta sobre mudanças e estas são traduzidas, por ele, como um processo de declínio, de impossibilidades:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- Ah! E o senhor disse assim que a medida que a idade vai passando vai perdendo um pouco a potência, brigar, ficar... Quando o senhor começou a perceber essas mudanças?</p> <p>- E como que o senhor reage a todas essas mudanças?</p>	<p>- Essas mudanças? Ah! Essas mudanças a partir dos 60 anos cê nota essas mudanças. A pessoa, nós, a gente começa a cair nos 40, até aos 40 você tá só subindo. Nos 40 só desce, você nota a diferença nos 40, até aos 40 tudo é subindo, tudo é potência, passou dos 40 anos você começa a ... é igual a uma curva, que passa ascende e depois ela vai se descendo ...</p> <p>- Eu não tenho ... as circunstâncias que vão mudando né?... quer dizer, você, você vai diminuindo o trabalho, vai ficando mais fraco, não tem a mesma agilidade pra fazer determinadas coisas, vai gradativamente cê vai diminuindo, a vista vai acabando, o olfato diminuindo, então você vai, a memória vai ficando mais fraca, então você vai ... a parti dos 40 anos você começa a decair. Eu por exemplo, usei óculos, nos 46, 47 anos. O médico disse que era, tinha sido até uma vantagem muito grande pra mim, normalmente tem gente que aos 35 anos já começa. Uso óculo só pra de perto, de longe eu não uso ainda não. Mas então você caindo, caindo ... até cair geral (ri).</p>

O senhor Daniel subjetiva os processos de mudanças corporais como naturalizantes e universais em que a juventude (até os quarenta anos) representa um período de potências na vida do ser humano, e o envelhecer, de declínio e impotências.

Se, a partir da aposentadoria, vivencia uma ociosidade sem projetos de vida, a sua atenção concentra - se nas impotências do envelhecer, nas quais o adoecer e as mudanças corporais são as maiores evidências delas (Guidi 1994). Buscar os problemas de saúde aparecem como alternativa para justificar a naturalização do envelhecer como um processo de declínio, do adoecer.

A quarta entrevista é realizada somente com o senhor Daniel porque a senhora Marta está adoentada. A entrevista é iniciada da seguinte forma:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- Então por falar em saúde, já que a Dona Marta está doente, eu queria perguntar pro senhor: como que é esta questão de lidar com o adoecer, se houve períodos que o senhor foi sentido que foi adoecendo ou não.</p> <p>- No útero? (não havia entendido)</p> <p>- O senhor acredita que com a idade apareceram...</p>	<p>- Problema graças á Deus não tem dado. Mas tem tido uns problemas. Aí que vem, e faz uma cirurgia, e depois passa. Eu por exemplo, eu fiz duas cirurgias de érnica de disco e de próstata. É assim .. a de próstata eu estou recuperando até hoje, continuo em tratamento. Eu tive câncer, né? Câncer, eu tive e a Marta também teve - sua fala não tem um tom depressivo - câncer no útero.</p> <p>- No útero. Tirou os ovários e foi (tom de voz mais depressivo, muito baixo, não deu para entender o que disse). É a idade né? A idade é aquela história, um dia você amanhece com uma dor aqui, uma dor ali né? - sorriu.</p> <p>- Ah, vai sim. Isto é normal (falou baixo). Depois de uma época cê via subindo até os 40, depois é só descer, vai piorando, cada dia</p>

<p>- <i>E como o senhor lida com estas mudanças?</i></p>	<p><i>que cê passa cê vai piorando, padecendo cada dia que passa, cê vai enfraquecendo, o ouvido não funciona como era, o olfato não funciona alguma coisa, a cabeça, normalmente eu por exemplo estou com 68 anos, é, é difícil mas perde mesmo, perde tudo... os movimentos, a agilidade, vai, vai diminuindo tudo mesmo, a idade vai diminuindo tudo, os reflexos, vai diminuindo...</i></p> <p>- <i>Ué, tem que lidar com naturalidade né? Com naturalidade de acordo com o que vem agente vai procurando solucionar - tom de voz mais alto, mais "vivo" - , solucionar, resolver, e aquilo que a gente pode tolerar tolera, e vai levando... Quando piora vai ao médico ... - (falou muito baixo daqui pra frente não sendo possível entender).</i></p>
--	---

A aposentadoria na sociedade capitalista representa o registro social da velhice, e indica o caminho do envelhecer enquanto um processo de declínio como a única possibilidade daquele que aposenta (Caldas, 1997, Soares e França, 1997). Se esse é um significado do envelhecer na subjetividade social, para o senhor Daniel constitui - se, subjetivamente, na medida em que suas principais limitações físicas são apontadas a partir dos 60 anos, quando ele sai do mercado de trabalho.

Nesta mesma entrevista, ao falar das novas atividades que sua esposa exerceu após a aposentaria, relatou que ela saiu do curso de pintura para cuidar dele quando fez a cirurgia relacionada ao câncer. A pesquisadora então pergunta:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- <i>E como foi para você, tanto para o senhor quanto para a dona Marta descobrir que estavam com câncer?</i></p>	

	<p><i>- Tem que aceitar né? Eu por exemplo descobri casualmente que eu tinha. Eu não sentia, não tinha sintoma, não tinha nada, mas eu nunca tinha feito o exame de próstata, então via nas revistas, nos jornais, tudo o que tinha que fazer então "vou fazer". Fui lá e já estava com o câncer. Apesar que o meu não ocorreu metástase, eliminou tudo, até hoje não constatou mais nada.</i></p>
--	--

A descoberta do câncer ocorre após aposentar, ao ler uma reportagem sobre o assunto procura um médico e descobre que está doente. Se o adoecer é visto como um processo natural do decorrer da idade, e o aposentar é o limite de entrada na velhice (FRANÇA, SOARES, 1997), só lhe resta adoecer.

O significado do valor financeiro, da ideologia do sistema capitalista na constituição psíquica do senhor Daniel é mais uma vez evidenciado quando esse relata que abandonou o tratamento de câncer por causa do preço. Se o declínio físico no decorrer dos anos vividos é para o senhor Daniel um sentido central do envelhecer, se para ele é algo natural que vai acontecer de qualquer forma, não há razões para levar em frente o tratamento dos problemas de saúde especialmente se esse tem um alto custo financeiro.

O afastamento das atividades sociais é uma outra dimensão do envelhecer que é naturalizada pelo senhor Daniel. Se há algumas limitações impostas pelas mudanças físicas, não há a busca de outras possibilidades de atuação fora do âmbito familiar

Na terceira entrevista, ao falar das visitas feitas aos filhos, relatou que a esposa foi para a casa da filha e teve que retornar às pressas para votar para o reitor da universidade. A pesquisadora indaga sobre o contato da senhora Marta com a universidade.

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- Então ela ainda tem contato com os alunos?</i></p>	<p><i>- Tem contato. A filiação dela na faculdade tá tudo lá. Participa de tudo ainda. O sindicato, ela faz parte de tudo. O inativo né? Ela participa. Não participa mais porque a</i></p>

<p>- Do quê?</p> <p>- Quais as razões?</p> <p>- Quais as razões pra vocês estarem recusando convites, não aceitando?</p> <p>- Mas não gostava ou passou a não gostar?</p> <p>- E ela largou por problema de saúde ou não?</p>	<p>gente não frequenta muito né? A gente não aceita os convites. É outra coisa que a idade afasta a gente.</p> <p>- Quando a gente é novo a gente vai em tudo quanto é festinha, aniversários, tudo a gente vai. Depois de uma certa idade precisa ser muito íntimo pra gente ir. Praticamente não temos ido a casa nenhuma. A gente afasta de tudo, inclusive da sociedade, dessa coisa de</p> <p>- Heim?</p> <p>- É as acomodações mesmo. A gente chega neste ambiente não acha muito bom... Até que eu não sou muito não, mais a Marta. Mas agora pra ir sozinho fica mais difícil né? Ela não gosta.</p> <p>- Passou a não gostar, aliás, ela tomava uma cervejinha, ela fumava, largou de fumar, largou de tomar cerveja. Então ficou mais ... acho ... que foi isso.</p> <p>- É, o cigarro ela largou. A bebida, bebida, bebia só socialmente né? Mas normalmente nestas festinhas, aniversários tomava um gole de cerveja, coisa, mas e aí hoje não tomou de jeito nenhum, largou o cigarro, largou a cerveja, disse que um puxa o outro.</p>
---	---

<p>- E o senhor?</p> <p>- E beber?</p> <p>- Em que ocasiões?</p>	<p>- Eu nunca fumei.</p> <p>- Beber, bebia também. Tomo uma cervejinha até hoje.</p> <p>- Ah! Eu hoje tomo só aqui em casa mesmo. De vez em quando, me dá um palpite, passo 15, 20 dias sem tomar uma, depois eu pego uma latinha, dá vontade eu tomo!</p>
--	--

As relações sociais foram sendo constituídas dessa forma ao longo da vida do senhor Daniel, não sendo portanto um aspecto do envelhecer.

O senhor Daniel relata que o fato de alguns amigos terem falecido faz com que esse afastamento aumente. Os contatos sociais ficam mais restritos aos filhos e aos netos.

Seguindo a mesma entrevista a pesquisadora pergunta sobre os amigos do senhor Daniel.

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- O contato foi diminuindo?</p> <p>- Quando vocês encontram?</p>	<p>- É. Foi diminuindo. Agora os meus amigos antigos, de juventude, os que não morreram (ri), a maioria já morreu, ainda temos contato. Quando encontra é muito bom.</p> <p>- Isto é raro! Não é muito freqüente não. Lá em Rio Verde, eu sou de Rio Verde, os amigos de época minha, a maioria já morreram quase tudo... A família da gente vai acabando, eu por exemplo, tento só duas tias, irmãs da minha mãe, irmã do meu pai não tem ninguém mais. E essas minhas tias tão velha, uma até tá boa, ela tá com 95 anos, mas a memória é boa, é velhinha mas tá boa. Mas a outra tida tá</p>

<p>- E os amigos daqui?</p> <p>- Não tinha antes ou?</p> <p>- E o que vocês fazem hoje para se distrair, se divertir?</p>	<p><i>memória não tá valendo nada, praticamente, tá até de cama, quebrou a perna, foi hospitalizada, tá com 2 meses que eu estive lá, ela está com 89 anos...</i></p> <p>- <i>Amigos daqui eu quase não frequento né?</i></p> <p>- <i>Não tinha.</i> <i>É, como eu tô dizendo, vai afastando, você vai afastando, e a idade que vai chegando, você vai afastando porque evita também. Tem gente mais nova, gosta de festa, você não enquadra muito bem com aquilo. Não bebe mais. Então você fica meio alheio a festa.</i></p> <p>- <i>Você sabe que eu não faço praticamente nada, a não ser televisão e rádio. Eu gosto muito de rádio ouço rádio, CD, tenho CD, mais é mais televisão. Gosto de noticiário, agora a Marta vê fita de filme, vê televisão o dia inteiro quando ela tá aí... Vai ao cinema de vez em quando. Agora minha filha por exemplo quando ela tá aí, é difícil de ela não levar a gente no cinema.</i></p>
---	--

Se o trabalho não lhe proporcionou vínculos sociais mais estreitos, e os amigos faleceram, tornando restrita a sua rede de relações sociais, o senhor Daniel não buscou novas formas de lidar com esses problemas através da criação de novos espaços de atuação social fora do vínculo familiar. O nível de consciência com relação a sua autonomia permite - lhe apenas naturalizar o envelhecimento como um momento inevitável de isolamento social.

Para o senhor Daniel, juventude é potência, é diversão; envelhecer significa impotências, e isolamento. Mantendo - se fixo a essa representação do envelhecer e do rejuvenescer não produz novos sentidos das possibilidades de atuação nesse momento de sua vida.

Na mesma entrevista do trecho acima, o entrevistado relata que vai ao cinema, bares e churrascarias somente quando a filha vem a Goiânia. A entrevistada então pergunta:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p data-bbox="220 663 786 786"><i>- E nesses 25 dias que o senhor ficou em Palmas, Quais atividades que o senhor realizava com a netinha?</i></p> <p data-bbox="312 1346 611 1379"><i>- De amigos da sua filha?</i></p>	<p data-bbox="805 804 1364 1323"><i>- Ficava o dia inteiro com ela. Brincava com ela, ela me puxa o dia inteiro "Vô vem cá", as tarde eu saia com ela. Minha filha (acabou a fita). Era os passeios. Tem um outro tio dela, não é tio, é tio da minha filha. Tio dela, irmão da Marta, que mora lá, tem uma banca de às revista, às vezes ia na banca de revista. Lá tem outra praça também. Foi a praça do Palácio ou na praça da banca de revista. Lá a gente também ia em festinha de amigos da M. (filha). As vezes eu ia.</i></p> <p data-bbox="805 1391 1364 1570"><i>- É. Amigos da minha filha. Aniversários de filhos, levava lá. Às vezes aniversários de gente grande mesmo, amigos deles.</i></p>

O pouco nível de consciência com relação a outros sentidos e significados das experiências subjetivadas que vão além do valor financeiro, bem como uma atuação mais autônoma frente as dificuldades, acarretam na subjetivação das impotências, nas configurações do trabalho, do corpo e das relações sociais e familiares.

O senhor Daniel mora com uma neta que veio para Goiânia estudar. Em uma entrevista que tinha como eixo norteador elucidar mudanças produzidas com o aposentar, com a vinda da neta, e o adoecer, a entrevista foi iniciada com as questões relativas com o adoecer, e em seguida sobre as mudanças ocorridas com a vinda da neta. O senhor Daniel disse que muda tudo, o ambientes passam a ter movimento.

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- E como foi este período? Antes dela vir e já não estando mais trabalhando?</i></p>	<p><i>- Era, era, pacífico. A mesma coisa, eu não tinha o que fazer. Às vezes saía, fazia supermercado, só isto, não tinha atividade nenhuma. A Marta é muito caseira, então ela tem as atividades dela, ela pinta, borda, faz as, os trabalhos manuais de, de mulher que ela gosta de fazer. Mas ela fazia bolo, biscoito, estas coisa, mas ultimamente ela quase não faz isto. Agora ela pinta.</i></p>

Com a vinda da neta, a atividade da casa aumenta; mas, o seu nível de atuação é o mesmo. Para ele é a mesma coisa de antes, não tem o que fazer. Parece que ele acompanha o movimento, mas não participa dele ativamente. Significa as atividades de sua esposa, mas não consegue dar sentido às suas.

Continua a entrevista relatando que a esposa, antes de aposentar, não tinha tempo para dedicar a atividades caseiras, mas que isso foi possível após a aposentadoria. Mais uma vez fala da atuação da esposa e não sua; então a entrevistadora questiona:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- Ai o senhor disse que a Marta. Descobriu a pintura e outras atividades. Que descobertas o senhor fez depois que (antes de eu terminar)</i></p>	<p><i>- Eu não fiz nada (fala rindo). Não fiz nada. Eu passo a minha vida só mesmo com leitura.</i></p>

O trabalho para o senhor Daniel não se configurou subjetivamente como um espaço de produção e criação, as atividades que assume após a aposentadoria possuem o sentido do "não fazer nada", dá continuidade ao não criar, ao não produzir. A forma que o senhor Daniel interrompe a fala da entrevistadora e que ri de forma irônica quando fala de suas atividades atuais, denotam os conflitos vividos com relação ao assumir a condição de trabalhador e de aposentado.

No segundo encontro, que objetivava conhecer o cotidiano do senhor Daniel, a entrevista inicia com a seguinte questão:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- <i>Então, seu Daniel, talvez fosse interessante que a gente começasse hoje com você falando um pouco do seu dia a dia mesmo, do seu cotidiano, das suas atividades.</i></p> <p>- <i>E este caseiro seria o quê?</i></p>	<p>- <i>Atualmente eu sou aposentado, serviço é só caseiro mesmo não tenho atividade a não ser o serviço de casa. Né?</i></p> <p>- <i>É eu mexo com conserto pia, conserto porta, com estas coisas de casa, eu faço... mas é isto, leio jornal na parte da tarde, vejo programa de jornal na televisão mas...</i></p>

As funções que assume dentro de casa também não são valorizadas pelo senhor Daniel como atividades, já que essas não dão um retorno financeiro.

Se há espaços de atuação nos quais o senhor Daniel tem um envolvimento emocional insatisfatório como o trabalho, a atividade de leitura e as atividades domésticas, a sua interação com a neta mais nova evidencia um espaço de atuação em que o envolvimento emocional satisfatório é muito marcante.

Na terceira entrevista, o senhor Daniel fala das mudanças que ocorrem com a idade como um processo de declínio, e a entrevistadora pergunta:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- E há coisas boas no envelhecer?</i></p> <p><i>- Não.</i></p>	<p><i>- Há! Os netos, por exemplo mesmo, são fabulosos. O que você não pôde fazer pros filhos, porque na época que tá criando os filhos é aquela luta de trabalhar o dia inteiro, de se cuidar, você sabe né? ... Você tem filho?</i></p>

O trabalho é subjetivado como um empecilho a uma boa relação com os filhos, tanto nos momentos em que ele fala da sua ida para Rio Verde trabalhar, quando a sua família morava em Goiânia, quanto quando fala da sua relação com os netos.

No final da terceira entrevista a pesquisadora pergunta ao senhor Daniel se há algo mais que ele deseja falar, ele diz que não e ela então fala:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- Sobre aquela pergunta inicial das mudanças mais significativas...</i></p> <p><i>- E foi mais difícil por quais razões?</i></p>	<p><i>- Não é mais aquilo que eu te disse mesmo, não tem..... eu perdi, o tempo mais difícil que eu passei foi aquele, das mudanças pra cá e chega aqui não arranjar colocação, e fica só a Marta trabalhando e ai eu voltei pra lá...</i></p> <p><i>- A razão é de ficar família separada né? No princípio você vai muito animado, daqui pra lá são 220 km, você vem na sexta feira. Domingo à noite volta pra lá. Trabalha a semana inteira, Sexta - feira vem ... os primeiros meses vem animado, vai volta, vem ... agora no terceiro, quarto mês, em diante a hora que você chega, vai chegando a hora de dormir, pra voltar dá uma descrença.... Então o período mais difícil</i></p>

	<i>que eu passei foi esse... Você fica separado da família, dos filhos né? É difícil.</i>
--	---

A entrevistadora mais adiante, nessa mesma entrevista busca indicadores de quais outras dimensões estão envolvidas na escolha do aposentar, além de estar longe dos filhos:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<i>- Uma das razões da aposentadoria era poder retornar?</i>	<i>- Não. Era eu tava com pouca renda e pagando o INSS. Como eu já te expliquei eu pagava dobrado. Pagava como empregador e empregado. Então a margem de lucro do que eu ganhava, já ganhava pouco, porque lá eu trabalhava por conta própria. Foi uma época não muito boa né? Uma época difícil. Começa trabalhando e dispersa o dinheiro pra cá, dinheiro pra lá ... tirar dinheiro de onde não tinha, acabava não trazendo nada pra casa.</i>

Na última entrevista, a pesquisadora ao chegar à do casal é questionada sobre o trabalho, quantas entrevistas foram realizadas com outros participantes. A senhora Marta fala que seria importante falar da contribuição dos avós para os netos. A pesquisadora pergunta:

Pesquisadora	Senhor Daniel	Senhora Marta
<i>- Como é?</i>	(interrompe e fala também em tom de explicação)	(em tom de explicação): <i>- Estou falando que os avós tem muito mais paciência na educação dos netos que os próprios pais, que os avós já estão bastante maduros, estão mais tranquilos.</i>

<p>- E quando são avós já tem mais tempo?</p> <p>- Assim, então a questão do trabalho pode dificultar um pouco esta convivência?</p>	<p>- Já passou pela experiência.</p> <p>- E na época de, de, dos pais também não podem dar muita atenção pro filho tem os compromissos, trabalhar pro próprio sustento e da família.</p> <p>-- Quando são avós já estão aposentados. (sorriu falando em um tom irônico)</p> <p>- O trabalho modifica toda a criação do filho.</p>	<p>- Já passou pela experiência, então você tem mais serenidade.</p> <p>- Já estão aposentados (tom irônico), estão mais tranquilos não tem filhos para criar mais, então você pode se dedicar muito mais né?... (fala em tom irônico).</p> <p>- Dificulta porque com o filho o tempo de convivência é menor, o tempo de convivência é menor. Apesar de você, no curto espaço de convivência que o pai tem com</p>
--	---	--

<p>- Foi assim na época dos filhos de vocês?</p>	<p>- Foi...</p>	<p><i>o filho, quando ele trabalha e corre o dia inteiro para poder ganhar o sustento, ele procura dar qualidade no curto espaço de tempo que ele tem com o filho. Mas o espaço quando está trabalhando, na luta, é muito menor o tempo. E, E, E quando você chega a ser avô e o neto vem morar com você, você tem todo o tempo do mundo, é esta a diferença. Você já está maduro, já passou pela experiência, tem mais tranquilidade, já tem mais tempo para ouvir, mais tempo para ficar junto, acompanhar, porque você nesta altura já se aposentou, criou seus filhos; então cê está mais tranquilo está mais sereno, não é aquela vida agitada mais. Porque hoje a vida é muito agitada, pai sai para trabalhar, mãe sai correndo para trabalhar e muitas vezes a criança quer conversar, o adolescente quer conversar e o pai e a mãe não tem tempo para parar naquele momento.</i></p>
--	-----------------	--

A relação com os filhos e com as netas é subjetivada de forma diferente. Se o contexto interativo entre o senhor Daniel e seus filhos, quando eles eram crianças e adolescentes, envolvia o momento em que o senhor Daniel lutava por trabalhos para suprir as necessidades de sustento da família, a relação com as suas netas, em especial a neta mais nova, ocorre sem a responsabilidade de sustentá-las. Não ter a responsabilidade de trabalhar para sustentar as netas, bem como estar aposentado significa ter tranquilidade e tempo para interagir com elas.

Ao falar da sua relação com a neta mais nova evidencia-se um forte vínculo afetivo satisfatório. Então a pesquisadora busca compreender os sentidos e significados que a relação com ela produzem na subjetividade do senhor Daniel.

No terceiro encontro em que o foco eram as mudanças significativas ocorridas na vida do entrevistado, ele fala das dificuldades do envelhecer a partir das mudanças corporais e a pesquisadora pergunta se há coisas boas no envelhecer. Ele diz que os netos. Assim, é enfocada a questão das preferências pelas netas:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- <i>É diferente um do outro?</i></p> <p>- <i>E como fica a relação com os filhos, depois que os netos nascem?</i></p> <p>- <i>Não muda muita coisa?</i></p>	<p>- <i>Não é tudo igual, eu acho tudo igual, mas quando é menorzinho a gente tem mais luxo com eles, né?</i> (sorri) <i>Que a criança em desenvolvimento é tudo, é muito bonito, eu acho bonito demais, começa a fazer as gracinhas, começa a entender. Essa de lá, por exemplo, aliás, todos eles são muito inteligentes, mas essa de lá, não sei porque a gente tá mais velho, mais bobo, tudo que ela faz é interessante, mas ela é muito inteligente... mas é muito inteligente. Então a gente admira demais!</i></p> <p>- <i>Mesma coisa. Não tem diferença.</i></p> <p>- <i>Não! Muda só o afastamento, né? Que</i></p>

	<i>a gente não tem eles tão perto da gente. O nosso caso por exemplo, temos só os dois só. Nenhum mora com a gente. Todos os dois mora fora. E aí é de 2 em 2 meses que, quando a gente não vai na casa deles, eles vem na casa da gente.</i>
--	---

A relação com a neta mais nova, ou com as outras netas, quando elas eram mais novas, é carregado de emocionalidade por ser um espaço interativo em que a atuação do senhor Daniel não passa pelo valor financeiro ou educacional que ele subjetivou como em um nível inferior ao da sua esposa. A relação com a criança mais nova possibilita uma interação que está além desses valores.

O reconhecimento que as crianças mais novas dão ao adulto, parte mais da capacidade desses de proporcionar - lhes um espaço lúdico do que o comprometimento financeiro com eles. Assim, esse é um espaço de interação em que o senhor Daniel sente - se útil na formação das gerações dentro da sua família, portanto, um espaço de maior autonomia e atuação.

Com a neta mais velha assume, atualmente, o compromisso de levá - la à escola e de buscá - la, quando sua esposa não está em casa. Mas, as necessidades dessa adolescente de ter quem pague a sua escola, quem compreenda a sua angústia com relação ao vestibular, são todas funções que a avó assume, e não ele.

Em uma das entrevistas, ao falar das atividades que realiza com a neta, a senhora Marta relata que às vezes discutem, e a entrevistadora pergunta ao senhor Daniel:

Pesquisadora	Senhor Daniel	Senhora Marta
<p><i>- E o senhor, já teve divergências com a neta?</i></p> <p><i>- Estas conversas que ela diz que é... , como ela falou para a senhora?</i></p>	<p><i>- Não tenho não... Tudo normal.</i></p>	<p><i>- Questionamento</i></p>

	<p>- <i>Questionamento</i> (Sorriu). <i>Eu converso muito pouco. Eu deixo mais é para Marta. A Marta que briga com ela e, e, eu não entro muito nestas partes aí não. A Marta. que é educadora, trabalhou a vida toda como educadora.</i></p> <p>- (pigarro) <i>Pois é, mais é ...</i></p>	<p>- <i>Não sou educadora não, na hora de criar filho você não é educadora não, Daniel, você é mãe.</i></p>
--	--	---

O senhor Daniel não se considera responsável pela educação da neta. Se o financeiro é um valor que está fortemente vinculado aos sentidos e significados produzidos na vida dele, diante da impossibilidade de contribuir financeiramente para os estudos da neta, ele subjetiva a sua relação com ela a partir de uma relação avô - neta e não pai - neta; portanto, não se considera nem o provedor financeiro e nem educacional dessa.

Buscando compreender como se constituem os processos subjetivos do envelhecer, especificamente no senhor Daniel, foi possível elucidar alguns indicadores a partir das análises das entrevistas as quais falam da singularidade e, dialeticamente, da universalidade desse processo:

- a) o financeiro como um valor que está fortemente vinculado às configurações subjetivas do senhor Daniel, o que permite falar da constituição psíquica no sujeito de um valor que é parte da subjetividade social, nos países capitalista;
- b) ao vincular preponderantemente esse valor; a autonomia e o enfrentamento das dificuldades ficam cerceadas pelo nível de consciência que possui de sua atuação frente às possibilidades de mudança;

- c) na configuração subjetiva do trabalho, a autonomia e os conflitos gerados, a partir de sentidos e significados vinculados aos valores capitalistas, presentificam - se, na aposentadoria, através do sentido de exclusão financeira e não das atividades do trabalho;
- d) ao subjetivar, em nível individual, a ideologia capitalista, o envelhecer é significado como um processo de perdas e declínios;
- e) o pouco nível de consciência com relação a outros sentidos e significados das experiências subjetivadas, que vão além do valor financeiro, bem como uma atuação mais autônoma frente às dificuldades, acarretam na subjetivação das impotências, nas configurações do trabalho, do corpo e das relações sociais e familiares;
- f) a memória como função psicológica superior modifica - se junto com as mudanças do envelhecer, na integração com outros elementos da configuração subjetiva desse sujeito.

*** SENHORA MARTA**

Os momentos de interação da senhora Marta com a pesquisadora realizaram - se em três encontros. O primeiro deles foi a aplicação do questionário do projeto integrado “Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais”.

Quatro meses depois iniciaram as entrevistas que se deram em mais dois encontros. Como no caso do senhor Daniel, a cada encontro realizado, foi possível levantar indicadores que norteavam as entrevistas posteriores. Assim sendo, a primeira entrevista teve como eixo norteador o cotidiano da entrevistada. A partir dessa entrevista, foi possível levantar alguns indicadores sobre a constituição subjetiva do envelhecer nesse sujeito.

A última entrevista focou as mudanças significativas na vida da entrevistada especialmente o aposentar, as mudanças físicas e a sua relação com a neta que mora com ela. Vale ressaltar que todos os encontros com a senhora Marta deram - se em entrevistas conjuntas do casal, ela e o senhor Daniel.

Através dos relatos da senhora Marta sobre a sua formação profissional, foi possível iniciar a análise de como o trabalho configurou - se na sua constituição subjetiva.

Na segunda entrevista após o senhor Daniel falar da sua vida, dos cuidados que assumiu com as irmãs, a entrevistadora pergunta sobre o início do namoro dos dois. A senhora Marta fala que foi quando ela ainda estudava na Escola de Enfermagem.

Pesquisadora	Senhora Marta
	<p>- Nossa! Era um internato do estado de Goiás. Eu era a única aluna do estado de Goiás, elas eram tudo do Pará, do Rio Grande do Sul, do Paraná, do Recife, de São Paulo, de Americana de São Paulo, de algumas cidade do interior do Paraná, do Rio Grande do Sul, do Amazonas. De Goiás eu era a única. Só que Goiás não valorizou aquela escola, era uma escola de nível superior, ninguém achava, naquela época falava que ia ser enfermeiro, todo mundo achava que ia ser rapariga ... naquela época, Terminei a escola em 1958, aí; mas, tinha vestibular, minha filha, que não era qualquer um que entrava não. Era um vestibular daqueles terríveis, e o curso era apertado, tanto é que você formava lá na escola e já tinha convites pra trabalhar em um monte de lugares, você escolhia o emprego.</p>

A senhora Marta escolheu estudar e formar - se em uma escola cujo reconhecimento era nacional. Ao sair de lá, não teve dificuldade de conseguir emprego. Foi convidada a fundar os serviços de Enfermagem em um hospital em Goiânia, mudou - se do interior para a capital em busca de melhores condições de trabalho, foi professora da Universidade Federal de Goiás.

Sua trajetória profissional é marcada por conquistas que foram possibilitadas por suas iniciativas, sua busca constante de melhores condições de trabalho. Em seus relatos, evidencia sempre a importância de suas produções ao longo de sua trajetória profissional.

Quando indagada, no segundo encontro, sobre a suas atividades, a senhora Marta relata que visita os filhos, cuida da neta. Assim, as perguntas são direcionadas às atividades anteriores à aposentadoria.

Pesquisadora	Senhora Marta
<p data-bbox="312 595 788 629"><i>- E antes de aposentar, o que você fazia?</i></p> <p data-bbox="312 1308 459 1341"><i>- Antes não?</i></p>	<p data-bbox="804 663 1374 1234"><i>- Eu trabalhava, eu era professora na Universidade Federal ... trabalhava 10 horas por dia, 8, 10 horas por dia, corria demais. Tanto é que o primeiro ano que eu me aposentei, eu achei que eu ia ficar doida, porque não tinha nada para fazer, o dia não passava. Aí foi onde eu fui aprender a bordar, eu fui aprender a pintar tela, eu fui aprender a fazer bolo, doce, torta; fazer croché, tricô. Eu aprendi a fazer de tudo. Hoje eu sou prendada como dona de casa foi depois que eu aposentei!</i> (fala essa última frase em um tom de voz irônico).</p> <p data-bbox="804 1335 1374 1850"><i>- Depois que eu aposentei que eu procurei aprender estas coisas que eu nunca tinha feito né? E hoje eu acho que estou até bem... Então, como eu não sei ficar quieta eu nunca fico quieta, eu estou sempre fazendo alguma coisa... Sempre. Ou eu estou fazendo um croche, ou estou bordando, ou estou pintando, ou fazendo quitanda, ou eu estou na cozinha ou... Eu não consigo ficar quieta, se eu ficar quieta, eu não me sinto bem. Isto é da minha natureza eu sou meia...</i></p>

A senhora Marta relata ter tido uma profissão, "professora da Universidade Federal". Segundo Stano (2001), a profissão de professor possibilita aos indivíduos trocas simbólicas e afetivas com os alunos. Através dessa interação o professor responsabiliza - se constantemente pelo desenvolvimento deles e pelo seu, por meio de um processo contínuo de aprendizado. A senhora Marta assume uma autonomia frente a sua formação, buscou condições de trabalho que podiam suprir suas necessidades. Essas iam além do aspecto financeiro, dizendo respeito aos motivos de busca do conhecimento, do produzir e do reconhecer - se como produtora.

O trabalho foi se constituindo em sua vida como um elemento que supria as necessidade básicas e também de origem cultural. Seus motivos para o trabalho iam além da mera sobrevivência, havendo a busca do conhecimento, o envolvimento afetivo satisfatório, isso lhe possibilita formas singulares de subjetivação do trabalho a partir da aposentaria.

No segundo encontro, ao falar da sua formação na Escola Americana, traça a sua trajetória profissional e a escolha pela aposentadoria que aconteceu há quatro anos:

Pesquisadora	Senhora Marta	Senhor Daniel
<p>- Ah é? Por quê?</p>	<p>- <i>Tem quatro anos, vai fazer quatro anos em setembro... E me aposentei só por causa do Fernando Henrique (falou em um tom de voz mais alto)., <i>se não, não teria me aposentado.</i></i></p> <p>- <i>É porque o Fernando Henrique disse que ia tirar o salário, ia cortar, o máximo que ia ganhar era R\$ 300,00 R\$ 400,00. Então, depois de velho você ficar sem dinheiro, você</i></p>	

<p>- E porque que ele diminuiu tanto o salário?</p> <p>- Entendi... E aí se passasse para o INSS...</p>	<p>morre de fome né?</p> <p>- Ele ia diminuir (tom de voz mais alto), ele não conseguiu, as leis não deixaram. ele não conseguiu mudar as leis, porque ia prejudicar os deputados também. Então não passou. Graças a Deus! A lei dele não passou porque tirava a aposentadoria integral. Queria que a gente ficasse igual ao INSS. Porque a gente aposenta pelo estatuto do funcionário público federal, né? Então é o Estado que paga para a gente. Não é o INSS. Eu continuo recebendo através da Universidade Federal.</p> <p>- É. Hoje ganhava no máximo, quanto que é o máximo hoje? (vira para o senhor Daniel). Mil reais.</p> <p>- E aí a gente não vivia, vegetava.</p>	<p>- Provavelmente é, deve ser mil e trezentos reais.</p> <p>- Mas é o caso, né? Que o Fernando Henrique neste</p>
---	--	--

	<p><i>- E todo mundo que estava lá estava porque gostava de trabalhar, porque tinha feito a complementação de sua carreira docente toda, mas gostavam. Porque, por exemplo, eu tenho dois filhos. Todos os dois são casados, moram fora daqui. Eu ainda dou conta de andar, ainda dou conta de falar, ainda dou conta de fazer as coisas, então era hora de transmitir aquilo que a vida inteira eu sedimentei, então era hora de transmitir para os alunos. Então como aconteceu comigo, aconteceu com a maioria dos professores. Aqueles que têm experiência, que têm vivência, que têm ... Para você ter uma idéia eu só não era professora titular, porque não tinha vaga na minha idade, mas eu era professora adjunto há muitos anos já. Aí aposentei. Mas olha eu vou te dizer uma coisa, hoje eu te digo honestamente, eu já podia ter aposentado há muitos anos, eu devia ter aposentado quando podia e não quis. Porque depois</i></p>	<p><i>problema dele aí, ele acabou com a elite de professores, acabou que os doutores que tinham nas federais, aposentou tudo.</i></p>
--	--	--

<p>- Depois que aposentou?</p>	<p><i>que eu aposentei, eu descobri a vida, porque antes eu nunca tive tempo para olhar a vida, eu não tinha tempo de sair para ir ao shopping passear, sair de tarde, assistir um filme, nunca tive tempo de sair e comprar uma coisa mais barata, sempre comprava a mais cara, porque a primeira que eu encontrava era esta que eu comprava porque não tinha tempo. Eu podia passear só quando tinha plano de férias. Hoje eu faço o que eu quero, a hora que eu quero. Minha vida melhorou, até o salário melhorou.</i></p> <p>- Depois que aposenta, as coisas que você não consegue receber quando está na ativa, quando você aposenta, você recebe.... Para mim foi bom, não foi ruim não.</p>	
--------------------------------	--	--

A senhora Marta decide aposentar - se diante da ameaça de perdas salariais da aposentadoria, devido a medidas do governo. O aposentar é preferível à diminuição drástica do salário. É a possibilidade de assegurar um ganho; mas, que ocorre em um período no qual se sente produtiva, gerando conflitos que só puderam constituir - se subjetivamente através da busca de novos sentidos e significados de suas produções.

Ao relatar, em tom irônico, que após a aposentadoria tornou - se uma mulher prendada, a senhora Marta evidência a representação social da velhice enquanto um momento em que o espaço possível de atuação é só o cuidar da casa. Ser uma mulher

prendada, que se preocupa e se ocupa somente com as atividades domésticas, é uma função desvalorizada pela mulheres ocidentais, na atualidade. É representada socialmente como uma atividade sem valor.

Embora a aposentadoria, dentro de uma sociedade capitalista, represente um meio de exclusão dos sujeitos dos espaços de produção do trabalho (STANO 2001), a senhora Marta constitui subjetivamente o trabalho através de um exercício constante de reflexão e de criação, em um nível de consciência de sua atividade enquanto produção. Essa autonomia dá suportes a produção de novos sentidos e significados do envelhecer após a aposentadoria.

No primeiro encontro a pesquisadora relata

... A pesquisadora indagou à respeito dos horários e a senhora Marta disse que poderia ser qualquer um, já que tinham vida de aposentado, não faziam nada. **"Aposentado você já viu, não faz nada"**. A mestranda sugeriu o período da tarde nas terças, quartas, ou sextas-feiras. A senhora Marta disse que na quarta à tarde levava a neta à escola e buscava - a. Na Sexta, geralmente, a neta tinha atividades na escola e precisava que ela a levasse e buscasse. Escolheu a terça. Então, parou um pouco, mudou a feição e disse que às vezes, por ser aposentada, pensa que não faz nada; mas que, no fundo, faz muitas coisas, que tem atividades.

A representação social de que, ao aposentar, os sujeitos não fazem nada, faz parte da subjetividade social do capitalismo. Entretanto, para constituir subjetivamente, essa representação contradiz com a subjetividade individual. A Senhora Marta reconhece que possui muitas atividades na condição de aposentada.

Se o aposentar envolve a exclusão do espaço universitário, a senhora Marta busca em outras atividades formas de significar as suas atividades como produções que se inserem em um contexto contínuo de aprendizado e de autonomia. Aprende a pintar, faz quadros e expõe - nos em toda a sua casa, motiva a neta nos seus estudos.

Na quarta entrevista, o senhor Daniel fala que a esposa é caseira e faz trabalhos manuais. Levou a entrevistadora para ver os quadros que a senhora Marta pintou. Depois de comentar sobre os quadros, a pesquisadora pontua:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p><i>- E aí o senhor falou que ela começou a exercer estas atividades manuais, mais de mulheres.</i></p>	<p><i>- É. Porque antes ela não tinha tempo, né? Não fazia, porque o tempo dela era todo tomado com a família. E aí depois que ela passou pela aposentadoria que aí então ela desesperou "Eu não agüento ficar à toa". Aí ela começou, entrou na aula, ela teve um ano na escola de pintura, aí foi logo depois que eu adoeci, aí ela teve que parar, aí ela não voltou para tomar aula mais. Mas ela pinta em casa, aí.</i></p>

Ao buscar atividades criativas, cuidar da sua neta, dar entrevistas para alunos da faculdade, a senhora Marta ressignifica traços da professorialidade que se desenvolveu ao longo de sua trajetória profissional (STANO 2001).

Assim, ela continua, no aposentar, a buscar atividades criativas, novos projetos de vida que são características dela desde a sua formação profissional. Busca a satisfação de suas necessidades de forma mais autônoma, dando sentidos singulares a suas produções, através da ética e da estética.

A senhora Marta relata que os professores da universidade sempre pedem a seus alunos para entrevistá-la, para que fale a respeito da fundação do curso. Suas lembranças, ao servirem de suporte para a formação dos alunos da faculdade, e ao mesmo tempo para a construção da história da faculdade e da comunidade, possibilitam a interação da senhora Marta com as novas gerações.

Novos sentidos e significados são desenvolvidos nesse momento da vida, quando a senhora Marta responsabiliza-se por manter viva a história do curso para os novos alunos da faculdade, permitindo falar do desenvolvimento contínuo e dinâmico do homem nos seus contextos interativos.

A sua relação com a neta traz outros indicadores desse desenvolvimento de novos sentidos e significados na velhice.

Na primeira entrevista realizada na casa da senhora Marta, a entrevistadora escreveu:

Breve comentário da entrevistadora na aplicação do questionário: "O entrevistado (senhor Daniel) respondeu todas as questões, quando sua esposa chegou então ele pediu para que fizesse um resumo do que havíamos conversado. A avó me levou ao quarto da neta para mostrar os recados que deixava para ela animando - a quanto a ansiedade do vestibular. Foram bem receptivos e demonstraram interesse em continuar o trabalho de pesquisa".

O espaço doméstico é considerado na sociedade ocidental como um espaço de atuação das mulheres, assim, em nível da subjetividade social, a mulher idosa assume o espaço doméstico como atividade. A senhora Marta arca com a maior parte das despesas domésticas e assume os cuidados com uma neta.

Se por um lado esse espaço é considerado, em nível da subjetividade social, um espaço eminentemente feminino, ele também possibilita à senhora Marta manter os traços de maternidade que, segundo Stano (2001), dá continuidade a professorialidade.

Ao assumir os traços de maternidade com a neta, a senhora Marta responsabiliza - se pelo provimento financeiro dessa, pelos cuidados relacionados à sua rotina, bem como a motivação com relação à escola, fazendo com que se sinta ativa no processo de formação de sua família e das gerações posteriores.

No segundo encontro, ao falar das atividades que realiza com a neta, a senhora Marta relata que, às vezes, discutem, e a entrevistadora pergunta ao senhor Daniel:⁸

Pesquisadora	Senhor Daniel	Senhora Marta
<i>- E o senhor, já teve divergências com a neta?</i>	<i>- Não tenho não... Tudo normal.</i>	

⁸ Essa parte da entrevista foi utilizada também na análise do senhor Daniel (p. 63) por ser um trecho significativo para a análise da constituição subjetiva do envelhecer dos dois participantes.

<p>- Estas conversas que ela diz que é... , como ela falou para a senhora?</p>	<p>- Questionamento. (Sorriu) <i>Eu converso muito pouco. Eu deixo mais é para Marta. A Marta que briga com ela e, e, eu não entro muito nestas partes aí não. A Marta. Que é educadora, trabalhou a vida toda como educadora.</i></p>	<p>- Questionamento. - Não sou educadora não, na hora de criar filho você não é educadora não Daniel, você é mãe.</p>
--	--	--

Na terceira entrevista, o senhor Daniel relata que trata a neta como neta e não como filha. Relata, também, que a esposa que trouxe a neta para Goiânia:

Pesquisadora	Senhor Daniel
<p>- E você disse que foi a Marta que trouxe a neta? Como foi isso?</p> <p>- Ah tá! Então foi a vó que a convidou?</p>	<p>- É porque ela terminou o curso o 1º grau, o e 1º grau na cidade onde ela mora, o meu filho mora, é muito fraco, ela queria que ela fizesse o 2º grau mais credenciado a entrar na faculdade.</p> <p>- É. A vó que paga todas as despesas</p>

<p><i>Ah é? Da escola?</i></p> <p>- E a iniciativa foi de quem?</p> <p><i>- Ela quer fazer o quê?</i></p>	<p>dela.</p> <p><i>- É tudo. Paga colégio, paga tudo. Meu filho não tem despesa com ela de jeito nenhum.</i></p> <p>- Foi dela, da Marta.... <i>Só que ela ficou um pouquinho frustrada porque ela queria que ela fizesse Medicina e ela não quis. (fala essa última frase rindo)</i></p> <p><i>- Fazer Direito.</i></p>
--	--

A relação da senhora Marta com a neta fala de uma situação apontada por Cupolillo, Paula e Costa (2001), a dos idosos contribuindo na formação da sua família. É uma relação de interdependência geracional: morar com a avó dá para a neta a possibilidade de estudar em boas escolas e ingressar em uma faculdade. Por outro lado, a neta possibilita a essa avó a continuidade da função de provedora da educação, abrindo mais um espaço de atuação.

No segundo encontro, ao falarem dos tipos de atividades que realizam com a neta, a entrevistadora pergunta:

Pesquisadora	Senhora Marta
<p><i>- E com a relação a educação, né? Falar faz isto ou não faz, como é que é?</i></p>	<p>- Ih, tem hora que nós duas brigamos que nem duas adolescentes. Nosso papo é de duas adolescentes. Eu falo com ela sempre, e ela diz que não me responde, ela questiona (sorri) ... eu marquei bem este ponto, ela fala avó na sua</p>

época era responder; na minha não é responder é questionar. Então ela me questiona, ela quer me provar que ela tá certa, e aí tem que corrigir, muitas vezes ocorre isto. "Mas que diabo" (imitando a neta), como se eu fosse mãe mesmo, porque adolescente de hoje discute demais com o pai e a mãe, assim, foram criados com mais liberdade, tem direitos, coisa que anti..., na minha idade você não tinha direitos, só tinha dever. Só de olhar em você assim, você saia correndo, né? Hoje em dia não, hoje em dia tem diálogo, o adolescente discute, mostra a idéia dele, ele quer prevalecer a idéia dele e você tem que respeitar. Mas isto não quer dizer que não existe, que eu não brigo com ela não, brigo sim, e muito "não aceito, não aceito. Este quarto está muito bagunçado e eu não aceito bagunça na minha casa, cé larga de ser bagunçada" (com o tom de voz baixo fala como se estivesse brigando com a neta). Porque eu nunca vi fazer bagunça no guarda-roupa igual esta bichinha faz. Ela é desorganizada, ela diz que gosta é bagunçado e eu digo: na minha casa não. Neste sentido, mas em outros não. Ela tem um namorado m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o, que eu acho que ela ganhou na loteria. Eu ganhei na loteria, não foi nem ela, porque ele não gosta de boate, ele não bebe, ele não fuma, ele é sarado, porque ele faz educação física, tá fazendo o sétimo período de educação física, tem vinte anos, forma o ano que vem já, um senso bom sabe? Então num tem estas histórias de sair para rua, que num sei para onde que anda. Eles saem uma vez por semana

Além de possibilitar um espaço de atuação, a relação da senhora Marta com a neta fala da constituição subjetiva da sua família. Ela mesma foi criada pela avó paterna. Sua mãe cria duas netas.

Após falar das divergências com a neta, a senhora Marta falou da rotina desta e do seu namorado. Em seguida, a entrevistadora pergunta:

Pesquisadora	Senhora Marta
<p data-bbox="312 651 782 680"><i>- Como que é a história destes bilhetes?</i></p> <p data-bbox="220 1816 790 1890"><i>- Ah! Você ... a senhora foi criada pela avó?</i></p>	<p data-bbox="804 719 1375 1776"><i>- Ah! Quando ela vem com aquele problema, por exemplo, ela fica muito nervosa, ela é sonâmbula, ela grita a noite inteira, ela briga a noite inteira, tem dias eu já levei em tudo quanto é médico, ela não tem nada, até um médico falou para mim graças a Deus que ela não lembra de nada que ela faz de noite, que isto serve para ela jogar todos os stress dela para fora. Diz que é normal, que ela grita, briga com a irmã dela. Até hoje ela briga com a irmã a noite inteira, no outro dia ela não lembra de nada. Tem dia que eu acordo ela à noite, que eu acho que ela está sofrendo. Aí eu escrevo uns bilhetinhos para ela assim por exemplo: "Tropeçar na vida, todo mundo tropeça o bonito é levantar tropeçando e pensar em continuar caminhando de cabeça erguida". Estas bobagens que levanta o astral, que mostra que errar todo mundo erra, que tem que corrigir o erro. Estes tipos de coisas que a pessoa, eu por exemplo, fui criada pela minha avó. Minha avó também era assim.</i></p> <p data-bbox="895 1877 1375 1906"><i>- Fui. Minha avó que me criou desde o</i></p>

*dia que eu tinha 4 anos. Então minha avó era assim: ela era analfabeta, mas eu nunca vi ninguém mais sábia do que ela. Ela nunca me bateu nunca me encostou a mão, nem nada. Eu também jamais faria isto com ela, e não vou fazer nunca. Mas **ela sempre me dava estes lembretes**. Ela falava assim: Oh! Se você vai ser, na rua, um varredor de rua, naquela época não tinha nem nome, não falava nem gari, que você seja o melhor varredor que a cidade tem. Jamais seja pior, seja sempre o melhor. Outra coisa que ela usava muito era a expressão assim: "Jamais deixe o seu rabo de fora para ninguém pisar". Quer dizer, ande sempre na linha, tenha uma conduta impecável, porque aí ninguém pode falar nada de você, você está sempre certa, né? Então estes tipos de coisa assim. Então eu ponho bilhetinho pra ela, este tipo assim. Eu gosto muito de, de pensamentos positivos; este tipo de coisa. Então eu sempre deixo bilhetinho para ela. "Não se esqueça de...é Uma longa caminhada começa sempre com o primeiro passo" ... é ... outra hora eu falo assim "Você está construindo a sua vida pondo os primeiros tijolinhos, não se esqueça de por cimento, sedimentar bem, para depois não ter perigo do alicerce cair". Então estas bobaginhas que eu escrevo para ela. **E ela escreve para mim bilhete para mim, o meu quarto está cheio de bilhetinhos: Te amo. Te adoro, Deus te pôs na minha vida. Você é vó e mãe. Tá cheio na porta do guarda roupa, lá em cima, tá cheio de bilhetinhos lá, então ela aprendeu que isso levanta o astral né? É um tipo assim, de***

<p>- <i>Marta, a senhora foi criada pela avó?</i></p> <p>- <i>Por qual motivo?</i></p>	<p><i>pensamentos bem positivos.</i></p> <p>- <i>Fui.</i></p> <p>- <i>Minha mãe morava em fazenda e assim naquela época o pessoal tinha um filho atrás do outro, eu sou a filha mais velha, minha vó chegou na casa da minha mãe um dia, minha mãe tinha me batido demais da conta porque tava nervosa, tinha aquela meninada, não sei o quê, tinha que trabalhar, ela batia com aquele cedem de fazenda eu tava toda ferida e além de tudo tinha me amarrado e colocado no sol, e minha avó é a mãe do meu pai, não é a mãe da minha mãe, me viu daquele jeito ela me dessamarrou e falou "Eu vou te levar e nunca mais te devolvo" e nunca mais devolveu ... isso não quer dizer que eu não olho minha mãe, porque ela me preparou para cuidar da minha mãe quando ela ficasse velha, da minha mãe e do meu pai. Ela me preparou a vida inteira pra mim não deixar faltar nada para eles.</i></p>
--	--

Constituiu - se na subjetividade social dessa família a função das avós: cuidar dos netos diante da impossibilidade dos pais cuidarem dos filhos. Sua avó assumiu - a por causa dos maus tratos da sua mãe. A senhora Marta assume a neta diante da impossibilidade financeira dos pais da adolescente de dar bons estudos a ela. A mãe da senhora Marta assumiu duas netas quando a mãe delas faleceu.

A entrevistadora então pergunta:

		<i>faz o pai dela de gato e sapato, e ninguém pode fazer nada e é com essa que ela gosta de morar.</i>
--	--	--

A senhora Marta assume a dimensão do espaço doméstico através do suporte financeiro dado à mãe e à neta. Durante toda a sua vida, relata ter dado grande incentivo à formação educacional de seus filhos processo, esse que é continuado com sua neta. Ajudar financeiramente a mãe e a neta, bem como ser o suporte direto no processo educacional desta, é a forma de lidar com os conflitos inerentes ao envelhecer na medida em que continua atuando como provedora financeira e educacional da sua família.

Constituir subjetivamente a dimensão do trabalho e da família a partir do reconhecimento de suas produções, dando continuidade à sua autonomia, através de uma atuação marcante em sua própria história, possibilita a senhora Marta suportes para lidar com as mudanças corporais decorrentes do envelhecimento físico.

Os problemas de saúde são significados, por ela, como dificuldades superáveis através da utilização dos recursos medicinais e da mudança de estilos de vida. Compreende que há um envelhecimento orgânico mas que os problemas de saúde, oriundos desse, podem ser contornados a partir de novos estilos de vida.

Na segunda entrevista, a pesquisadora pergunta sobre as atividades que a senhora Marta realiza com a neta e esta diz:

Pesquisadora	Senhora Marta
	<i>- Busca da escola. É... eu faço academia junto com ela, ele não faz. Ele está até precisando ir ao médico para ver se ele pode fazer porque ele tem problema de Érnica de Disco. Ele teve um câncer, há uns anos aí atrás, teve que fazer até hoje o tratamento até hoje deste câncer de próstata. Então por isto que ele fica mais quietinho. Então, ele tá</i>

	<p><i>fazendo tratamento aí ainda então quero levar ele ao médico para ver se ele pode fazer academia, fazer musculação, nadar, porque eu faço isto. Sabe, apesar de ter doencinha que nem artrose que é coisa de velho mes (mesmo), de vez em quando ataca e você tem que ficar de repouso um dia. Até fui no meu reumatologista porque fica Quieta sara, agora faz mais ou menos uns 15 dias que eu não vou lá. Agora eu falei para ele, acho que eu já melhorei. Acho que eu já posso voltar né? Tem estas doenças degenerativas que é natural da idade. Que não me atrapalha em nada a não ser doer. Aí cê toma anti-inflamatório, melhora; daí uns dias cê tá boa de vez.</i></p>
--	---

Se novos estilos de vida possibilitam um envelhecimento orgânico mais saudável, a senhora Marta busca novas formas de lidar com os processos de mudança do corpo tal com deixar de fumar e beber. Busca novas formas de atuação social que não estão vinculadas a esses estilos de vida.

Se a lógica capitalista é a da produção como possibilidade do enriquecimento, a idéia do término da vida, em um futuro próximo, pode possibilitar ao indivíduo refletir novos sentidos de vida. O financeiro assume para a senhora Marta um papel secundário neste momento, o que prioriza são as condições de saúde e a tranquilidade.

Na segunda entrevista ao relatarem as visitas feitas aos filhos, e os cuidados com a neta que mora com eles, a senhora Marta fala do tempo que tem de casados:

Pesquisadora	Senhora Marta
	<p><i>- É. Fevereiro nós fazemos 40 anos de casados (falaram juntos) . É muito chão né? Pra tar junto sem ter ira, sem rolo, sem nada, é muito chão. Então existe harmonia. Você pode</i></p>

- E aí... não roubam aqui?

ver, tem vizinho que fala que aqui em casa é um silêncio, ele sabe a hora que a Lidia entra e sai, porque gente de idade fica assim pega um livro e lê, ou pego um bordado, outra pega uma revista, olha no jornal e fala "Vem cá pra você ver", a gente conversa, pára ou vou lá pra cozinha, eu faço uma coisa, ele faz outra né?... Não é agitado, já não tem mais assim... Eu falo muito, ele também, se nós não ficamos ricos até agora, trabalhando o tanto que a gente trabalhou, eu quase morri de trabalhar e ele também, não vamos ficar agora com a idade que nos estamos. Nós vamos viver serenamente, sem atribulações, sem conflitos, não é dizer que a gente passa necessidade, não passa, e aí se passar os filhos não deixam de jeito nenhum, e então, a gente não tem muita preocupação, vive tranqüilo, e até tão falando que vão reformar este prédio aqui. De vez em quando "Ah mãe! Esse prédio é feio", "Ah! Minha filha é tão bom que não tem nem ladrão aqui, eles acha que é cortiço, não tem ladrão".

- Não, nem olham aqui pra que que alguém vai olhar pra entrar aqui? Acha que é um cortiço. (o senhor Daniel. ri). Porque alguém vai entrar pra olhar os apartamentos, o apartamento é grande, tem três quartos, tem área, tem tudo. Ninguém vai entrar pra olhar isso né? Fica de lá. Eu adoro achar que é cortiço! Não tô naquela fase da vaidade, querer tudo, achar que é bonito, mas não, tô querendo só paz, paz e saúde.

O envelhecer é subjetivado a partir da possibilidade de ter uma maior tranquilidade que não era possível na época do trabalho. O envelhecer tem como ganhos romper com a lógica capitalista do produzir muito para se manter e constitui - se a partir de novas reflexões. A senhora Marta considera que essas reflexões são possíveis pelo amadurecimento propiciado no decorrer dos anos vividos.

Na última entrevista, a pesquisadora ao chegar na casa do casal, é questionada sobre o trabalho, quantas entrevistas foram realizadas com outros participantes. Ela, senhora Marta, fala que seria importante falar da contribuição dos avós para os netos. A pesquisadora pergunta:⁹

Pesquisadora	Senhor Daniel	Senhora Marta
<p>- <i>Como é?</i></p>	<p>(interrompe e fala também em tom de explicação)</p> <p>- <i>Já passou pela experiência.</i></p>	<p>(em tom de explicação):</p> <p>- <i>Estou falando que os avós tem muito mais paciência na educação dos netos que os próprios pais que os avós já estão bastante maduros, estão mais tranquilos.</i></p> <p>- <i>Já passou pela experiência, então você tem mais serenidade.</i></p>

⁹ Essa parte da entrevista foi utilizada também na análise do senhor Daniel (p. 59) por ser um trecho significativo para a análise da constituição subjetiva do envelhecer dos dois participantes.

A compreensão da constituição subjetiva do envelhecer, na senhora Marta, foi possível, a partir da construção de alguns indicadores:

- a) a configuração subjetiva do trabalho como produção que supre outras necessidades dos indivíduos além da financeira;
- b) o trabalho subjetivado, dessa forma, em um sujeito que possui um nível de consciência de suas possibilidades de atuação evidenciando a ética e a estética nesse processo de subjetivação;
- c) na configuração subjetiva do trabalho, a autonomia e os conflitos gerados a partir de sentidos e significados vinculados aos valores capitalistas presentificam - se na aposentadoria através da busca de novos espaços de atuação;
- d) os processos do envelhecer subjetivados através da produção de novos sentidos e significados desenvolvidos na velhice através das relações intergeracionais;
- e) o nível de consciência com relação a outros sentidos e significados das experiências subjetivadas, que vão além do valor financeiro, bem como uma atuação mais autônoma frente às dificuldades, acarretam, na subjetivação das configurações do trabalho, do corpo e das relações sociais e familiares através da ética e da estética;
- f) o relembrar, o relatar as histórias como um momento de desenvolvimento subjetivo e social, permitindo elucidar a função da memória na constituição do sujeito e da sociedade.

*** SENHOR PAULO**

Os momentos de interação do senhor Paulo com a pesquisadora realizaram - se em dois encontros. A aplicação do questionário não foi realizada pela mestrande. O primeiro encontro dela com o senhor Paulo aconteceu seis meses depois da aplicação do questionário e teve, como eixo norteador, o cotidiano do entrevistado. A partir dessa entrevista foi possível levantar alguns indicadores sobre a constituição subjetiva do envelhecer nesse sujeito. A segunda entrevista tematizou as mudanças significativas na vida do entrevistado focando, especialmente as mudanças no trabalho, no corpo e na afetividade.

Os indicadores sobre como o trabalho configura - se na constituição subjetiva do senhor Paulo reporta, inicialmente, a suas emigrações em busca de melhores condições de vida e trabalho. Saiu de casa aos 15 anos, morou em Belo Horizonte, São Paulo, Pelotas e Goiânia. Além disso a sua trajetória profissional é marcada pelas mudanças históricas do setor gráfico, pela modernização desse.

Na segunda entrevista, a pesquisadora pede para o senhor Paulo falar sobre a história de sua profissão:

Pesquisadora	Senhor Paulo
	<p>- Ah! O negócio é o seguinte: a, a, o jornal, o jornal, quando começou tinha duas coisas paralelas. Que era a tipografia e a neotipia. A tipografia fazia mais era cartazes, quando você falava assim, vou fazer, antes não era moderno como hoje que você vai no computador não. Pegava letra por letra aquele negócio todo pra rodar no papel. Ia batendo, tirando, batendo, tirando. Então fazia aqueles cartazes, cê até vê. Então mais ou menos moderno, aquele colorido todo, letra bonita. Antigamente não. Aí a tipografia, pegava letra por letra, encaixava ali, rodava. É depois a neotipia, a neotipia é uma coisa mais rápida, que é chumbo, né? É química que eles falam. Aí digitava um texto ali, juntava também, só que juntava tudo certim, pra rodá, certo?. Era diferente de tipografia que pegava letra por letra. Então estes tipos. Depois veio a fotocomposição que é meu caso. Substituiu a neotipia. São os neotipistas. Os digitadores substituíram os neotipistas, aí depois acabou sabe. Ainda pode existir, no Senado existe, algumas coisas antigas tem ainda. É ... agora já</p>

<p>- Então esta é a história da sua profissão?</p>	<p>a informática tá acabando com os digitadores. Acabou praticamente. Quem ficou ficou, quem num ficou... Isso aí é no Brasil inteiro. Não é só Goiânia, Belo Horizonte e São Paulo não. O Brasil de ponta a ponta. Você é jornalista por exemplo, você vai entregar seu texto, cê entrega no disquete. <u>Que</u> você pra, pra acompanhar o ritmo, você tem um computador na sua casa... você vai entregar em laudas... datilografado. Então, você como jornalista tem que acompanhar, tem que ter computador em casa. Até mesmo pra sê bem informada, né? Cê tem informática lá, ué? A Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, o Globo, e assim vai. Então isso aí que tá derrubando do digitador, derrubou já. Entendeu? Agora ficaram alguns lá pra redação, na área comercial, mas normalmente 99% saíram. Isto é em qualquer jornal do país.</p> <p>- É, da profissão. Eu ainda trabalho, porque sou aquele cara que foi promovido ao invés de ser demitido. Eu tive sorte né? Louvado o pai... fui promovido ao invés de ser demitido! É da redação, né? Redação tem aquele cara no, no, que ajuda a digitação, o Paulo Nascimento lá de, de, de Anápolis. É Paulo Nascimento?</p>
--	--

Na primeira entrevista, ele fala da sua aposentadoria e do desemprego gerado pela informatização. A entrevistadora pergunta então sobre a sua vida após a aposentadoria.

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- E o seu cotidiano mudou muito depois da aposentadoria ou não?</p>	<p>- <i>Uai, devido a queda dessa, dessa, desse setor, muito não. Às vezes as pessoas me chamam pra trabalhar em casa, digitar alguma coisinha aqui, uma revista, um jornal. Eu sempre tive dois empregos, tanto em São Paulo, como em Minas, como em Goiânia também. Mas agora acabou. Isto que eu tô falando. Eu encontro muitos colegas meus aí na rua, desempregado, pai de família, lutando aí pra tirar um salário de R\$ 300,00 por mês, vendedor, vendedor disso, vendedor daquilo, vende um café da roça, porque tá difícil né?. Foi extinto, isto que eu estou te justificando. Aqueles que foram aproveitados, foram aproveitado em outras áreas. Eu tinha um colega mesmo, logo depois que eu aposentei, ele recorreu, ele foi lá no INPS, tava aposentado e não sabia. Aconteceu caso. “Cê aposentou?” Eu tenho mais de 23 anos, vai ao INPS e aposenta enquanto salvou neste sentido, porque ele não tava sabendo. Entendeu?... Agora, praticamente, no Brasil, no Brasil inteiro, praticamente é uma profissão extinta. E tá prá acabar esta também profissão minha aqui.</i></p>

Se a extinção de funções dentro do setor gráfico ocorre através da informatização desse, o senhor Paulo busca novas formas de atuação no trabalho, torna - se um digitador.

A maximização do valor de consumo dos produtos na contemporaneidade, como recurso à manutenção da lógica do capital, acarreta, para Antunes (2001), no avanço tecnológico rápido e na exigência constante de renovação nos maquinários e nas formas de produção. O avanço tecnológico em ritmo acelerado acarreta na substituição do homem em diversos campos de trabalho, provocando a extinção de determinadas atividades levando ao desemprego estrutural.

Compreender como essa realidade é subjetivada pelo homem foi possível a partir das falas do senhor Paulo sobre a extinção da sua antiga profissão e da ameaça de extinção da profissão atual.

Pesquisadora	Senhor Paulo
	<p>- <i>Eu vim eu passei pelo Diário, entrei na Editora Líder, até chegar ao Popular. Do Popular até aposentar que é onde eu tô trabalhando. O meu setor, que eu trabalho hoje, que eu, meu setor hoje é de digitador de texto da redação. Eu fui promovido, porque o outro setor anterior onde eu fiquei até ser aposentado é, há uns quatro anos atrás, era justamente o setor insalubre que era o setor de fotocomposição, fotocompositor. Agora aqui em Goiânia chama de componedores, né? Componedores. E a aposentadoria como a minha tiveram várias. Mi, milhões de aposentados nestas circunstâncias. Em diversas áreas de São Paulo, Folha de São Paulo, as principais, todos os jornais do país, dos pequenos até os grande, os maiores. Porque é uma lei né? É uma lei, pra ela ser aprovada tem que passar por vários departamentos, não é aqui em Goiânia chegar e falar que foi aprovado, chegar o Rio de Janeiro e não ser aprovado né? O povo, o Jornal O Popular teve gente que</i></p>

	<p><i>aposentou com 38 anos. Serviu o exército, entrou na fotocomposição, né? E chegou o tempo determinado, concluiu aqueles 20 anos dele. Na verdade são 22. Pra completar 30 anos, porque 10 anos, a cada 10 anos dava 4 pra, pro, pra aposentadoria proporcional. No futuro eu, eu vou sofrer perdas com isso porque o salário, posso por exemplo ter um salário, um salário, um teto máximo, máximo da aposentadoria. Enquanto que o salário que eu recebo, não vou ter mais essa chance. Mas eu, eu, eu achei bom ter sido aposentado, embora proporcional porque o país tá cada vez só desemprego, desemprego, desemprego.</i></p>
--	---

O trabalho vai sendo constituído psiquicamente a partir da realidade da extinção da sua profissão. A busca constante da renovação de formas de produção e de maquinários acarreta no culto ao imediatismo e à utilidade nas sociedades capitalistas (BOSI 1994). As funções do trabalho do senhor Paulo foram descartadas, consideradas obsoletas, antigas; portanto, envelhecidas.

A partir dessa realidade, o senhor Paulo interage ativamente em novos contextos de atuação, deixando a fotocomposição, tornando - se um digitador. Entretanto, mais uma vez a sua profissão pode ser descartada, envelhecida. A digitação é uma profissão em extinção.

Se a subjetividade social configura - se a partir dessa realidade, o senhor Paulo lida com os conflitos através da produção de sentidos e significados da aposentadoria como forma de garantir a sobrevivência no mundo do desemprego e da extinção das profissões.

A aposentadoria, assim, é significada por ele como a possibilidade de garantir uma renda mínima. Não a considera a exclusão do espaço de trabalho, já que ao se aposentar é promovido ao cargo de digitador.

A aposentadoria ocorre em um momento em que o senhor Paulo sente se apto a continuar no mercado de trabalho, já que tem menos de quarenta e cinco anos e, além disso, a aposentadoria não lhe garante uma renda compatível com o seu padrão de vida atual.

A aposentadoria é um direito garantido ao senhor Paulo por ter trabalhado durante vinte anos em ambiente insalubre. Mas os sentidos e significados da aposentadoria aparecem antes como um presente e não um direito como trabalhador.

Durante a segunda entrevista, a entrevistadora pergunta sobre o dia a dia do entrevistado.

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p><i>- E aí você trabalha à tarde?</i></p>	<p><i>- É. Das 16 as 22 horas... é o que eu te falei no comecim, antigamente a digitação ela tinha muito emprego hoje a informatização tá acabando com a digitação. Cê vê, cê compra um computador, cê coloca nele um dicionário, cê coloca nele um abril cultural, porque que a Abril Cultural se cê falar assim, eu quero um é, cê tá fazendo um jornal lá de repente cê precisa de um ... Senado, você vai na Abril Cultural, pega a parte de Brasília, fotos, as principais fotos de Brasília, tem lá o Palácio, tem lá o Senado, tem lá o, o, o Alvorada. Então dali daquele negócio cê puxa, no seu, no seu sistema lá já num precisa de foto, scanear nem nada. Foi uma evolução muito grande. É onde tá diminuindo o quadro de funcionários é isso aí. Máquina, a própria máquina tá destruindo. Cê entendeu o que eu tô querendo dizer né? É tudo, eu num perdi meu emprego porque a scanea que eles inventaram até agora pra scanear um texto por exemplo a acentuação num sai certo. Entendeu como é que</i></p>

	<p><i>é?. Mas vai chegar a um ponto que eles vão arrumar scanner que vai passar a sair tudo certim. Ai a digitação vai acabar. Posso pegar um livro seu e puxar ele todinho pelo computador, e fazer as mudanças e as alterações que eu quero fazer no computador. Não vai ser preciso nem digitar. Agora a utilidade do digitador nunca acaba, sempre vai ficar algum porque tem aqueles xérox que eles manda do interior, jornalista num vai querer digitar aquilo... né? Sempre vai ficar algum. Mas automaticamente o hoje acabou a digitação. Automaticamente.</i></p>
--	--

O envelhecer constitui - se subjetivamente através de sentidos e significados gerados de que a sua profissão é obsoleta, que formas máqunicas e modernas - não envelhecidas - podem substituir o seu trabalho, a sua história.

A ameaça do desemprego gera sentimentos de desconfiança, de insegurança (RATNER 1995). Se anteriormente quando a fotocomposição foi substituída pela digitação, o senhor Paulo conseguiu tornar - se um digitador, isso agora evidência um cerceamento da sua autonomia frente à extinção de mais uma das suas profissões.

Para Antunes (2001), parte dos excluídos do mercado de trabalho pelo desemprego estrutural são absorvidos pelos movimentos religiosos. Tanto o enriquecimento rápido quanto a conversão religiosa aparecem como alternativas adotadas pelo senhor Paulo para lidar com os conflitos do seu trabalho. Ele busca, na religião e na loteria, a possibilidade de resgate dessa confiança de que é possível continuar sendo mesmo depois que a sua profissão acabar e que possuir poucos recursos para a sobrevivência.

Na primeira entrevista, ao falar da extinção de sua profissão e do fato de ter colegas desempregados, a entrevistadora pergunta:

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- <i>E como Você se sente? Sente esta possibilidade de redução do Quadro de funcionários?</i></p> <p>- <i>Deixar o quê?</i></p> <p>- <i>Entendo.</i></p>	<p>- <i>Olha ... na verdade é deixar o INPS aqui e ir pros Estados Unidos. Era uma tendência lógica sair.</i></p> <p>- <i>Deixar é deixar o INPS pra trás. Lá depositando no banco, pra ir creditando. Deixa lá. Pode creditar à vontade. E explicar que eu estou indo pros Estados Unidos. Fazer uma procuração pra qualquer problema, o documento tá em dia e ir embora pros Estados Unidos. Não tinha, não tenho mais tempo pra perder não. Cê vai ficar do quê? Ou do contrário pegar uma cidadezinha do tamanho aí de, pequeninha que não tenha muito desenvolvimento e viver com aquele salário aí de INPS. Entendeu como é que é? Procurava mais desenvolver agora é regredir mesmo, contentar com aquele salário. Você entendeu o que eu quero dizer né?</i></p> <p>- <i>Então. Se pra ser, pra, pra crescimento, mas na verdade chegar na minha idade que eu tô com ela, já que cê tocou neste assunto. Tô com 45 anos, sem filhos, sem mulher, tenho 3 cachorrinhos é ... tudo que entra no eu bolso, eu joga na loteria, eu só não vou te mostrar lá agora... eu tenho globo, um</i></p>

	<i>negócio aí, eu sou um cara muito aventureiro, se sou um aventureiro desde o princípio, eu sou aventureiro até hoje.</i>
--	--

Acreditar no enriquecimento através do trabalho nos Estados Unidos faz parte da subjetividade social de muitos brasileiros. Assim, para o senhor Paulo, essa possibilidade é configurada subjetivamente como uma solução para lidar com a extinção de sua profissão e para conseguir ganhos que não foram possíveis através do exercício da profissão.

Diante da impossibilidade de sobreviver do trabalho, passa a depositar suas esperanças na sorte grande, de enriquecer por meios de premiações - ganhar na loteria - ou de ir para os Estados Unidos.

Se a trajetória profissional não lhe propiciou a satisfação dessa necessidade, a constituição subjetiva do envelhecer é marcada pelo envelhecimento ou aniquilamento de sua profissão, bem como gerando sentidos de impotência frente à essa realidade que só pode ser subjetivada a partir da esperança de se enriquecer pelos ganhos em premiações.

Nesta mesma entrevista, ao falar em ir para os Estados Unidos ou ganhar na loteria, como formas de lidar com o fim de sua profissão de digitador, a entrevistadora questiona o senhor Paulo sobre as suas apostas na loteria.

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- Globo?</p> <p>- Então se acontecer de ter que sair do trabalho você ...</p>	<p>- Eu vou fazer minhas loterias, estudo números, ganhei recentemente na loto mais mil e pouco, mas não é nada, pra mim recuperar tem que ser ao menos 100. Entendeu? . E assim por diante, sou muito aventureiro. Não tenho mais tempo a perder. Então a vida é essa. (riu)</p> <p>- Eu tenho alguns, eu não tenho</p>

	<p><i>alternativas nenhuma, tenho duas opções. Eu, eu vou embora pros Estados Unidos ou vou pra uma cidade pequenininha procurar viver do pouco que eu ganho da aposentadoria. Entendeu? Porque tinha, a minha profissão praticamente acabou a profissão de digitador de texto, então pra quê que eu vou ficar prestando um servicinho ali, ganhando 20 reais, é, é, num... E a vida é essa, esperar e ver o que vai acontecer.</i></p>
--	---

Se vincular fortemente os sentidos e significados da vida aos valores financeiro, faz parte da subjetividade social nos países capitalistas, o senhor Paulo configura subjetivamente esse valor como fundamental para a satisfação do homem.

Na primeira entrevista, o senhor Paulo fala da visita feita à família, em Minas Gerais. Fala, também, que a vida tem melhorado. A entrevistadora pergunta em que sentido. Ele diz ter deixado de ler reportagens que falam da guerra dos EUA e o Afeganistão, e diz:

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- Da morte?</p>	<p>- <i>Minha vida mudou neste sentido. Talvez num sei, talvez eu passei a rezar o terço. Ele tranqüilizou a minha alma né? Porque o terço ele é forte, ele é pesado. Eu acho. Tem gente que fala assim leve . Eu acho, porque ele fala da morte.</i></p> <p>- <i>É uai. Você fala assim, da alma. Assim: “O meu bom Jesus perdoai e livrai o fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, e socorrei as que mais precisarem”. Se você fala, a cada é, é ... mistério né? Então o Pai Nosso</i></p>

<p>- <i>E tem muito tempo que o senhor começou a buscar a vida religiosa?</i></p>	<p><i>em si tem o Deus Pai, você fala assim: “Deus Pai” e aí vai ... só tem uma parte da Igreja que fala assim é ... chama ressurreição, e eu já falo sobre a reencarnação. Aquela parte da ressurreição, da ressurreição, da Igreja, eu falo reencarnação da vida eterna. Eu acredito que a pessoa vai ter que vir muitas vezes aqui pra purificar o seu espírito. A pessoa comete um ato aí e fica por isto? Não tem lógica, uai. Então ele tem que vir pra purificar. Eu acredito na vida eterna neste sentido, de reencarnações.</i></p> <p>- <i>Não, tem muito tempo não. Eu sou espírita né? Mais eu freqüento na cento e quatro, as palestras (ênfase). É como sentar num banco de faculdade também, porque ali se ensina só o lado bom da vida, tem que fazer o bem ao próximo. Sabe? Cê vê hoje que nós vivemos numa sociedade conturbada aí né?. Gente num preocupa com espírito de jeito nenhum. Cê vê alguém fazendo algum bem aí? Então isto não te perturba o seu espírito? Seu espírito precisa de alimento, ele vai buscá alimento aonde? É só na oração. Então é difícil você buscar o seu cantinho, a paz né?.. Mas agora é muito difícil é até cruel, vou falar uma coisa pra você... mas uma casa que tem um pai desempregado, os filhos passando fome, é difícil encontrar a paz.</i></p>
---	---

Contraditoriamente, se o dinheiro está vinculado a valores que permeiam a satisfação humana, o senhor Paulo constrói uma vida de trabalho que não lhe permitiu enriquecer - se, está diante da ameaça do desemprego que lhe evidencia uma aposentadoria que não lhe permitirá melhorar as condições de vida.

Ao final do segundo dia de entrevista a pesquisadora relata:

A pesquisadora perguntou - lhe se havia coisas boas no fato do tempo passar. Ele disse que sim, mas que a **"vida em si é muito dura"**, **"a sociedade cobra muito, mas muito mesmo"**; disse buscar o equilíbrio nas orações, andou muito pelo mundo, mas que o mundo era uma coisa só.

Neste mesmo dia falou que sua família é pobre, comparando com os outros parentes:

... falou para a mãe que só iria a Sete Lagoas até quando ela estivesse viva, porque a família tem preconceito com eles porque são a parte mais "pobre" da família. Que ele é mais pobre, e é rejeitado. Que **"a sociedade vive o capitalismo"**, se uma pessoa casa com uma pessoa de boa condição todo mundo elogia, mas se é uma pessoa pobre que fica desempregado, eles chamam de vagabundo. Até na religião deles existe discriminação.

A atividade laboral vinculada, estritamente, ao valor financeiro acarreta na busca deste como a possibilidade de enriquecimento. O sentido do trabalho como uma atividade que possibilita fundamentalmente ganhos financeiros o destituiu dos sentidos de criação do sujeito na atividade do trabalho.

Se o senhor Paulo subjetiva os sentidos e significados do trabalho vinculados fortemente aos valores financeiros esse não seria o momento da busca do realizar, do criar, mas do garantir o enriquecimento. Se, segundo Bosi (1994), é o novo, o viril, o útil que são consideradas evidências de vida em uma sociedade capitalista, o senhor Paulo é evidência de morte, de falência, de exclusão, mesmo aos 45 anos. Os conflitos gerados traduzem em uma configuração subjetiva com características depressivas.

Para Ratner (1995), quando indivíduos são violados em suas necessidades básicas e de origem cultural como a ameaça do desemprego, condições de trabalho que não lhes permitem uma autonomia, bem como o pouco suporte social para lidar com essas dificuldades, são fatores que podem acarretar em depressões.

O senhor Paulo, através da conscientização da pouca autonomia frente a realidade, as contradições ao falar da vida religiosa, parece buscar na bebida a forma de lidar com os conflitos oriundos da realidade. Se a bebida serviu - lhe como meio de lidar com seus conflitos durante a vida, neste momento, é o recurso utilizado para lidar com a solidão e com as perdas do envelhecer.

Se a subjetividade capitalista é permeada pela naturalização da velhice como um processo de perdas e declínios daquele que não produz, o senhor Paulo considera que as pessoas passam naturalmente por processos de mudanças quando a idade vai passando.

Na segunda entrevista, ao perguntar das mudanças significativas em sua vida, o senhor Paulo fala das suas mudanças de cidade.

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- <i>Aí você fala de mudança no aspecto de mudar de cidade mesmo?</i></p> <p><i>Ou de acontecimentos em sua vida?</i></p>	<p>- <i>De mudar de cidade.</i></p> <p>- <i>Olha, quer ver uma coisa de mudanças particular, por exemplo, quando eu vim de Belo Horizonte pra cá, eu cheguei contaminado, eu bebia demais. Eu tava no embalo de Belo Horizonte. Eu tive quase no ponto de perder o emprego. Agora uma das mudanças que eu tive que eu, eu, eu ... isto deve ter mais ou menos uns 5, 6 anos, eu passei a assistir palestras espíritas, comecei na Regeneração, e quando vim pra cá comecei a freqüentar a APAE aqui. Todos os domingos eu tenho ido. Às vezes, durante um mês, eu falto um dia, como é todo Domingo, falto um Domingo. Mas isto ai mudou muito também. Parei de fumar, a bebida, eu não gosto de bebida, né? Passo período longo, por</i></p>

<p>- Fica o quê?</p> <p>- Então você tá dizendo que uma mudança foi parar de fumar e beber menos?</p> <p>- Com a idade a gente muda?</p>	<p><i>exemplo, eu viajei pra Belo Horizonte, bebi muito, voltei, e agora só vou beber na passagem do ano. Então, este tipo de coisa assim que eu não tinha muita paz pra fazer, isto não. E através das palestras eu tenho aos poucos conscientizado destas coisas. Mas dentro da própria conscientização quando eu bebo, eu fico doido.</i></p> <p>- Doido, ué! Vai beber muito, beber muito ... Você entendeu o que eu quero dizer?</p> <p>- É ... num sei se é em virtude também de ter freqüentado as palestras espíritas... num sei, talvez seja. E também vai chegando a idade a gente vai mudando também. Tô com 46 anos. Automaticamente você tem que mudar.</p> <p>- Muda e muito.</p>
--	---

Na segunda entrevista, ao falar da bebida, relata que seu organismo mudou, não agüenta as bebedeiras de antes:

Pesquisadora	Senhor Paulo
<p>- Você sente que mudou?</p> <p>- O seu organismo mudou?</p>	<p>- Mudei bastante... porque o organismo não é o mesmo. O organismo, o meu organismo não é o mesmo de quando eu era jovem.</p>

<p>- <i>Em quais sentidos? Em quais sentidos a sua idade te influenciou?</i></p> <p>- <i>Você foi a Belo Horizonte visitar a família?</i></p> <p>- <i>Que ia ter um ligação?</i></p>	<p>- <i>Mudou, uai. Vai bebendo, vai bebendo, vai enfraquecendo, uai. Então automaticamente, você pode beber muito e não ficar tonta, eu quando bebo uma cerveja, eu fico tontão. O meu organismo vai, não tá agüentando, então automaticamente a pessoa muda. A idade é difícil neste sentido aí. Né?</i></p> <p>- <i>..... é em todos os sentidos, ué!, a pessoa muda. Eu nunca imaginava, por exemplo, idolatrar três cachorrinhos. Nunca. Eu tenho três cachorrinhos que eu dou a vida por eles... então é uma mudança que a gente não sabe explicar. Tava em Belo Horizonte sonhei que eu estava correndo atrás dos três ... segurei em um, sonhei que a pretinha tava doente, morrendo aos poucos. Cheguei aqui nem a carne ela queria, ela adora carne. Ela tava ficando doente. Então isto num tem explicação. Me explica o quê que é isto?</i></p> <p>- <i>É. Belo Horizonte e Sete Lagoas, né? Que é onde eles moram. Eu nunca desloquei deles; até que a princesa e o outro eu já desloquei, fiquei lá uns 10 dias uma vez. Mas esta outra minha foi a primeira vez e ela ficou doente. E eu sonhei em Belo Horizonte. Quer dizer, é uma ligação que eu nunca imaginava na minha vida.</i></p>
--	--

<p>- Na sua juventude você não tinha muita?</p> <p>- O quê?</p> <p>- Ah é?</p>	<p>- Uma ligação forte com os animais. <i>Estas coisas assim, né?</i></p> <p>- Não. Chegava numa varanda, um cachorro passasse eu chutava ele "Sai daqui cachorro"... Então hoje não. Hoje eu, olha você quer que eu te fale a verdade é, os três cachorrinhos seguram muito a minha barra.</p> <p>- Barra.</p> <p>- Ai é o seguinte ... ah! Um dia você vai, vai, vai entender o que eu tô querendo dizer. É, eu chego em casa, eu tiro eles daqui e levo eles pro veterinário, pra da banho terapêutico neles. Então, quando eles sai pra lá, eu sinto a falta deles. A casa fica vazia. Neste sentido, segura a barra, neste sentido. Eu tenho uma paquerazinha aí tal e num trouxe ela aqui não, mas é ... é como se diz, ela ... dá a impressão que eu não estou tão sozinho.</p>
--	--

A partir de toda esta análise construtiva - interpretativa sobre o senhor Paulo, pode - se falar, dos indicadores da constituição subjetiva do envelhecer, especificamente nesse sujeito:

- a) o financeiro como um valor que está fortemente vinculado às configurações subjetivas do senhor Paulo, o que permite falar da constituição psíquica no sujeito, de um valor que é parte da subjetividade social nos países capitalista;

- b) ao vincular preponderantemente esse valor e enfrentar uma realidade do desemprego estrutural propiciado pelo avanço tecnológico, a autonomia e o enfrentamento das dificuldades ficam cerceadas pelo nível de consciência que possui de sua atuação frente às possibilidades de mudança;
- c) as formas de atuação desse sujeito frente aos conflitos gerados a partir dessa realidade são a busca religiosa, a bebida e a idéia de enriquecimento mágico, evidenciando características depressivas em sua constituição psíquica;
- d) a constituição subjetiva do envelhecer através da configuração do trabalho e das relações familiares falam de sentidos e significados produzidos de solidão e do descarte do seu trabalho.
- e) a memória como função psicológica superior modifica - se junto com as mudanças do envelhecer, na integração com outros elementos da configuração subjetiva desse sujeito.

*** SENHORA RENATA**

Os momentos de interação da senhora Renata com a pesquisadora realizou - se em único encontro. A aplicação do questionário não foi realizada pela mestrandia. O encontro dela com a senhora Renata ocorreu um ano após a aplicação do questionário e teve com eixo norteador o cotidiano da entrevistada. Não houve mais encontros, mas foi possível construir indicadores sobre a constituição subjetiva do envelhecer nesse sujeito a partir dessa entrevista, da análise do questionário, dos contatos telefônicos realizados para marcar a entrevista, e para encerrar o trabalho.

A constituição subjetiva do envelhecer na senhora Renata desenvolve - se em um contexto de limitações físicas vinculadas à dependência de outras pessoas para realização de atividade cotidianas.

O sentido que dá às suas atividades é o de um cerceamento dessas pelas limitações físicas. As possibilidades de atuação que lhe resta são subjetivadas como inúteis. Se as atividades que servem como produção do capital são consideradas significativas na

subjetividade social, nos países capitalistas, a senhora Renata subjetiva as suas atividades como imprestáveis. A senhora Renata tem como principal atividade as orações.

... Quando a pesquisadora perguntou sobre o dia - a - dia da senhora Renata, ela disse que era assim mesmo, ficou em silêncio e depois falou **“Minha vida é só rezar”**, estava segurando um terço...

A atividade religiosa aparece como a forma de lidar com o findar da vida terrena, mas é também uma atividade possível de ser realizada com as suas limitações físicas. O falar e o rezar são atividades que pode realizar, mas, se o rezar não possui um significado de produção para ela, o falar de si mesmo cai no descrédito devido ao comprometimento da memória.

Ao chegar na casa da senhora Renata, na primeira entrevista, a pesquisadora foi atendida pela senhora Gilda que é a cuidadora da senhora Renata. A senhora Gilda disse que ela, a senhora Renata, não daria conta de responder muita coisa, mas chamou - a e então as três entraram para a casa. Segundo relato da pesquisadora:

.... A senhora Gilda ficou limpando a sala e, enquanto a mestrandia falava sobre a o questionário aplicado anteriormente, ela disse: **“Aquele trabalho que perguntou quantas geladeiras tem em casa, não é? A maioria das respostas quem deu foi eu, porque ela não sabia responder”**. A senhora Renata começou a dizer então que não via necessidade em realizar o estudo, porque, **na realidade, ela estava ali só esperando o momento da morte, que não queria dar trabalho para ninguém e acreditava que a morte não iria demorar muito.**

Diante da impossibilidade de falar e cuidar de si mesma, os processos subjetivos do envelhecer são configurados como um processo que só lhe conduzirá à possibilidade da morte, o fim de todas as atuações possíveis. Se não pode mais falar de si mesma - um espaço de atuação que poderia exercer mesmo após o acidente - significa que não há espaços possíveis de atuação a não ser rezar, para preparar - se para a morte.

Segundo o questionário aplicado no ano anterior, as suas atividades eram:

“.. tanto durante a semana quanto nos fins de semana, vê televisão, reza, e lê livros religiosos. Às vezes vai para a casa da irmãs. Em casa, fica em companhia de uma funcionária durante o período da manhã”.

Neste momento, no ano 2000, a senhora Renata mantinha ainda um nível de atividade em que podia caminhar sozinha, visitar as irmãs e ir à Igreja. Já no primeiro contato realizado, no ano de 2001, a entrevistadora identificou - se e falou do interesse de continuar o trabalho.

A pesquisadora conversou com a senhora Renata e perguntou a ela se havia interesse em participar da pesquisa. Essa disse que havia sofrido um acidente e que não podia fazer nada que lhe exigisse deslocar. Disse que a vida estava muito difícil, agora as pessoas tinham que ir até a casa dela, que dependia de pessoas para cuidar dela. Falou que uma senhora da igreja, ia lá uma duas vezes por semana dar - lhe comunhão, porque ela não ia mais nem a Igreja.

Quando a entrevistadora pergunta sobre o dia - a - dia da senhora Renata, ela relata que a vida é só rezar e

... ela disse que antes ia a igreja que era bem ali próximo mas que um dia foi ao quintal e caiu. Relatou que **"não sabe o que na deu na cabeça."**

Segundo Ratner (1995), quando os processos humanos são subjetivados desvinculados de uma reflexão histórica e social, o indivíduo considera suas atitudes como produzidas somente por fatores pessoais e individuais.

A senhora Renata sente -se culpada por sua situação atual, considerando que a queda responsável pela dificuldade de andar poderia ter sido evitada por ela. Não significa o envelhecimento corporal como um processo que faz parte desenvolvimento humano. As limitações físicas são subjetivadas a partir das impotências que geram e não a partir da criação de novas possibilidades de lidar com elas.

No último contato feito pelo telefone, a senhora Renata recusa - se a continuar no trabalho e mais uma vez fala de sua condição física:

"- Ando de muleta dentro de casa mesmo, o caso foi sério."

A senhora Renata mora com a cuidadora. Não tem filhos e nem esposo. Mas tem os parentes e membros da Igreja que lhe dão suporte.

Se o modelo tradicional de família precisa ser repensado, para a senhora Renata, ele é o modelo desejável. Um conflito entre a subjetividade social e individual presentes na

configuração subjetiva da senhora Renata é sua relação com a debilidade física e não ter filhos para ajudar a cuidar dela. Durante as entrevistas, evidencia indicadores do envelhecer sem filhos subjetivado como um processo de solidão, em especial, no momento em que a debilidade física a coloca numa situação de dependência.

Ao realizar o primeiro telefonema após a aplicação do questionário, a pesquisadora pergunta a senhora Renata se tem interesse em continuar o trabalho e ela ...

... disse que havia sofrido um acidente e que não podia fazer nada que lhe exigisse deslocar. Disse que a vida estava muito difícil, que agora as pessoas tinham que ir até a casa dela, que depende de pessoas para cuidar dela. Falou que uma senhora da igreja ia lá uma duas vezes por semana dar - lhe comunhão, porque ela não ia mais nem a Igreja. A pesquisadora perguntou - lhe se tinha filhos e a senhora Renata disse que não, que vivia mesmo era na mão dos outros.

Nesse contato, a pesquisadora reafirma que ela estaria contribuindo para o trabalho se participasse, e não dando trabalho e a senhora Renata...

... começou a dizer que não tinha filhos que vivia esperando a morte chegar, havia se machucado há um ano e agora tinha dificuldades para andar. Disse que não saía desde que caiu, que alugava barracões no fundo e agora era o seu cunhado que cuidava desses aluguéis. Relatou que suas irmãs vinham sempre visitá-la, especialmente a mais nova - esposa deste cunhado que cuida dos seu barracões.

As dificuldades vivenciadas neste momento são constituídas subjetivamente a partir da configuração de outras impotências, além da física: o sentimento de impotência de não ser mãe, de ser uma mulher sem família, já que pertence a uma geração em que a realização da mulher estava vinculada a possibilidade de manter uma família, de ter filhos.

A senhora Renata, apesar dos problemas relacionados à memória, problemas esses que segundo a cuidadora a impedem de falar de si mesma, demonstra que - com todo o comprometimento da memória - o que fica para o sujeito é o que lhe é significativo para a sua constituição psíquica atual. Nos três contatos estabelecidos com a pesquisadora, três fatos eram sempre relatados pela senhora Renata: a) a queda e a dificuldade de locomoção; b) o fato de estar sendo cuidada por alguém que não era um parente consanguíneo; c) a ida de uma senhora para lhe dar a comunhão toda semana. O significado desses fatos para as

configurações subjetivas do envelhecer foram esboçadas em momentos anteriores neste trabalho.

Ao buscar compreender como se constituem os processos subjetivos do envelhecer especificamente na senhora Renata, alguns indicadores foram construídos:

- a) as limitações físicas decorrentes dos anos vividos, gerando sentidos e significados de impotências das atuações desse sujeito a partir da configuração subjetiva dos sentidos da independência e do trabalho como fundamentais para a valorização dos indivíduos;
- b) os sentidos produzidos do envelhecer como um processo de solidão agravados naqueles sujeitos que têm estruturas familiares diferenciadas do modelo tradicional;
- c) a memória assumindo novas funções na constituição psíquica desse sujeito, permitindo falar de suas diferentes funções ao longo do desenvolvimento humano, repensando, criticamente, os modelos de função da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO ENVELHECER: A DINÂMICA IMPOTÊNCIAS E POSSIBILIDADES.

Objetivando compreender como se configuram os processos que interagem no desenvolvimento dos indivíduos, constituindo subjetivamente os processos de envelhecimento, foi possível nesse trabalho elucidar como cada um dos entrevistados configuram o envelhecer de forma singular e, ao mesmo tempo, foi possível construir indicadores que falam da universalidade dos processos subjetivos do envelhecer.

Essa análise foi possível a partir dessa construção dos indicadores da constituição psíquica dos sujeitos no momento atual de seu desenvolvimento, evidenciando os processos pelos quais as experiências vivenciadas foram subjetivadas e integradas às configurações subjetivas desses sujeitos.

Assim, foi possível compreender como as representações sociais da velhice e as condições de trabalho neste início de século são configuradas no processo de subjetivação de cada sujeito.

Contextualizando a relação capital e trabalho, evidencia - se a vinculação estreita dos dois e isso é agravado em trabalhos eminentemente técnicos, destituídos de significados de criação e produção intelectual porque o sentido de sua produção vincula - se somente a obtenção de recursos financeiros. Para Antunes (2001), além dessa massificação do trabalhador, a manutenção do capital depende da substituição do trabalhador pela tecnologia, acarretando o desemprego estrutural que atinge principalmente os que são considerados velhos.

A velhice é então representada socialmente como uma etapa de perdas crescentes¹⁰, de declínios nas dimensões da vida daquele que não produz. O senhor Daniel relata que não é possível conseguir emprego na sua idade, o senhor Paulo fala da extinção da sua profissão. A senhora Marta reconhece que parou o trabalho em um momento que ainda se

sentia produtiva, no momento de sedimentar o seu conhecimento. Fala, ironicamente, que após a aposentadoria tornou - se uma "*mulher prendada*", que "*aposentado não faz nada*".

Entretanto, as necessidades dos sujeitos e o nível de suas atuações nesse contexto histórico e social específico depende das formas com que cada um subjetiva sua experiência.

Esse fato reporta a Situação Social do Desenvolvimento (REY, 1997), pois evidência como um elemento externo se torna sentido e significado para os sujeitos a partir da integração de suas configurações subjetivas constituídas na dinâmica das configurações subjetivas anteriores às experiências individuais e sociais atuais desse sujeito. Assim, considera - se processual a constituição subjetiva do envelhecer.

A aposentadoria para o senhor Daniel é vivenciada em conformidade com as relações que estabeleceu com o trabalho durante toda a sua trajetória profissional. Se para ele, na configuração subjetiva do trabalho, a autonomia e os conflitos foram gerados a partir de sentidos e significados vinculados aos valores capitalistas; esses presentificam - se na aposentadoria através dos sentidos de exclusão financeira.

Ao vincular preponderantemente o valor financeiro a configuração subjetiva do trabalho, a autonomia e o enfrentamento das dificuldades oriundas da exclusão do mercado de trabalho, ficam cerceadas pelo nível de consciência que o senhor Daniel possui da sua atuação frente as possibilidades de mudança.

A partir da realidade da substituição do homem pela tecnologia e do desemprego estrutural, as formas de atuação do senhor Paulo frente aos conflitos gerados a partir dessa realidade são a busca religiosa, a bebida e a idéia de enriquecimento por premiações ou trabalhando em outro país.

A senhora Marta, por sua vez, configura subjetivamente o trabalho como produção que supre outras necessidades além da financeira. Ao vivenciar uma trajetória profissional em que há produções intelectuais, dá sentidos diferenciados ao trabalho, busca novos espaços de atuação depois da aposentadoria. Atua de forma diferenciada do senhor Daniel e do senhor Paulo dentro dessa mesma realidade evidenciado a singularidade dos processos de subjetivação.

¹⁰ As contribuições teóricas a Psicologia do Desenvolvimento durante longo período pautaram - se na compreensão do desenvolvimento humano em etapas evolutivas. Para essas teorias, o desenvolvimento tinha

Assim, pode - se falar do desenvolvimento dos processos de envelhecimento dos sujeitos nessa dialógica com a produção de sentidos e significados de fatores externos nas configurações subjetivas dos sujeitos a partir da integração delas.

Para o senhor Paulo e o senhor Daniel, o pouco nível de consciência com relação a outros sentidos e significados das experiências subjetivadas que vão além do valor financeiro, bem como uma atuação mais autônoma frente as dificuldades, produzem a subjetivação das impotências¹¹, nas configurações do trabalho, do corpo e das relações sociais e familiares.

O senhor Daniel, ao lidar com as mudanças corporais como um processo de impotências e ao considerar o afastamento das atividades sociais como fatos inerentes ao envelhecer, denota que não busca novos espaços de atuação frente às mudanças ocorridas no decorrer dos anos vividos. Os sentimentos de utilidade e de satisfação são evidenciados somente quando fala de sua relação com a neta mais nova, interação esta que evidencia um espaço de atuação em que o envolvimento emocional satisfatório é muito marcante. Esse é um espaço de interação em que o senhor Daniel sente - se útil na formação das gerações dentro da sua família, portanto, um espaço de maior autonomia e possibilidades de atuação.

Para o senhor Paulo, o aniquilamento do próprio trabalho e o envelhecer constituem - se subjetivamente, através de sentidos e significados gerados de que a sua profissão é obsoleta, que formas maquinicas e modernas - não envelhecidas - podem substituir o seu trabalho, a sua história. Os sentimentos de exclusão são evidenciados quando fala de seus parentes. Os sentimentos de exclusão e de solidão são parte de sua constituição psíquica integrando - se à sua relação com a família e com o trabalho.

Para o senhor Paulo e a senhora Renata, os sentidos produzidos do envelhecer como um processo de solidão são agravados naqueles que possuem estruturas diferenciadas do modelo tradicional de família ¹².

Para a senhora Renata a independência e o trabalho são fundamentais para a valorização do indivíduo e não possuir uma estrutura familiar desejável agrava os sentimentos de inutilidade e solidão. As dificuldades, vivenciadas por ela, são constituídas

o seu ápice na adolescência e, depois, o processo era de declínio (PALÁCIOS, 1995).

¹¹ O termo impotência é compreendido durante todo este trabalho como a impossibilidade dos sujeitos de buscar novas atuações frente as mudanças geradas no decorrer dos anos vividos.

¹² Família composta por pai, mãe e filho (s).

subjetivamente a partir da configuração das impotências físicas, laborais e familiares - não ser mãe, não conseguir ter mantido uma família nos modelos tradicionais.

Embora, na análise desses sujeitos, tenha evidenciado a subjetivação dos processos do envelhecer fortemente vinculados à ideologia capitalista como um processo de perdas e declínios, a senhora Marta subjetiva essas perdas através da produção de novos sentidos e significados desenvolvidos na velhice, permitindo falar das possibilidades de atuação dos sujeitos que são potencializadas no decorrer dos anos vividos.

A senhora Marta, ao apresentar um nível de consciência com relação a outros sentidos e significados das experiências subjetivadas que vão além do valor financeiro, bem como uma atuação mais autônoma frente as dificuldades, subjetiva o trabalho, o corpo e as relações sociais e familiares através da busca e da criação de novos contextos de atuação, evidenciando a ética e a estética. As produções intelectuais, do período do trabalho, tem uma continuidade em outras atividades que a senhora Marta cria depois da aposentadoria.

Se a lógica capitalista é a da produção como possibilidade do enriquecimento, a idéia do término da vida em um futuro próximo pode possibilitar ao indivíduo refletir novos sentidos de vida. Para a senhora Marta, o envelhecer é subjetivado a partir da possibilidade de ter uma maior tranqüilidade que não era possível na época do trabalho. O envelhecer tem como ganhos romper com a lógica capitalista do produzir muito para se manter. A senhora Marta considera que essas reflexões são possíveis pelo amadurecimento propiciado no decorrer dos anos vividos.

Por último, faz - se necessário discutir o papel da memória que, como função psicológica superior, se modifica junto com as mudanças do envelhecer, na integração com outros elementos da configuração subjetiva dos sujeitos. Por assumir diferentes funções na constituição psíquica dos sujeitos permite uma reflexão crítica sobre as diferentes funções da memória ao longo do desenvolvimento humano.

O senhor Daniel e a senhora Marta, ao relatar para a pesquisadora como era a vida da família na época em que seus filhos eram estudantes, refletem sobre as diferenças nas relações estabelecidas entre pais - filhos e avós - netos. A senhora Marta, ao dar entrevistas para os alunos do curso de enfermagem mantém viva a sua história e a da faculdade. O

senhor Paulo, ao falar da sua trajetória profissional evidência como ela foi se extinguindo no decorrer anos.

A cuidadora da senhora Renata considera que ela, a senhora Renata, tem um comprometimento de memória que a impossibilita de responder perguntas nas entrevistas. Entretanto, a senhora Renata em todos os contatos com a pesquisadora, relatou fatos que eram significativos para a sua vida nesse momento: a sua queda, ter uma pessoa que vai a sua casa dar - lhe comunhão, e ser cuidada por pessoas que não tem parentesco com ela.

Assim, para esses sujeitos, o lembrar, o relato das histórias possibilitam o desenvolvimento das subjetividades social e individual, permitindo elucidar a função da memória na constituição do sujeito e da sociedade.

As integrações das configurações subjetivas levam à compreensão do envelhecer como um processo sócio - histórico, complexo, dinâmico, que fala das possibilidades e das impotências dos sujeitos a partir dos sentidos e significados produzidos do envelhecer.

A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO ENVELHECER E A PRÁXIS SOCIAL

Considerando a produção do conhecimento através de uma metodologia construtiva - interpretativa, esse trabalho foi possibilitado pela flexibilidade na atuação dos sujeitos, da pesquisadora e da orientadora do mestrado no sentido de buscar ativamente construir novas significações para o processo do envelhecimento.

Ao buscar suportes no Materialismo Histórico - Dialético, o compromisso com a produção do conhecimento não consegue desvincular da práxis, porque postula o constante desenvolvimento do homem na sua ação transformante e transformadora da realidade.

Se o envelhecimento populacional é uma realidade nos países de primeiro mundo e também nos países subdesenvolvidos, uma perspectiva crítica que dimensione o envelhecer aos seu desenvolvimento sócio - histórico permitirá falar do envelhecimento dos sujeitos inseridos em uma realidade e em um momento histórico específico, no caso desse trabalho, sujeitos latino - americanos, brasileiros, moradores de Goiânia, que falam do envelhecer no início do século XXI.

A necessidade de refletir novos significados do trabalho, além do financeiro, possibilita aos homens uma postura mais crítica frente à realidade social; o que acarreta em uma atuação mais autônoma frente à ideologia produzida pelo capital.

Assim, seria fundamental o aumento dos espaços interativos que produzem essas reflexões e que deveriam estender - se a trabalhos de preparação para a aposentadoria. Esse trabalho serviria de suporte para a produção de novos sentidos e significados do envelhecer no momento em que há a ruptura com os contextos de trabalho, o que pode acarretar em diferentes problemas para os indivíduos que aposentam. A preparação para a aposentadoria poderia auxiliar na reflexão dos sentidos do trabalho e na busca de novas possibilidades de atuação que não estão necessariamente vinculadas ao mercado de trabalho.

Refletir sobre o envelhecimento a partir de uma perspectiva sócio - histórica pode servir de subsídios a práticas profissionais e familiares menos preconceituosas com relação aos idosos, já que famílias e profissionais muitas vezes, nas suas tentativas de proteção aos idosos cerceiam os seus espaços de produção, tirando - lhes as possibilidades de escolha, de atuação; portanto, de desenvolvimento, de vida.

Recomenda - se ainda, novas investigações sobre os fenômenos constitutivos do envelhecer a partir da perspectiva sócio - histórica, a fim de possibilitar reflexões à respeito da não - naturalização da velhice compreendendo - a no seu carácter sócio - cultural.

Acreditando na construção do conhecimento a partir das e nas interações estabelecidas entre os seus participantes, incluindo a pesquisadora e a orientadora desse trabalho, foi possível buscar uma reflexão dos sentidos de vida que foram produzidos, até então, na minha vida. Aos vinte sete anos, ao fazer parte desse trabalho de mestrado, foi possível refletir minha própria trajetória de vida e qual envelhecer eu estou potencializando, através da minha atuação frente a minha própria vida e daqueles que junto comigo, passam por um processo constante de descoberta das possibilidades e das impotências do ser humano.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: RELATO DOS QUESTIONÁRIOS E DAS ENTREVISTAS

* SENHOR DANIEL E SENHORA MARTA.

QUESTIONÁRIO:

O questionário do tipo 1, aplicado no dia 27 de janeiro de 2001 foi respondido pelo senhor Daniel. Quando estava quase no final do questionário, a sua esposa chegou e ele pediu a entrevistadora que repetisse as respostas dadas por ele para a sua esposa. Esta deu algumas informações adicionais sobre a família.

Identificação do entrevistado (Senhor Daniel): senhor Daniel tem 67 anos, é casado. Possui o ensino médio. Nasceu no interior de Goiás e reside em Goiânia há mais de 10 anos. Antes de vir para Goiânia morou somente em sua cidade natal.

Perfil sócio - econômico: O tipo de domicílio em que reside é um apartamento. O domicílio é próprio, a renda familiar está entre dez e vinte salários mínimos. O senhor Daniel e a sua esposa contribuem para a renda da família. Ambos são aposentados.

Atividades realizadas pelo entrevistado: durante a semana, pela manhã, o senhor Daniel faz caminhada e leitura. Almoça junto com sua esposa e a neta. À tarde, lê jornal e revistas, e arruma "coisas" relacionadas à casa. À noite vê televisão - jornais e novelas - junto com a esposa e algumas vezes com a neta. Nos fins de semana, relatou que tem a mesma rotina. Às vezes essa muda, porque ele viaja para a casa dos filhos, que moram em outra cidade. Quando questionado se havia deixado de fazer alguma atividade de lazer/diversão que gostaria de ter feito no último fim de semana, disse que não.

Estrutura familiar: O senhor Daniel mora com sua esposa, e uma neta. É casado com a mãe biológica de seus filhos. Considera - se pai funcional de sua neta, e sua esposa mãe funcional. Os pais de sua neta moram no interior e esta mora com os avós para poder estudar em Goiânia. Sua neta tem 16 anos e sua esposa 60 anos.

Sobre a educação / criação dos filhos: esse tópico foi respondido com relação a educação / criação da neta que mora com eles. O senhor Daniel costuma recorrer a programas de TV, revistas, escola, jornais, livros, igreja, e internet para buscar informações

sobre a criação e educação da neta. Não recorre a ninguém para buscar informações quando tem problemas com a neta, porque disse que ela não dá problemas; mas, se houver, recorre a parceira e aos pais da adolescente. A parceira é quem lhe ajuda na educação / criação diária da neta, e é quem o substitui na sua ausência. Considera que violência, namoro e drogas são os assuntos mais difíceis de tratar com a neta. Utiliza como recurso na criação dessa, o diálogo, de forma muito freqüente.

Breve comentário da entrevistadora (realizado após a aplicação do questionário):

"O entrevistado respondeu todas as questões, quando sua esposa chegou então ele pediu para que fizesse um resumo do que havíamos conversado. A avó me levou ao quarto da neta para mostrar os recados que deixava para ela animando - a quanto à ansiedade do vestibular. Foram bem receptivos e demonstraram interesse em continuar o trabalho de pesquisa".

AS ENTREVISTAS.

1º CONTATO:

Ligação realizada no dia 28 de maio de 2001. A pesquisadora conversou com o senhor Daniel. Perguntou a ele se poderia ir a sua casa fazer a proposta para continuarem a participar do trabalho de pesquisa. Ele disse que sim, então ela perguntou qual horário poderia ir até a casa deles. Ele pediu para que esperasse, falou com a esposa a respeito do que havia conversado com a pesquisadora. Em seguida disse a esta que poderia ir. O encontro foi marcado para o outro dia à tarde.

1º MOMENTO: o falar da pesquisa.

O contrato foi realizado no dia 29 de maio de 2001 na residência dos entrevistados. Uma mulher atendeu o interfone, chamou o senhor Daniel. Ele falou por interfone com a pesquisadora, abriu o portão e disse para ela ir até o apartamento. O senhor Daniel a recebeu na sala. Sua esposa estava na cozinha mexendo com vasilhas e a sua neta estava na mesa da copa estudando com um rapaz. Da cozinha a sua esposa deu boa tarde à pesquisadora, dizendo - lhe para ficar à vontade e perguntou se o

trabalho era só com o seu esposo. A mestranda disse para ela que seria interessante que os dois participassem, que o trabalho envolvia os dois. Então ela pediu que a esperasse terminar de organizar algumas "coisas".

A sua neta perguntou quem era a pesquisadora e do que se tratava. A senhora Marta disse que era uma pesquisadora e que, como os pesquisadores encontram muita dificuldade em conseguir alguém para falar com eles, ela ficava com pena e queria ajudar. Enquanto a senhora Marta terminava de organizar as vasilhas na cozinha, o senhor Daniel perguntou sobre a pesquisa. A mestranda relatou que, devido ao fato de terem participado da enquete do trabalho anterior, foram escolhidos para participar de um novo trabalho e especificou os objetivos desse trabalho. Ele perguntou quantas famílias haviam sido entrevistadas e a pesquisadora disse que uma. E ele perguntou quantas famílias seriam entrevistadas ao todo e a mestranda afirmou que possivelmente cinco. Depois ele perguntou como este trabalho seria realizado e foi explicado que seria através de entrevistas, durante quatro ou cinco encontros. Então ele pediu que esperasse sua esposa para poder continuar falando sobre a realização do trabalho.

Ele perguntou se a pesquisadora era estudante, e ela disse que era estudante do mestrado, nesse momento sua esposa chegou. O trabalho foi novamente exposto: tratava-se de um trabalho de mestrado, e como eles participaram do primeiro momento (enquete) e disponibilizaram-se a continuar, neste momento da pesquisa cada pesquisador iria fazer um trabalho específico.

Foi falado que o trabalho consistiria em entrevistas realizadas em quatro ou cinco encontros, e foram indagados quanto ao interesse em participar. Eles disseram que não haveria problemas. A pesquisadora indagou a respeito dos horários. A senhora Marta disse que poderia ser qualquer um, já que tinham vida de aposentado, não faziam nada. "Aposentado você já viu, não faz nada". A mestranda sugeriu o período da tarde nas terças, quartas, ou sextas-feiras. A senhora Marta disse que na quarta à tarde levava a neta à escola e buscava-a, e que na sexta geralmente a neta tinha atividades na escola e precisava que ela a levasse e buscasse. Escolheu a terça. Então parou um pouco mudou a feição e disse que, às vezes, por ser aposentada, pensa que não faz nada, mas que no fundo faz muitas coisas, que tem atividades.

A pesquisadora perguntou se tinham algo para falar, dúvidas, se queriam colocar alguma coisa. A senhora Marta disse que não. Disse que aceitava o trabalho. A mestranda pediu autorização para o uso de gravadores e da filmadora. A senhora Marta

disse que não gostaria de ser filmada, mas que o gravador não teria problemas. Mais uma vez a entrevistada perguntou se queriam fazer alguma colocação e a senhora Marta pontuou que o trabalho não poderia ser em julho, porque assim que a neta entra de férias, os dois viajam. Esse é o período de férias deles também. A pesquisadora lhes disse que terminariam antes desse período. A senhora Marta disse que gosta de ir para o Tocantins, que sempre que podem ela e o marido vão para lá, que revezam as idas. Quando um vai, o outro fica em Goiânia com a neta.

Disse que neto faz o que quer dos avós, que avós são bobos; os pais educam e que os avós deseducam. Então os dois deram um sorriso (e mudaram a fisionomia, quando iniciou esse assunto, os dois sorriram, especialmente senhor Daniel). Disseram que tem uma neta de dois anos e meio que mora em Palmas, e que eles caem de quatro por ela. Os netos sabem que os avós os deixam fazer tudo o que querem. O senhor Daniel repetiu o que a esposa disse, que era isso mesmo que os avós caem de quatro pelos netos e que fazem tudo o que eles querem. Repetiram novamente que os pais educam e que os avós deseducam.

A pesquisadora agradeceu e disse que retornaria na próxima terça-feira. A senhora Marta frisou, mais uma vez, que sabia o quanto era difícil entrevistadores conseguirem pessoas que se disponibilizassem a participar e que eles estavam dispostos a ajudar.

2º MOMENTO: o cotidiano dos entrevistados

Entrevista realizada no dia 06 de junho de 2001 na residência do senhor Daniel e da senhora Marta. A pesquisadora buscou informações a respeito do cotidiano dos entrevistados através de perguntas sobre o dia - a - dia deles.

O senhor Daniel ao ser questionado sobre o seu cotidiano relatou que, por ser aposentado, o seu dia - a - dia vincula - se a atividades domésticas como consertar uma pia, uma porta. Então a pesquisadora indagou sobre desde quando era aposentado e ele disse que desde oitenta e seis era aposentado como autônomo, técnico de rádio e TV; mas que trabalhou durante 11 anos na Celg depois de aposentado, saindo de lá em noventa e cinco. O senhor Daniel então fala do trabalho da senhora Marta como enfermeira em um hospital de renome em Goiânia.

A senhora Marta, quando indagada sobre o seu cotidiano, fala de seus bordados, das conversas com o marido, das viagens a casa dos filhos e dos cuidados com neta. Relatou que era professora da Universidade Federal antes de se aposentar, que trabalhou muito e que após

aposentar aprendeu a bordar, pintar, e a culinária. Relatou a sua trajetória profissional: ao se formar em uma faculdade bem reconhecida, foi chamada para fundar o setor de enfermagem em um hospital de Goiânia, o qual hoje tem um grande reconhecimento na cidade. Relatou que se aposentou há quatro anos por causa dos planos do governo atual que objetivava passar o recebimento dos professores federais para INSS. Com isso o seu salário, após a aposentadoria, diminuiria muito.

Queixou - se do atual governo que, através de suas medidas, acabou com a elite de professores das universidades federais. Quando indagado sobre os motivos que o levou a se aposentar, o senhor Daniel disse que foi pelo fato de pagar o INSS como empregado e como autônomo, por isso optou pela aposentadoria proporcional. Recebe em média três salários mínimos de aposentadoria e disse que tem tranquilidade financeira graças aos rendimentos da esposa.

Ao falar do dia - a - dia com a neta, a senhora Marta fala dos problemas de saúde que tem e logo passam, e que faz academia. Quando tem problema trata rapidamente e logo volta a assumir as atividades normalmente. Relatou que é responsável pela educação da neta e que ela mesma foi criada por sua avó paterna.

O senhor Daniel falou de sua vida, do alcoolismo do pai, e do fato de ter, desde os 16 anos, assumido a sua mãe e as sua irmãs. Trabalhou muito desde criança, fez o curso de telecomunicações na escola técnica.

A entrevistadora perguntou sobre a história do relacionamento dos dois, eles contaram que se conheceram quando a senhora Marta estava na faculdade. Casaram dois anos depois que ela se formou. Vieram para Goiânia em setenta e sete, porque a senhora Marta havia recebido proposta de trabalho e os filhos precisavam vir estudar na capital. Esses, depois que se formaram, mudaram de cidade.

Relataram ter 39 anos de casados e que buscam tranquilidade, neste momento da vida. Já trabalharam demais e não ficaram ricos. Ter uma casa mais modesta teria as suas vantagens, entre elas, evita o risco de serem assaltados. A pesquisadora agradeceu a entrevistas e marcou o próximo encontro para 15 dias depois.

3º MOMENTO: as mudanças significativas da vida.

Entrevista realizada no dia 19 de junho de 2001. A senhora Marta não participou, porque havia marcado um exame médico naquele horário e não avisou previamente a pesquisadora.

A entrevista foi realizada com o senhor Daniel e tinha, como eixo norteador, as mudanças significativas em sua vida com relação ao trabalho, a família e as mudanças corporais. Quando questionado sobre as mudanças mais significativas na sua vida o senhor Daniel falou do tempo que fez o curso técnico, dos dezesseis anos quando assumiu sua mãe e irmãs, relatou ainda a sua vinda para Goiânia, período no qual ficou sem emprego, o que o levou a trabalhar novamente em sua cidade natal. Falou ainda da sua aposentadoria, o trabalho na Celg e a sua demissão.

Com relação às mudanças com a vinda da neta, relatou que a casa passou a ter mais movimento, mas que não se responsabiliza diretamente pelos cuidados com ela, porque sua esposa gosta de fazer isso. Disse que havia sido a esposa, inclusive, que convidara a neta para vir morar com eles, assumindo todas as despesas dela.

Com relação a mudanças corporais, relatou que, a partir dos sessenta anos, você nota as mudanças, que depois dos quarenta anos o processo é de descida. Quando indagado a respeito das coisas boas do envelhecer, diz que são os netos, que quando se tem os filhos o tempo é menor, e se é o responsável direto por eles.

A pesquisadora perguntou se havia diferenças entre os netos. Ele disse que eram todos iguais, entretanto, quando são pequenos são mais engraçados. Relatou então que a esposa havia visitado a filha, mas teve de voltar de viagem antecipadamente, porque foi convidada para votar na faculdade, disse que ela participa de todos os eventos da universidade, menos as festas.

Então a entrevista passa a enfocar as mudanças no lazer no decorrer da idade. O senhor Daniel relata que a idade afasta as pessoas desse convívio. Que os amigos de sua época, de sua cidade, muitos já morreram. Quando indagado sobre o que faz hoje para se divertir, o senhor Daniel relata que praticamente nada, que vê televisão, escuta rádio e CD e, quando a filha está em Goiânia, leva - o ao cinema e a passeios. Quando vai a cidade da filha vai a festas de amigos dessa.

A pesquisadora disse que a entrevista estava encerrando - se e perguntou se o senhor Daniel gostaria de falar mais alguma coisa, ele disse que não. A pesquisadora agradeceu mais um dia de entrevista e marcou o próximo encontro para o início mês de agosto.

4º MOMENTO: as mudanças significativas com o aposentar, a vinda da neta e o adoecer.

Entrevista realizada no dia 22 de agosto de 2001. A senhora Marta e o senhor Daniel estavam em casa, entretanto, aquela estava gripada e não participou da entrevista. A pesquisadora perguntou para o senhor Daniel em quais momentos, nas mudanças corporais ocorridas ao longo da vida, percebeu - se adoecendo. Então ele disse que não teve problemas sérios, somente uma cirurgia de hérnia de disco e um câncer de próstata, e que sua esposa teve um câncer no útero. Disse que há mudanças corporais com o avanço da idade, que a agilidade diminui, mas que esses problemas eram encarados com naturalidade por ele.

Quando indagado sobre as mudanças ocorridas em sua vida com a vinda da neta para a sua casa, disse que a casa ficou mais movimentada, que antes podia viajar e ver os filhos com mais frequência, hoje não.

Quando indagado sobre as mudanças que o aposentar proporcionou, falou que muda a rotina, que antes acordava e ia para o trabalho, hoje não. Relatou que, quando a sua esposa aposentou, aprendeu a pintar e que essa teve de parar o curso de pintura quando o ele operou da próstata.

Relatou fazer o tratamento com injeções até hoje e que parou de tomar o remédio por um período, por ser caro. Disse que quando se descobre um câncer tem que aceitar, que descobriu o seu por acaso: lendo uma revista decidiu fazer o exame e descobriu o seu problema.

A pesquisadora perguntou ao senhor Daniel se queria falar algo mais, ele disse que não, então ela marcou o próximo encontro para a outra semana explicitando a importância da participação da senhora Marta.

5º MOMENTO: as mudanças significativas com o aposentar, a vinda da neta e o adoecer / os arremates.

Entrevista realizada no dia 29 de agosto. As perguntas tinham o mesmo eixo norteador da anterior, entretanto, seriam dirigidas à senhora Marta. A entrevista iniciou - se com os questionamentos da senhora Marta sobre a pesquisa à respeito do número de pessoas entrevistadas. A senhora Marta falou então da relação avós netos dizendo que, quando se tem os netos, a vida está mais serena do que quando se tem os filhos.

Disse que os avós têm mais paciência, porque já passaram pela experiência, tem mais tempo porque não estão trabalhando e que na época dos seus filhos ela trabalhava muito. A entrevistadora pergunta quais as mudanças mais significativas ocorridas na vida

da senhora Marta e essa diz que foi quando se mudou para Goiânia. Com a mudança considera que adquiriu mais maturidade, que foi um passo positivo na vida deles. O fato de desejar melhores condições de estudo para os filhos foi uma das razões para se mudar para a capital.

Considera ser abençoada, porque os filhos nunca deram problemas. Sempre estudaram muito, tiveram muitos compromissos. Disse que a neta que mora com ela comporta - se da mesma forma.

Acredita que todos gostam de vir a sua casa por ser um bom ambiente - possuir muita serenidade. A senhora Marta começou então a falar da sua vida religiosa e a pesquisadora perguntou sobre a questão religiosa ao longo da vida deles. Ela relatou que, quando tinham cinco anos de casados, tornaram - se espíritas. Apesar de quase não freqüentar reuniões da igreja, ela lê muito e busca praticar o que aprende nas leituras.

Quando indagada sobre as mudanças ocorridas com a vinda da neta para Goiânia disse que ela sempre foi muito agarrada com ela. Seu filho casou e morou na casa dos pais por algum tempo, quando sua filha nasceu ainda morava com eles. Quando a neta da senhora Marta tinha três anos e meio, o seu filho mudou para o interior de Goiás. A neta voltou a morar com ela aos treze anos.

Quando indagada sobre quando percebeu as mudanças corporais e o adoecer, a senhora Marta disse que há muito tempo, que não há quem não adoeca mas que não era de curtir doenças. Apesar de ter feito algumas cirurgias considerava - se saudável. Disse que quando tem problemas busca solucioná - los rapidamente. O que não pode resolver deixa para Deus ou o tempo resolver.

A entrevistadora perguntou se tinham algo mais a falar e, a senhora Marta disse que estudos sobre a contribuição dos avós com os netos eram muito importantes. A pesquisadora indicou - lhe um livro sobre o tema e ela disse que iria ler, porque gosta de ler, de aprender sempre.

A senhora Marta acompanhou a pesquisadora até a porta e contou - lhe histórias da construção do prédio de enfermagem da Universidade Federal de Goiás, que ocorreu no período em que era a diretora do departamento de enfermagem. A pesquisadora agradeceu e disse que os avisaria sobre a dissertação de mestrado quando estivesse pronta.

*** SENHOR PAULO**

QUESTIONÁRIO:

Questionário do tipo 1 - A, aplicado no dia 05 de abril de 2001.

Identificação do entrevistado: Senhor Paulo tem 45 anos, é solteiro, concluiu o ensino médio. Nasceu em Minas Gerais e reside em Goiânia entre cinco a dez anos. Antes de vir para Goiânia morou no estado de São Paulo e em cidades de Minas Gerais.

Perfil sócio - econômico: O tipo de domicílio em que reside é um barracão. O lote possui mais de três barracões. O domicílio é alugado, a renda familiar está entre dez e vinte salários mínimos. O senhor Paulo mora sozinho e sua renda é proveniente da aposentadoria e do trabalho que realiza em um jornal.

Atividades realizadas pelo entrevistado: quanto as atividades fica em casa pela manhã e trabalha à noite. Nos fins de semana, trabalha e, conforme a escala, tem folga. Quando questionado se havia deixado de fazer alguma atividade de lazer/diversão que gostaria de ter feito no último fim de semana, disse que não.

Estrutura familiar: O senhor Paulo mora sozinho. Quando perguntado se tinha mais alguma informação que gostaria de falar sobre a sua família disse: - "*a família é a base de tudo na vida. Com ela é um problema, sem ela é pior*".

Breve comentário da entrevistadora (realizado após a aplicação do questionário):
"Sr. Paulo mora sozinho há muito tempo, sente falta de ter a família, por perto."

AS ENTREVISTAS

1º CONTATO:

O contato foi realizado no dia primeiro de outubro de 2001. Através de um telefonema, a entrevistadora explicou ao entrevistado que esse havia participado de uma pesquisa e o questionou se teria disposição para participar de uma outra. Este disse que sim. O primeiro encontro foi marcado para o dia três, às 9:00 h.

1º MOMENTO: o falar pesquisa, o relato da aposentadoria e do cotidiano.

A entrevista foi realizada no dia três de outubro de 2001. A pesquisadora explicou para o senhor Paulo os objetivos do trabalho e que o interesse em pesquisá - lo era

especialmente pelo fato de ter se aposentado antes dos quarenta e cinco anos. O senhor Paulo explicou que trabalhou no setor de fotocomposição, que envolve líquido e papel fotográfico. Sendo um trabalho que exige insalubridade, ele aposentou com vinte anos de profissão. Durante dois anos, depois de aposentado, continuou nessa função, tornando - se, depois desse período, um digitador. Disse que não se arrependeu de aposentar, porque foi promovido ao invés de ser demitido.

Relatou que muitas pessoas aposentaram na mesma época que ele. Pessoas que pertenciam ao sindicato dos gráficos, por isso estão protegidos, pois o governo não pode mexer em suas aposentadorias. Perguntou a entrevistadora se ela sabia o que era foto composição. Ela disse que não, e então ele explicou que era o setor de componedores, que lidavam com revelação de filmes.

O senhor Paulo então falou de todas as cidades que já trabalhou: Belo Horizonte, São Paulo, Viçosa, e Goiânia. Decidiu mudar para Goiânia por ser uma cidade que não era tão grande e que oferecia bons salários em sua área.

Quando a entrevistadora perguntou novamente a respeito da aposentadoria ele disse que foram muitas como a dele. Tinham que se aposentar porque o governo atual queria lhes tirar esse direito. Considera a aposentaria pequena, mas, com tanto desemprego por causa do avanço da tecnologia, ele se sentia bem aposentando. Considera que o cotidiano não mudou muito depois da aposentadoria, porque continuou trabalhando na mesma empresa.

A pesquisadora perguntou como ele se sentia diante da diminuição dos empregos pelo avanço tecnológico, ele diz que tinha duas opções, caso ficasse desempregado: ir para os Estados Unidos ou mudar para uma cidade menor, na qual desse para viver com a sua aposentadoria.

Relatou apostar toda semana nos jogos da loteria. A pesquisadora perguntou então do seu cotidiano e ele disse que tinha muita paz de espírito, que orava muito. Relatou que sua família está quase toda em Belo Horizonte, e que essa tem muitos problemas. Uma irmã estava com depressão pós - parto.

Relatou que não se sentiu bem quando voltou da visita que havia feito recentemente a sua família. Durante a sua estadia em Belo Horizonte, bebeu todos os dias. Depois que retornou a Goiânia decidiu ficar mais ou menos uns três meses sem beber. Disse que estava buscando a vida religiosa e que, embora a religião possa trazer paz, é difícil alguém sem dinheiro ter paz.

A pesquisadora perguntou ao senhor Paulo se queria falar mais alguma coisa e ele disse que não. Quando a pesquisadora desligou o gravador, ele disse que havia resumido a vida dele em poucos minutos, que parecia ter ido no psicólogo porque falou tudo e estava se sentindo bem. Disse que o que falou era verdade, no mundo do desemprego tem, pelo menos, um salário fixo que ninguém vai tirar (que é a aposentadoria), que apesar de poder perder o dinheiro da gratificação de sua promoção, a aposentadoria, mesmo sendo proporcional, ninguém lhe tira.

A entrevistadora agradeceu e marcou a entrevista para o dia treze do mesmo mês.

2º MOMENTO: as mudanças significativas e os arremates.

A entrevista foi realizada no dia treze de outubro. Iniciou - se com a pesquisadora questionando o senhor Paulo com relação às mudanças mais significativas em sua vida. Ele demorou um pouco para responder e disse que foi a vinda para Goiânia. Quando indagado sobre as razões, relatou que Goiânia é uma cidade mais tranqüila, e que, mudança mesmo, seria ganhar na loteria.

A pesquisadora perguntou sobre as mudanças ocorridas ao longo da vida e ele falou da infância e da adolescência na cidade de interior, dos seus quinze anos quando saiu e casa para trabalhar e a partir daí, nunca mais voltou.

O senhor Paulo falou que, quando mudou para Goiânia, bebia muito e que depois começou a freqüentar reuniões religiosas. A partir daí, passou a tomar consciência da bebida. Quando bebe disse que fica doido, que bebeu muito quando foi visitar a sua família e que agora ficaria mais de sessenta dias sem beber.

Considera que com a idade é necessário mudar alguns hábitos. Parou de fumar e caminha muito. Com a idade, uma outra mudança percebida pelo senhor Paulo foi o vínculo que criou com seus animais. Disse gostar muito dos seu três cachorros, acha que eles seguram barra dele, dando - lhe a impressão de não estar tão sozinho. Relatou ainda que a família é tudo na vida de uma pessoa e que a vida é uma faculdade.

A pesquisadora pediu para ele falar da história de sua profissão e ele a relata destacando que uma função que exercia foi extinta e que A outra - de digitador - estava preste a ser.

A pesquisadora perguntou ao senhor Paulo se tinha mais alguma coisa a dizer e ele perguntou a ela qual era a sua área de trabalho. A entrevistadora respondeu que era a psicologia, mestrado em psicologia do desenvolvimento.

O senhor Paulo relatou que a irmã estava com depressão pós - parto, estava sob efeito de medicação. Disse que ela teria que ter acompanhamento psicológico e que a família deu preferência a Hospitais Psiquiátricos Espíritas para interná - la, porque teria acompanhamento espiritual. A pesquisadora esclareceu um pouco sobre depressão que era algo tratável e ele disse que a irmã era mãe solteira e perdeu o emprego.

O senhor Paulo relatou, então, que na outra entrevista ele voltou a infância e que era até gostoso, que era bom falar, mas, voltar ao passado faz com que a pessoa perceba que o tempo passa muito rápido, pois se lembrou que estava em Goiânia há onze anos.

A pesquisadora perguntou - lhe se havia coisas boas no fato do tempo passar, ele disse que sim, mas que a "vida em si é muito dura", "a sociedade cobra muito, mas muito mesmo", que buscava o equilíbrio nas orações, que andou muito pelo mundo, mas que o mundo era uma coisa só.

Relatou um caso de uma mensagem espírita psicografada que ele digitou no jornal e que isso era incrível, porque existia vida após essa aqui. A entrevistadora então lhe perguntou: "Então a questão religiosa é algo marcante em sua vida?" e ele respondeu "marcante".

Disse que falou para a mãe que só iria a Sete Lagoas até quando ela estivesse viva porque a família tem preconceito com eles por serem a parte mais "pobre" da família. Que ele é mais pobre, e é rejeitado. Que "a sociedade vive o capitalismo", que se uma pessoa casa com uma pessoa de boa condição todo mundo elogia, mas se é uma pessoa pobre que fica desempregada, eles chamam de vagabundo. Que até na religião deles existe discriminação.

Perguntou sobre as outras entrevistas. A pesquisadora lhe disse que haviam sido feitas entrevistas com outras pessoas e que nem todas seriam escolhidas e que quando o trabalho de mestrado estivesse pronto, ele seria avisado. O senhor Paulo perguntou onde era a faculdade, a entrevistadora disse que era a Universidade Católica de Goiânia.

O senhor Paulo apresentou os seus cachorros para a pesquisadora, acompanhou - a em seguida até a porta e disse que se precisasse de ajuda na digitação ele estava a disposição.

*** SENHORA RENATA**

QUESTIONÁRIO:

Questionário do tipo 1 - A, aplicado no dia 07 de julho de 2000.

Identificação do entrevistado: Senhora Renata tem 89 anos (*na data da aplicação do questionário*), é divorciada, cursou entre a 1ª e 4ª série do ensino fundamental. Nasceu no Maranhão e mora em Goiânia desde 1995. Antes de vir para Goiânia morou em duas cidades do interior de Goiás.

Perfil sócio - econômico: O tipo de domicílio em que reside é uma casa. O lote da casa tem mais um domicílio. A casa é própria, a renda familiar está entre meio e um salário. Quem contribui para a renda da família é a própria senhora Renata com a aposentadoria.

Atividades realizadas pelo entrevistado: Tanto durante a semana quanto aos fins de semana, vê televisão, reza, e lê livros religiosos. Às vezes vai para a casa da irmãs. Em casa, fica em companhia de uma funcionária durante o período da manhã. Quando questionada se havia deixado de fazer alguma atividade de lazer/diversão que gostaria de ter feito no último fim de semana, disse que não.

Estrutura familiar: A senhora Renata mora com uma funcionária que cuida da casa. Não tem filhos e nem esposo.

Breve comentário da entrevistadora (realizado após a aplicação do questionário): "Pessoa só, sua secretária trabalha na casa dela pela manhã, e a tarde e a noite vai dar aulas. Há muitos anos a dona Renata não tem notícias do ex - marido, no Maranhão."

AS ENTREVISTAS

1º CONTATO:

Senhora Renata tem 90 anos. O primeiro contato foi feito por telefone no dia dezoito de setembro de 2001. A pesquisadora conversou com a senhora Renata e perguntou a ela se tinha interesse em participar da pesquisa. Essa disse que havia sofrido um acidente e que não podia fazer nada que lhe exigisse deslocar. Disse que a vida estava muito difícil que agora as pessoas tinham que ir até a sua casa, que depende de pessoas para cuidar dela. Falou que uma senhora da igreja "vai lá" uma ou duas vezes

por semana dar - lhe comunhão, porque ela não vai mais nem à Igreja. A pesquisadora lhe explicou que as entrevistas seriam realizadas na casa dela e que ela não precisaria se deslocar. A pesquisadora perguntou - lhe se tinha filhos e a senhora Renata disse que não, que vivia mesmo era na mão dos outros. Então a entrevista foi marcada para o dia seguinte.

1º MOMENTO: o falar da pesquisa, a debilidade física e a dependência dos cuidadores.

Entrevista realizada no dia dezenove de setembro de 2001. Ao chegar na casa da senhora Renata a pesquisadora foi recebida por ela e por sua cuidadora, a senhora Gilda. Essa perguntou a respeito do trabalho e disse que a senhora Renata não daria conta de responder muita coisa. A pesquisadora então disse que estava interessada na questão da terceira idade e que perguntaria coisas a esse respeito para a senhora Renata.

A senhora Gilda ficou limpando a sala e, enquanto a mestrandia falava sobre o questionário aplicado anteriormente, ela disse: "Aquele trabalho que perguntou quantas geladeiras tem em casa não é? A maioria das respostas quem deu foi eu, porque ela não sabia responder". A senhora Renata começou a dizer então que não via necessidade em realizar o estudo porque na realidade ela estava ali só esperando o momento da morte, que não queria dar trabalho para ninguém e acreditava que a morte não iria demorar muito.

A pesquisadora disse - lhe que, ao ser entrevistada, ela não estaria dando trabalho e sim contribuindo para a compreensão do envelhecer; mas, a senhora Renata começou a dizer que não tinha filhos que vivia esperando a morte chegar, que havia se machucado há um ano e que agora tinha dificuldades para andar. Quando a pesquisadora perguntou sobre o dia - a - dia da senhora Renata, ela disse que era assim mesmo, ficou em silêncio e depois falou "Minha vida é só rezar" - estava segurando um terço. Disse que não saía desde que caiu, que alugava barracões no fundo e que agora era o seu cunhado que cuidava desses. Relatou que suas irmãs vinham sempre visitá-la, especialmente a mais nova que é esposa desse cunhado que cuida dos seu barracões.

Disse que tinha uma irmã que não tinha condições de ir lá vê-la e que ela também não tem condição de ir até a casa da irmã. Então falou de uma outra irmã que perdeu o filho e usou o termo coitada para a irmã. A pesquisadora perguntou - lhe então se teve filhos. Ela disse que teve dois, que morreram quando eram crianças, que não se lembra

direito mais que um morreu antes de nascer, e que ela ficou viúva cedo. Após esta fala, a senhora Renata ficou um tempo calada.

A pesquisadora perguntou mais uma vez sobre o seu cotidiano e ela disse que antes ia a igreja - bem próxima dali - mas que um dia foi ao quintal e caiu. Relatou que "não sabe o que deu na cabeça" e que, desde então, não sai mais de casa, não quer ir nem à Igreja porque não quer dar trabalho para ninguém, que uma pessoa vinha duas vezes por semana em sua casa lhe dar a comunhão. Disse que não ia mais ao médico porque não dá para ir a pé, mas que nunca lhe faltou remédio nem o que comer, que o cunhado cuida dos aluguéis do barracão e repassa - lhe o dinheiro para tudo que precisa.

Disse que a mulher que atendeu a porta mora com ela há muitos anos. A pesquisadora perguntou há quanto tempo e ela disse que não se lembrava. Disse que ela cuida das coisas, e que uma outra moça mudou para a casa há pouco tempo, veio do interior de Minas Gerais para estudar. As duas revezam para que ela não fique só.

„Com relação a participação no trabalho, a senhora Renata disse que teria de falar com a irmã mais nova e o cunhado, estava viajando, mas que precisa da autorização deles para tudo, porque se ela fizer algo sem pedir, eles dizem que ela deveria ter informado antes. A pesquisadora agradeceu e combinou telefonar para a senhora Renata na semana seguinte.

2º MOMENTO: o último contato.

No dia primeiro de outubro de 2001, a pesquisadora telefonou para a senhora Renata, identificou - se novamente, falou do último encontro. A senhora Renata disse que se lembrava da pesquisadora, mas que há um ano mais ou menos havia caído e por isto não estava mais servindo para nada, dependia dos outros e não iria contribuir para o trabalho, porque não podia sair.

A pesquisadora mais uma vez falou - lhe que o trabalho consistiria em entrevistas e ela iria até à casa da senhora Renata. Essa então colocou que havia uma pessoa que ia até a sua casa para dar - lhe a comunhão, que é uma pessoa muito boa que "Sempre vem aqui e na vizinha", disse que a vizinha tinha 110 anos. Relatou que "-Anda de muleta dentro de casa mesmo, que o caso foi sério" então a pesquisadora disse - lhe que poderia ir até lá como na última vez. A senhora Renata disse que era melhor não, que estava pior do que antes. Então a pesquisadora agradeceu a participação anterior.

APÊNDICE 2: QUESTIONÁRIOS

APÊNDICE 3: ENTREVISTAS GRAVADAS EM FITA K7

*** SENHOR DANIEL E SENHORA MARTA.**

2º MOMENTO: o cotidiano dos entrevistados

Entrevista realizada no dia 06/06 às 16:00hs. A pesquisadora tocou o interfone, se identificou e então abriram o portão. Ao chegar no apartamento o senhor Daniel a recebeu e disse que iria vestir uma camisa. Retornou a sala e disse que sua esposa estava lá dentro e logo viria. Esperamos um pouco e perguntei se poderíamos começar antes dela chegar e ele disse que tudo bem. O jornal estava em cima do sofá.

Pesquisadora: - *Então seu Daniel talvez fosse interessante que a gente começasse hoje com você falando um pouco do seu dia a dia mesmo, do seu cotidiano, das suas atividades.*

Senhor Daniel: - *Atualmente eu sou aposentado, serviço é só caseiro mesmo não tenho atividade a não ser o serviço de casa. Né?*

Pesquisadora: - *E este caseiro seria o quê?*

Senhor Daniel: - *É, eu mexo com conserto pia, conserto porta, com estas coisas de casa eu faço... mas é isto, leio jornal na parte da tarde, vejo programa de jornal na televisão mas...*

Pesquisadora: - *O senhor se aposentou a quanto tempo?*

Senhor Daniel: - *Ah eu sou aposentado a muitos anos, desde oitenta deixa eu ver, ... oitenta... e seis, oitenta quatro, oitenta e seis. Eu sou aposentado como autônomo. Ai trabalhei 11 anos na Celg depois de aposentado.*

Pesquisadora: - *Na?*

Senhor Daniel: - *Celg.*

Pesquisadora: - *Na Celg (como confirmando que eu havia entendido).*

Senhor Daniel: - *É. Eu saí de lá em 1995, abril de 95. De 84 a 95 trabalhei na Celg. Mas já era aposentado né? ... mas era uma complementação do salário né?. E hoje não, hoje não tem nada.*

Neste momento a senhora Marta entra na sala, com um pano na mão, bordando ponto cruz.

Senhora Marta: - *Opa! Boa tarde.*

Pesquisadora: - *Boa tarde.*

Senhora Marta: - *Tudo bem?*

A pesquisadora acena com a cabeça e o senhor Daniel continua a sua resposta. A senhora Marta se senta e fica bordando.

Senhor Daniel: - *Hoje é só a aposentadoria mesmo, minha.*

Pesquisadora: - *E antes da aposentadoria o senhor trabalhava com o quê? Antes da Celg.*

Senhor Daniel: - *Antes da Celg eu era, eu era autônomo, técnico de rádio e TV. Eu fazia a vida com isto.*

A entrevistadora se dirige para a senhora Marta.

Pesquisadora: - *Então, eu estou começando a entrevista hoje perguntando um pouco do o dia a dia de vocês, como é que é... e aí a questão da aposentadoria que a gente acabou entrando né? (olha para o seu Daniel) na questão da aposentadoria.*

Senhor Daniel: - *É. A Marta foi professora de ..., aliás, ela trabalhou primeiro como enfermeira né Marta? Trabalhou como enfermeira. Trabalhou uma temporada no Instituto de Neurologia.*

Senhora Marta: - Mas eu comecei trabalhando para o governo.

Senhor Daniel: Pois é. Mas aqui, estou falando aqui. Começou trabalhando para o governo... Então pode complementar.

A pesquisadora se dirige a Senhora Marta

Pesquisadora: - Me fale um pouco do seu trabalho.

Senhora Marta: - Mas qual que era a pergunta mesmo?

Pesquisadora: - Sobre o dia a dia de vocês.

Senhora Marta: - Hoje?

Pesquisadora: - Hoje.

Senhora Marta: - Ah... O dia a dia hoje a gente fica em casa, conversando, eu bordando, ele lendo (então ela ri), e acompanhando a neta, tomando conta da neta. E a neta estudando. Fazendo o terceiro ano colegial estuda o dia inteiro. Tá na no quarto com os livros lá estudando. Então temos a vida assim, a gente sai compra as coisas que precisa, faz as coisas que precisa, de vez em quando viaja um pouquinho na casa de um filho, na casa de outro, faz uma viajenzinha, mas o dia a dia é rotina de pessoa de terceira idade.

Pesquisadora: - E antes de aposentar, o que você fazia?

Senhora Marta: - Eu trabalhava, eu era professora na Universidade Federal. Trabalhava 10 horas por dia, 8, 10 horas por dia corria demais. Tanto é que o primeiro ano que eu me aposentei eu achei que eu ia ficar doída porque não tinha nada para fazer, o dia não passava. Aí foi onde eu fui aprender a bordar, eu fui aprender a pintar tela, eu fui aprender a fazer bolo, doce, torta; fazer crochê, tricô eu aprendi a fazer de tudo. Hoje eu sou prendada como dona de casa, foi depois que eu aposentei.

Pesquisadora: - Antes não?

Senhora Marta: - Depois que eu aposentei que eu procurei aprender estas coisas que eu nunca tinha feito né? E hoje eu acho que estou até bem... Então, como eu não sei ficar quieta eu nunca fico quieta, eu estou sempre fazendo alguma coisa. Sempre, ou eu estou fazendo um crochê, ou estou bordando, ou estou pintando, ou fazendo quitanda, ou eu estou na cozinha ou... Eu não consigo ficar quieta, se eu fica quieta eu não me sinto bem. Isto é da minha natureza eu sou meia...

Pesquisadora: - Mas você começou a trabalhar em Rio Verde?

Senhora Marta: - Eu me formei em Rio Verde na Escola Americana que tinha lá, fiz enfermagem em nível superior, me formei em 1960. Lá eu trabalhei até 1975. No mesmo hospital, no Hospital Evangélico de Rio Verde até 1975. Aí eu vim para Goiânia, estavam inaugurando o Instituto de Neurologia, e eles foram em Rio Verde me chamar pra vir. Eu vim pra ser, estruturar o Instituto de Neurologia, que foi fundado no final de 1975, lá eu fiquei, depois me chamaram pra ajudar a abrir o curso de Enfermagem da Universidade Federal, eu fui ajudar a irmã Angela, o pessoal e a gente estruturou e fundou, criou o curso de enfermagem na Universidade Federal, o curso de Enfermagem e Nutrição, e lá eu fiquei até me aposentar em 1997, que eu aposentei.

Pesquisadora: - Tem quatro anos.

Senhora Marta: - Tem quatro anos, vai fazer quatro anos em setembro... E me aposentei só por causa do Fernando Henrique (falou em um tom de voz mais alto), se não, não teria me aposentado.

Pesquisadora: - Ah é? Porque?

Senhora Marta: - É porque o Fernando Henrique disse que ia tirar o salário, ia cortar, o máximo que ia ganhar era R\$ 300,00 R\$ 400,00. Então depois de velho você ficar sem dinheiro você morre de fome né?

Pesquisadora: - E porque que ele diminuiu tanto o salário?

Senhora Marta: - Ele ia diminuir (em tom de voz mais alto), ele não conseguiu, as leis não deixaram, ele não conseguiu mudar as leis, porque ia prejudicar os deputados também então não passou graças a Deus. A lei dele não passou porque tirava a aposentadoria integral queria que a gente ficasse igual

ao INSS. Porque a gente aposenta pelo estatuto do funcionário público federal né?. Então é o Estado que paga para a gente. Não é o INSS. Eu continuo recebendo através da Universidade Federal.

Pesquisadora: - Entendi... E aí se passasse para o INSS..

Senhora Marta: - É. Hoje ganhava no máximo, quanto que é o máximo hoje? (vira para o senhor Daniel). Mil reais.

Senhor Daniel: - Provavelmente é, deve ser mil e trezentos reais.

Senhora Marta: - E aí a gente não vivia, vegetava.

Senhor Daniel: - Mas é o caso né? Que o Fernando Henrique neste problema dele aí ele acabou com a elite de professores, acabou, que os doutores que tinham nas federais, aposentou tudo.

Senhora Marta: - E todo mundo que estava lá estava porque gostava de trabalhar porque tinha feito o complementação de sua carreira docente toda, mas gostavam. Porque por exemplo, eu tenho dois filhos. Todos os dois são casados, moram fora daqui. Eu ainda dou conta de andar, ainda dou conta de falar, ainda dou conta de fazer as coisas, então era hora de transmitir aquilo que a vida inteira eu sedimentei, então era hora de transmitir para os alunos. Então como aconteceu comigo, aconteceu com a maioria dos professores. Aqueles que tem experiência, que tem vivência, que tem... Para você ter uma idéia eu só não era professora titular porque não tinha vaga na minha idade, mas eu era professora adjunto 4 muitos anos já. Aí aposentei. Mas olha eu vou te dizer uma coisa, hoje eu te digo honestamente, eu já podia ter aposentado a muitos anos, eu devia ter aposentado quando podia e não quis. Porque depois que eu aposentei eu descobri a vida porque antes eu nunca tive tempo para olhar a vida, eu não tinha tempo de sair para ir ao shopping passear, sair de tarde, assistir um filme, nunca tive tempo de sair e comprar uma coisa mais barata, sempre comprava a mais cara porque a primeira que eu encontrava era esta que eu comprava porque não tinha tempo. Eu podia passear só quando tinha plano de férias, hoje eu faço o que eu quero a hora que eu quero. Minha vida melhorou, até o salário melhorou.

Pesquisadora: - Depois que aposentou?

Senhora Marta: - Depois que aposenta as coisas que você não consegue receber quando está na ativa quando você aposenta você recebe.... Para mim foi bom, não foi ruim não.

A pesquisadora se dirige ao senhor Daniel:

Pesquisadora: - E para você? Como que foi aposentar?

Senhor Daniel: - Aposentar para mim também foi necessidade porque eu já tinha, já, já, porque o autônomo paga dobrado porque não tem a empresa para dividir então quando na época que eu pagava se fosse numa empresa eu pagaria 8% e a empresa 8%, eu pagava 16. Então eu já tinha ultrapassado o meu tempo de aposentadoria e continuava pagando. Então era muito dispendioso e a renda tava, o trabalho não tava tendo o rendimento (sua esposa interrompe).

Senhora Marta: - Não, e quem aposenta pelo INSS, eu só complementando.

Senhor Daniel: - Então aí...

Senhora Marta: - O governo ainda rouba. Porque ele por exemplo pagava sobre 8 salários mínimos, e hoje ele rece...

Senhor Daniel: - Cinco.

Senhora Marta: - Cinco.

Senhor Daniel: - E hoje não recebo três.

Senhora Marta: - Hoje não recebe nem três.

Senhor Daniel: - Paguei a vida inteira sobre 5 salários.

Senhora Marta: - Se agente fosse viver só com o salário de aposentadoria dele agente morria de fome.

Senhor Daniel: - Morria de fome. Não dava.

Senhora Marta: - É que durante a vida você vai fazendo alguma coisa, vai trabalhando, você vai fazendo uma coisa, pra na velhice ter mais sossego né?. Só isto que acontece com a gente, só isto se não.

A pesquisadora se dirige ao senhor Daniel.

Pesquisadora: - Mas suas atividades após a aposentadoria mudaram em que sentido?

Senhor Daniel: - Não, aí eu trabalhei como eu te disse, trabalhei 11 anos na Celg, depois por problema de governo outra vez me mandaram embora, e aí com 60 e tantos anos ninguém arranja emprego não é mesmo?

Pesquisadora: - E como o senhor vê hoje?

Senhora Marta: - Não, ela quer saber assim Daniel se você se sente bem ou se sente mal é isso.

Senhor Daniel: - Eu me sinto muito bem. Graças a Deus eu

Senhora Marta: - Vai muito para a casa dos filhos

Senhor Daniel: - Graças a Deus com o vencimento dela nós vivemos bem então, não tem problemas graças a Deus.

Pesquisadora: - Como?

Senhor Daniel: - Com o vencimento que ela tem que é muito melhor que o meu nós adaptamos as despesas não tem problema então... Dá para vivermos tranqüilamente sem termos trabalho. Sem ter que fazer complementação

Pesquisadora: - E a relação com os filhos? Vocês falaram que aposentou tem mais tempo para viajar...

Senhor Daniel: - É de vez em quando a gente vai a casa de um e ou de outro.

Senhora Marta: - Moram fora. Não viaja mais porque minha neta mora aqui, fica muito mais preso por causa dela.

Senhor Daniel: - É.

Senhora Marta: - Mas ele vai, quando ele volta eu vou, porque sempre tem que ficar um aqui com ela. Apesar de eu ter uma pessoa que trabalha comigo, à noite ela fica sozinha. Então ela não pode ficar sozinha, ela tem só 16 anos. Então é assim, ele, por exemplo, ele chegou de Palmas ficou lá uns 20 dias, agora eu vou, e ele fica aqui com a neta. Aí chega de lá agente vai lá no outro filho, fica, não é monótona a vida não.

Pesquisadora: Fala um pouco da família de vocês. Tem um filho que mora em uma cidade e um filho que mora na outra?

Senhora Marta: - É

Senhor Daniel: - É

Senhora Marta: - Minha filha mora em Palmas capital do Tocantins, e meu filho mora em Acreúna que é entre Rio Verde e Goiânia.

Pesquisadora: - Que é o pai da...

Senhora Marta: - J (neta). Pai da J. Ele tem duas filhas, J. de 16 anos e a outra que tem 14. A outra tá lá terminando o primeiro grau este ano, a J.. só veio depois que terminou o primeiro grau.

Pesquisadora: - Então no outro ano a outra neta virá?

Um olhou para o outro.

Senhora Marta: - Provavelmente, eu não sei se eu vou dar conta não (sorriu) mas tem que vir.

O senhor Daniel também sorriu.

Senhora Marta: - Porque não é molhe cê carre.. levantar de madrugada, levar neto ali, depois que ir no shopping, cê leva no shopping, cê traz. Ele quase não faz isto porque ele é meio adoentado né? Quem faz isso sou eu. Então eu tenho medo de sair à noite sozinha, sair de carro, trancar, eu tenho medo de sair à noite sozinha, fica agitada, a gente não tem o reflexo de jovem mais né? Por mais que você quer você não tem assim a lucidez de um jovem. Se você vê um jovem por exemplo é muito mais esperto, os reflexos da pessoa de idade vai diminuindo.

Pesquisadora: - Então o que vocês costumam fazer, é quais atividades junto com a neta?

Senhora Marta: - Ah a neta...

Pesquisadora: - No dia a dia ...

Senhora Marta: - Leva na escola

Senhor Daniel : (sorri) - Só na escola.

Senhora Marta: - Busca da escola. É... eu faço academia junto com ela, ele não faz. Ele está até precisando ir ao médico para ver se ele pode fazer porque ele tem problema de *Ernia de Disco*, ele teve um câncer, a uns anos aí atrás, teve que fazer até hoje o tratamento até hoje deste câncer de próstata então por isto que ele fica mais quietinho. Então ele tá fazendo tratamento aí ainda então quero levar ele ao médico para ver se ele pode fazer academia, fazer musculação, nadar, porque eu faço isto. Sabe apesar de ter doencinha que nem artrose que é coisa de velho mes, de vez em quando ataca e você tem que ficar de repouso um dia, até fui no meu reumatologista porque fica quieta sara, agora faz mais ou menos uns 15 dias que eu não vou lá. Agora eu falei para ele, acho que eu já melhorei. Acho que eu já posso voltar né? Tem estas doenças degenerativas que é natural da idade. Que não me atrapalha em nada a não ser doer aí cê toma anti-inflamatório melhora, daí uns dias cê tá boa de vez.

Pesquisadora: - Mas quais momentos vocês estão com a neta, realizam atividades junto com ela?

Senhor Daniel: - Isto aí é, é mais no período de, de, de almoço e nos finais de semana (fala rindo).

Senhora Marta: - É.

Senhor Daniel: Porque ela estuda praticamente o dia inteiro.

Senhora Marta: - Ela tem aula até a uma. Aí ela chega aqui agente almoça, senta, conversa. Nós esperamos ela. Nós almoçamos prime nós e almoçamos hoje geralmente uma, uma e meia nosso horário de almoço. É o que eu falo para ele, não é para a gente almoçar antes porque depois ela chega e almoça sozinha. A gente aguarda ela para almoçar. Termina de almoçar aí passa um pouquinho, falo pra ela dá uma descansadinha aí ela volta pra estudar. Aí ela estuda. Aí ela tem um professora de exatas que vem dá aula pra ela que então chega aqui seis horas e fica até mais ou menos umas sete e meia, oito horas por aí. Então a gente fica junto, ela não sai quase de casa. Toda hora que você chegar ela está ali (apontou para dentro da casa). De vez em quando você tem que chegar e "toma um suquinho", faz uma coisinha assim e ela tá lá estudando.. Como é que faz, se deixar fica o dia inteiro né? Sabe menino estressado fazendo o terceiro ano como é que é. Sabe como os colégios são hoje né? Massagrantes (o seu tom de voz mudou - entonou a voz) né? Você é incompetente, você não estuda, você burra, então ela fica doente a hora que tira uma nota ruim, graças a Deus ela é muito boa, eu falo porque a vida está tão difícil né? Quando você tem uma menina que não dá trabalho você fica ... (fez feição de alívio e alegria, quando falou da neta que era boa, falou baixo).

Pesquisadora: - Ela não é difícil?

Senhora Marta: - Não.

Senhor Daniel: - Não, não é difícil não, ainda bem (falou baixo).

Pesquisadora: E quem leva, busca...

Senhora Marta: - Do Colégio?

Pesquisadora: É.

Senhora Marta: - Eu todas estas coisas.

Pesquisadora: - Ela tem quem leva e quem busca na escola, em todas as atividades?

Senhor Daniel: - A Marta..

Senhora Marta: - Eu levo e busco ela em todas as atividades

Pesquisadora: E com a relação a educação né? Falar faz isto ou não faz, como é que é?

Senhora Marta: - Ih, tem hora que nós duas brigamos que nem duas adolescentes. Nosso papo é de duas adolescentes. Eu falo com ela sempre, e ela diz que não me responde, ela questiona (sorri)... eu marquei bem este ponto ela fala avó na sua época era responder na minha não é responder é questionar. Então ela me questiona, ela quer me provar que ela tá certa, e aí tem que corrigir, muitas vezes ocorre isto. "Mas que diabo" (imitando a neta). Como se eu fosse mãe mesmo, porque adolescente de hoje discute demais com o pai e a mãe, assim, foram criados com mais liberdade, tem direitos, coisa que anti.., na minha idade você não tinha direitos, só tinha dever. Só de olhar em você assim você saía correndo né? Hoje em dia não, hoje em dia tem diálogo, o adolescente discute, mostra a idéia dele, ele quer prevalecer a idéia dele e você tem que respeitar. Mas isto não quer dizer que não existe, que eu não brigo com ela não, brigo sim, e muito "não aceite, não aceite. Este quarto está muito bagunçado e eu não aceito bagunça na minha casa, cê larga de ser bagunçada" (imitando em voz baixa o tom de briga). Porque eu nunca vi fazer bagunça no guarda-roupa igual esta bichinha faz. Ela é desorganizada, ela diz que gosta é bagunçado e eu digo: na minha casa não. Neste sentido, mas em outros não. Ela tem um namorado m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-o, que eu acho que ela ganhou na loteria. Eu ganhei na loteria, não foi nem ela, porque ele não gosta de boate, ele não bebe, ele não fuma, ele é sarado porque ele faz educação física, tá fazendo o sétimo período de educação física, tem vinte anos, forma o ano que vem já, um senso bom sabe? Então num tem estas histórias de sair para rua, que num sei para onde que anda. Eles saem uma vez por semana

Pesquisadora: - O restante do tempo eles namoram em casa?

Senhora Marta: - Não, eles só encontram

Senhor Daniel: - Ele trabalha o dia inteiro.

Senhora Marta: - Ele trabalha o dia inteiro também

Senhor Daniel: - Ele trabalha na academia aqui ao lado

Senhora Marta: - Ele faz educação física e a Esefego tem aula do meio dia as seis. Seis e meia ele abre a pró-corpo lá do Setor Marista, seis e meia da manhã, ele fica lá até as dez da manhã. Aí ele vai para casa e toma banho para ir para a escola. Almoça e vai para a escola. Sai da escola seis horas aí ele vem para a academia aqui, ele é professor da academia. Aí ele vem para a academia e sai nove horas da noite. Aí ele tem aula até as oito, as oito ela vai para a academia fica até as nove. Aí, eles dão uma namoradinha uns quinze vinte minutos, ele vem trazer ela aqui hora que termina a academia, faz um lanchinho, come alguma coisa aqui, ele vai embora e ela vai tomar banho para dormir levanta seis horas da manhã. E ele nem dava conta, ele levante cinco horas da manhã todo dia. Por isto que eu falo que ganhei na loteria.

Pesquisadora: - Porque é tranquilo cuidar ...

Senhora Marta: - É, é tranquilo, é um menino bom esforçado, então...

Pesquisadora: - E o senhor, já teve divergências com a neta?

Senhor Daniel: - Não tenho não... Tudo normal.

Pesquisadora: - Estas conversas que ela diz que é... , como ela falou para a senhora?

Senhor Daniel: - Questionamento

Senhora Marta: Questionamento

Senhor Daniel (Sorriu): Eu converso muito pouco. Eu deixo mais é para Marta, a Marta que briga com ela e, e, eu não entro muito nestas partes aí não, a Marta. que é educadora, trabalhou a vida toda como educadora.

Senhora Marta: - Não sou educadora não, na hora de criar filho você não é educadora não Daniel, você é mãe.

Senhor Daniel: - (pigarro) Pois é mais é ...

Senhora Marta: - Geralmente santo de casa não faz milagre de jeito nenhum. Mas acho que a convivência é muito boa. Em relação a diferença não é de idade e de pensamento não tive problemas não.

Pesquisadora: - A primeira vez que eu estive aqui a senhora me mostrou uns bilhetes que a senhora colocava para ela

Senhora Marta: - E ela coloca pra mim

Pesquisadora: - Como que é a história destes bilhetes?

Senhora Marta: - Ah! Quando ela vem com aquele problema, por exemplo, ela fica muito nervosa, ela é sonâmbula. Ela grita à noite inteira, ela briga a noite inteira. Tem dias eu já levei em tudo quanto é médico, ela não tem nada. Até um médico falou para mim graças à Deus que ela não lembra de nada que ela faz de noite, que isto serve para ela jogar todos os stress dela para fora. Diz que é normal, que ela grita, briga com a irmã dela até hoje. Ela briga com a irmã a noite inteira, no outro dia ela não lembra de nada. Tem dia que eu acordo ela à noite que eu acho que ela está sofrendo. Aí eu escrevo uns bilhetinhos para ela assim por exemplo: "Tropeçar na vida todo mundo tropeça o bonito é levantar tropeçando e pensar em continuar caminhando de cabeça erguida". Estas bobagens que levanta o astral, que mostra que errar todo mundo erra, que tem que corrigir o erro. Estes tipos de coisas que a pessoa, eu por exemplo, fui criada pela minha avó. Minha avó também era assim.

Pesquisadora: - Ah! Você senhora foi criada pela a avó?

Senhora Marta: - Fui. Minha avó que me criou desde o dia que eu tinha 4 anos. Então minha avó era assim ela era analfabeta mas eu nunca vi ninguém mais sábia do que ela. Ela nunca me bateu nunca me encostou a mão, nem nada. Eu também jamais faria isto com ela, e não vou fazer nunca. Mas ela sempre me dava estes lembretes. Ela falava assim: Oh! Se você vai ser na rua um varredor de rua, naquela época não tinha nem nome, não falava nem gari, que você seja o melhor varredor que a cidade tem, Jamais seja pior, seja sempre o melhor. Outra coisa que ela usava muito era a expressão assim: "Jamais deixe o seu rabo de fora para ninguém pisar". Quer dizer, ande sempre linha, tenha uma conduta impecável porque aí ninguém pode falar nada de você, você está sempre certa né?. Então estes tipos de coisa assim. Então eu ponho bilhetinho pra ela este tipo assim. Eu gosto muito de, de pensamentos positivos este tipo de coisa então eu sempre deixo bilhetinho para ela. "Não se esqueça de...é Uma longa caminhada começa sempre com o primeiro passo" ... é ... outra hora eu falo assim "Você está construindo a sua vida pondo os primeiros tijolinhos, não se esqueça de por cimento, sedimentar bem, para depois não ter perigo do alicerce cair". Então estas bobaíguas que eu escrevo para ela. E ela escreve para mim bilhete para mim, o meu quarto está cheio de bilhetinhos, te amo, te adoro, Deus te pôs na minha vida, você é vó e mãe. Tá cheio na porta do guarda roupa, lá em cima, tá cheio de bilhetinhos lá, então ela aprendeu que isso levanta o astral né? É um tipo assim, de pensamentos bem positivos.

Pesquisadora: - Marta, a senhora foi criada pela avó?

Senhora Marta: - Fui.

Pesquisadora: - Por qual motivo?

Senhora Marta: - Minha mãe morava em fazenda e assim naquela época o pessoal tinha um filho atrás do outro. Eu sou a filha mais velha. Minha vó chegou na casa da minha mãe um dia, minha mãe tinha me batido demais da conta porque tava nervos. Tinha aquela meninada, não sei o quê, tinha que trabalhar. Ela batia com aquele cedem de fazenda eu tava toda ferida e além de tudo tinha me amarrado e colocado no sol, e minha avó, é a mãe do meu pai, não é a mãe da minha mãe, me viu daquele jeito ela me dessamarrou e falou: "Eu vou te levar e nunca mais te devolvo" e nunca mais devolveu ... isso não quer dizer que eu não olho minha mãe, porque ela me preparou para cuidar da minha mãe quando ela ficasse velha, da minha mãe e do meu pai. Ela me preparou a vida inteira pra mim não deixar faltar nada para eles.

Pesquisadora: - E você cuidou dos pais?

Senhora Marta: - Cuidei do meu pai até morrer, e da minha mãe

Senhor Daniel: - Até hoje

Senhora Marta: Ela mora no mesmo lugar. Eu dou de tudo para ela e pros meus sobrinhos. Eu hoje até brinquei eu falei assim, não telefonaram ainda não, perguntando se eu mandei o dinheiro, porque eu não

mandei ainda não porque eu recebi hoje, vou mandar amanhã né? Não ligaram ainda não, porque minha sobrinha liga.

Pesquisadora: - Elas moram aqui?

Senhora Marta: - Não mora em Uruan. Porque minha sobrinha é assim: a mãe delas morreu quando uma tinha dois anos e a outra tinha dez dias, elas são filhas do meu irmão, foi minha mãe que criou essas duas netas. Então ela gosta mais dessas duas netas do que de qualquer filho, e a caçula, essa que tinha dez dias, então faz o pai dela de gato e sapato, e ninguém pode fazer nada e é com essa que ela gosta de morar.

Pesquisadora: - É essa que cuida dela?

Senhora Marta: - Não cuida dela, ela que cuida da outra, tem oitenta e um anos, mas não parece não bem, ela sobe na ponta de uma árvore se você vê, você não acredita, forte hoje eu encontrei com R. P. (amigo) e tava falando "É a tia I. tá boa demais" "É tá melhor que nós tudo" (riu). É mesmo, ela que cozinha, ela olha os netos, ela **que** faz tudo lá na casa dela, ela não gosta que faz nada. Minha avó me criou assim, me ensinando, não foi moleza, eu também não sou moleza era criança. Tem **que ter** responsabilidade, você não cria filho e neto para ser seu o resto da vida, esse negócio tipo assim, aguinha com açúcar, não pode, tem que ser real pisar no chão mesmo. Ainda mais esse tipo de gente, classe média baixa, tem que lutar pela vida né? Se tornar um vencedor. Se não, não vai vencer. Se você der tudo na mão, ele não vai conseguir nada, tem que ser ... exigente, tem que ter amor, tem que ter carinho, tem que ter proteção, mas tem que ter responsabilidade também. Isso ela tem, não sou muito de dar folga não.

Pesquisadora: - E o senhor, foi criado por quem?

Senhor Daniel: - Fui criado por meus pais, mais por minha mãe porque o meu pai também era cachaceiro. Muito trabalhador! (ênfase na voz) Trabalhava demais, mas não valorizava nada, ficava três, quatro meses trabalhando na roça, quando ele vinha pra cidade ele ficava era bêbado... não tive apoio de pai, minha mãe é que lutava, trabalhava, passava roupa, eu mesmo desde os sete anos eu sou independente, lavava carro batia bomba, é coisa eu você nem num conhece.

Pesquisadora: - Bater bomba, o que é?

Os dois falam juntos e não dá pra entender.

Senhor Daniel: - É mexer em caixas d'água, tinha umas de alavancas, e tinha umas de e tinha outras que você tinha que subir com o balde na caixa e despeja lá em cima, engraxava sapato, carregava lenha, carregando tijolo, tinha um monte de tijolo de terra na porta de quem podia pagar, eu ia lá. "Quer que eu ponha terra dentro do quintal", vamos carregar aquilo nas costas, no carrinho ... aos doze anos eu ia embarcar pra Goiânia. Sozinho e Deus. Fiz o vestibular na escola técnica e passei.

Pesquisadora: - Aos doze anos?

Senhor Daniel: - Aos doze anos, aí fiz...

Senhora Marta: - Antigamente era um exame de admissão que chamava, tinha que fazer prova, igual vestibular.

Pesquisadora: - Pra entrar na escola técnica?

Senhor Daniel: - Pra poder entrar na escola técnica.

Senhora Marta: Porque antigamente era o ginásio, o normal e o científico.

Pesquisadora: Porque agora é só segundo grau né?

Senhor Daniel: É.

Senhora Marta: - Só segundo grau, mas naquela época não. Você vinha só pra fazer o ginásio, fazer admissão, era uma seleção assim, candidato é igual é hoje, uma fila. Nossa, me lembro quando a gente ia fazer admissão pra entrar no ginásio, você fazia exame de admissão a prova. Você ficava estudando feito desesperado, porque não tinha vaga, no cursinho, só os bons que entrava...

Pesquisadora: - Então o senhor conseguiu entrar na escola técnica?

Senhor Daniel: - Consegui. Na época que eu vim aqui, entraram 78 alunos, passei em 17º lugar. E, aí fiz o curso, fiz o curso de telecomunicações,

Senhora Marta: - E ginásio né? Meu bem.

Senhor Daniel: É e ginásio, e o curso era arte do ofício, naquela época, quer dizer, eu saí dali com uma profissão.

Senhora Marta: - A escola técnica até pouco tempo era uma escola profissionalizante.

Senhor Daniel: - Então mas aí eu fui obrigado a parar de estudar porque meu pai não cuidava da minha mãe e das minhas irmãs. Minha mãe já estava velha, aí eu larguei de estudar, e vim pra casa trabalhar, larguei de estudar.

Senhora Marta: - Aí não fez curso superior.

Senhor Daniel: - Aí não fiz curso superior.

Senhora Marta: - O filho mais velho ajudava a criar as irmãs

Senhor Daniel: Ajudava a criar as irmãs

Senhora Marta: São três irmãs, são louquinhas por causa dele. É pai delas.

Pesquisadora: Que cuidou.

Senhor Daniel: Cuidei, fiz. Não estudaram porque não quis

Senhora Marta: - E aí todas elas se tornaram independentes

Senhor Daniel: E aí tornaram -se independentes, e aí se tornaram independentes todas elas são independentes ... e aí depois casei, tive um filho, os dois filhos que nós temos e aí tocando o bonde até hoje.

Pesquisadora: - E nesta história aí de Rio Verde pra cá, da escola técnica, quando você se conheceram, que momento foi?

Senhora Marta: - Em Rio Verde

Senhor Daniel: Ela era estudante ainda

Senhora Marta: Fazia enfermagem quando nós começamos a namorar.

Pesquisadora: - Lá em Rio Verde?

Senhora Marta: - Eu tive um namorado firme uns oito anos. Eu briguei com meu namorado terminei com meu namorado, e o meu namorado era alto, e achei o baixotinho aí e comecei a namorar ele, dentro de poucos meses nos casamos.

Senhor Daniel: Não foi poucos meses assim, você terminou o curso primeiro

Senhora Marta: Não, mas eu falo assim, começar a namorar de verdade. Na escola não podia namorar. Era proibido namorar, eu te olhava lá de cima e você passava de bicicleta lá embaixo. É na no colégio lá era americano, era proibido namorar, não podia nem mostrar as mãos.

Pesquisadora: - Mas você estudando aqui ou lá?...

Senhora Marta: - Eu estudava,

Senhor Daniel: E eu morava lá, eu cuidava da família.

Senhora Marta: - Ele já tinha parado de estudar, já tinha ido. Já estava trabalhando. Já tinha a oficina dele, trabalhava, e eu fazia o curso de enfermagem

Pesquisadora: E a escola era muito rígida

Senhora Marta: - Nossa! Era um internato, do estado de Goiás, eu era a única aluna, do estado de Goiás, elas eram tudo do Pará, do Rio Grande do Sul, do Paraná, do Recife, de São Paulo, de Americana de São Paulo, de algumas cidade do interior do Paraná, do Rio Grande do Sul, do Amazonas. De Goiás eu era a única. Só que Goiás não valorizou aquela escola, era uma escola de nível superior, ninguém achava, naquela

época falava que ia ser enfermeiro, todo mundo achava que ia ser rapariga ... naquela época, terminei a escola em 1958, aí mas tinha vestibular, minha filha, que não era qualquer um que entrava não.. Era um vestibular daqueles terríveis, e o curso era apertado. Tanto é que você formava lá na escola e já tinha convites pra trabalhar em um monte de lugares. Você escolhia o emprego.

Senhor Daniel: - *Lá era teoria e prática, lá era um hospital.*

Senhora Marta: - *Você escolhia o emprego quando você se formava.*

Pesquisadora: - *E aí nesse tempo vocês namoravam, mas só de vista?*

Senhor Daniel: - *Só de vista, passava lá e via ela.*

Pesquisadora: - *Eles vigiavam?*

Senhora Marta: - *É. Na escola tinha muitas alunas que começavam a namorar e foram expulsas da escola. Namoravam assim, foram mandadas embora, não terminaram o curso ... Lá era assim, a diretora sabia que a gente tinha umas paqueras mas de longe.*

Pesquisadora: - *Porque lá era um internato?*

Senhora Marta: - *É era. americano é terrível! Quando se trata deste ponto.*

Pesquisadora: - *E aí quando vocês começaram a namorar, logo se casaram?*

Senhor Daniel: - *Nós casamos em 62, ela terminou em 60*

Senhora Marta: - *Eu terminei o curso em 60, mas eu recebi o diploma em 61.*

Senhor Daniel: - *Pois é.*

Senhora Marta: - *Eu terminei em dezembro de 60, mas a formatura de colação de grau foi em fevereiro de 61..*

Senhor Daniel: *Em 62 nos casamos.*

Senhora Marta: - *Em fevereiro de 62 nos casamos.*

Pesquisadora: - *E aí vocês vieram pra Goiânia?*

Senhora Marta: - *Não, nós ficamos morando lá muitos anos*

Senhora Marta: *Fui para Goiânia em 76, 79, em 75 ou em 76?*

Senhor Daniel : *Em 77, 1º de janeiro de 77, em janeiro de 77.*

Acabou a fita com ela falando que os filhos tinham que vir estudar aqui.

Senhora Marta: - *Eu tive que mandar eles virem estudar, mas eu só tinha dois filhos, eu disse "Eu não vou mandar, não. Eu vou junto". E aí eu vinha por isto. E aí eles vieram. Estudaram. Formaram. Cada um casou e procurou o seu rumo e nos deixou aqui....(risos)...*

Pesquisadora: - *E agora vem os netos...*

Senhora Marta: - *E agora tá vindo os netos. Meu filho é, meu filho é engenheiro agrônomo. Ele tem um escritório de planejamento de pecuária em Acreuna. Que é uma área agrícola, onde tem muito serviço é lá ele tem que morar. Aqui não vai achar nem trabalho né? Ele é autônomo, independente, ele tem o escritório dele. Ele tem que tá onde tem clientela, por isso que ele mora lá... e a minha filha quando ela se formou ela fez Direito e Serviço Social, foi quando criaram o Estado do Tocantins, em 89. Ela um tinha o namorado dela, que é esse marido dela, ele tava mexendo com fazenda, a fazenda do pai em Porto Nacional, ela falou "Vou casar e vou morar lá, então vou embora pra lá agora, porque agora é hora de eu arranjar um bom emprego, porque tá criando o estado, porque se eu for depois, já criaram os bons empregos já foram ". E assim ela fez, ela foi logo que criaram o estado. A mulher do F. trabalhava comigo, o seu marido ia ser o chefe da casa civil lá, o Siqueira falou "Pode mandar que eu arrumo emprego pra ela". Aí ele arranhou emprego para ela e depois ela fez concurso, passou e arranhou emprego melhor lá. Tá lá desde 89, depois eles casaram em 92, e não saíram de lá mais não. Estão bem encaminhadinhos lá. .*

Pesquisadora: - *E eles tem um filho?*

Senhor Daniel: - Uma filha.

Pesquisadora: - Que é a netinha de anos e meio?

Senhora Marta: - É... A minha filha é procuradora lá no Tribunal de Conta. Meu genro é corretor, fazendeiro, os dois se viram. Trabalham muito mas reclamam todo o dia que eles estão apertado. Mas o **H. (genro)** fala: "Comprei um fazenda de 250 alqueires", e aí no outro dia tá apertado, aí ele fala assim, "Comprei um lote ali, oh! Que vala tanto". Muito apertado ... apertado demais.

Pesquisadora: E eles estão apertados mesmo ou então é só....?

Senhor Daniel: Ele é gambireiro, gambireiro a senhora sabe como é, né? (sorrisos). Compra, vende, compra, vende...

Senhora Marta: Olha eles tem uma vida esse dois, de mordomia. Na casa dela tem gente pra lavar o carro (olha para o marido) tá lá ainda?

Senhor Daniel: Tá não.

Senhora Marta: Ela perdeu isso agora, mas ela tinha um menino só pra lavar carro. Tem a babá da menin. Tem uma empregada. Tem uma que lava e passa, tem um que cuida do jardim. Eu falei pra ela que ela fica sentada "Fulano pega um copo de água pra mim". Mas é desse jeitinho que ela faz não tô mentindo. "Ciclano traz uma bolacha daquela lá". Não levanta não.

Pesquisadora: - E aí vocês revezam para estar com eles?

Senhora Marta: - É todo mês assim, um mês sim, um mês não, pra não ficar muitos sozinhos, nem eles, eu fico morta de saudades, eu fico morta de saudades, eu sou muito apegada com meus filhos muito. O Daniel também é muito apegado. Pra você ter idéia eles telefonam todos os dias. Se eles não telefonam, nós telefonamos.

Pesquisadora: E aí quando a senhora viaja aí o senhor assume a ida pra escola?

Senhor Daniel: - Levo tudo direitinho, continua o mesmo ciclo

Senhora Marta: - É uma troca, quando eu não tô ele assume, quando ele não tá eu assumo.

Pesquisadora: - Ah tá! E quando estão os dois?

Senhor Daniel: - A gente divide né? (sorri)

Senhora Marta: - Divide, tem hora que eu tô com preguiça de buscar a J. aí ele vai. É uma troca, nós dois combinamos muito. A vida inteira. Pra você ter uma idéia, nós dois temos 39 anos de casados. Temos 39 anos de casados

Senhor Daniel: Vai fazer 40 ano que vem

Senhora Marta: É fevereiro nós fazemos 40 anos de casados (falaram juntos) . É muito chão né? Pra tar junto sem ter ira, sem rolo, sem nada, é muito chão. Então existe harmonia. Você pode ver, tem vizinho que fala que aqui em casa é um silêncio, ele sabe a hora que a J. entra e sai, porque gente de idade fica assim pega um livro e lê, ou pego um bordado, outra pega uma revista, olha no jornal e fala "Vem cá pra você ver", a gente conversa, para ou vou lá pra cozinha, eu faço uma coisa, ele faz outra né?... Não é agitado, já não tem mais assim... Eu falo muito, ele também, se nós não ficamos ricos até agora, trabalhando o tanto que a gente trabalhou, eu quase morri de trabalhar e ele também, não vamos ficar agora com a idade que nos estamos. Nós vamos viver serenamente, sem atribulações, sem conflitos, não é dizer que a gente passa necessidade, não passa, e aí se passar os filhos não deixam de jeito nenhum, e então, a gente não tem muita preocupação, vive tranqüilo, e até tão falando que vão este prédio aqui. De vez em quando "Ah mãe! Esse prédio é feio", "Ah! Minha filha é tão bom que não tem nem ladrão aqui, eles acha que é cortiço, não tem ladrão".

Pesquisadora: E aí ela não roubam aqui?

Senhora Marta: Não, nem olham aqui pra que que alguém vai olhar pra entrar aqui? Acha que é um cortiço. (o senhor Daniel ri). Porque alguém vai entrar pra olhar os apartamentos, o apartamento é grande, tem três quartos, tem área, tem tudo. Ninguém vai entrar pra olhar isso né? Fica de lá. Eu adoro

achar que é cortiço! Não tô naquela fase da vaidade, querer tudo, achar que é bonito, mas não, tô querendo só paz, paz e saúde.

Pesquisadora: - *As perguntas que eu tinha pra hoje se encerraram, vocês tem mais alguma coisa que queiram falar?*

Senhora Marta: - *Não.*

Senhor Daniel: - *Não, só essas perguntas só....*

Senhora Marta: *O Daniel toda vida foi de conversar pouco, eu sou conversadeira, fazer igual o Drº R. C. fala a mulher dele é igual eu, conversa muito ele fala "Cê já pensou se o Daniel não tivesse você, e eu não tivesse a minha mulher, era duas múmias". (senhor Daniel sorri). Ele também fala conversa só o necessário né? Duas múmias, as mulheres conversam por ele.*

Pesquisadora: - *O senhor conversa só o necessário?*

Senhor Daniel: - *Não sou muito conversador não ... converso só o necessário mesmo (ri mais).*

Senhora Marta: - *Gosta duma piadinha, uma bobaginha, uma coisa assim. Assim ele gosta, mas não é igual eu assim, como eu converso pelos cotovelos, não é, ele é mais calado, mais sistemático.*

Pesquisadora: - *É mais a entrevista tá caminhando bem, os dois estão se colocando.*

Senhor Daniel: - *Ótimo. (sorri)*

Frente a esta fala da entrevistadora o Senhor Daniel sorriu agradeceu e disse que estavam lá a disposição do que for preciso, os dois agradeceram. Marquei que o próximo encontro seria daqui 15 dias no mesmo horário. Agradei e eles me acompanharam até a porta.

3º MOMENTO: as mudanças significativas da vida.

Entrevista realizada no dia 19 de junho.

Pesquisadora: - *Foi... já faz tempo né? É tem 15 dias. Eu na entrevista passada agente conversou um pouco sobre a vida na família, no trabalho, e aí vocês falaram de algumas mudanças ... então hoje eu gostaria de começar perguntando pro senhor... Quais foram as mudanças mais significativas, na sua vida?*

Senhor Daniel: - *Mudanças significativas ... eu te contei foi da escola né? Que eu vim para escola né? Tal, escola técnica, fiz curso aí, depois fui obrigado a parar porque meu pai não cuidava da minha família, bebia muito, então eu voltei e assumi a família, com 16 anos assumi a família, minha mãe e três irmãs, e aí foi até casar, casou uma, casaram duas, é casaram duas ... uma nunca se casou ela tá lá em Brasília, aliás tá até melhor de vida ela, trabalhou na câmara dos deputados, aposentou lá na câmara dos deputados, mas foi meio na marra, não tinha estudo, mas ...*

Pesquisadora: - *Foi meio na marra que ela conseguiu?*

Senhor Daniel: *É ela conseguiu vencer, trabalhou muito, mas venceu e ... aí ... depois viemos para Goiânia em 77, nos mudamos pra Goiânia, os meninos tudo, o meu menino terminou o ginásio naquela época era o ginásio que entrava, então nós viemos pra Goiânia, mudamos, a Marta acho que primeiro de janeiro ela veio antes e eu fiquei com os meninos até acabar de estruturar tudo, nós mudamos pra cá em março de 77, e aí viemos, ela trabalhou no hospital Neurológico, foi uma batalha terrível, trabalhava dia e noite, pra poder sustentar, porque nesta época eu estava desempregado ainda né?, tentei aqui e não consegui, depois voltei a trabalhar em Rio Verde outra vez, o pior pedaço da minha vida foi esse...*

Pesquisadora: - *O pior pedaço?*

Senhor Daniel: - *É foi. Voltei a trabalhar em Rio Verde, e o final de semana eu vinha, chegava aqui sexta feira a noite, domingo a noite voltava a trabalhar lá. Acho que uns 4 a 5 anos, aí voltei pra cá outra vez e aí fiquei na luta até conseguir um emprego aí em 84, consegui entrar na Celg, aí fiquei trabalhando ... na Celg, trabalhei 11 anos, em 95 fui dispensado, é esses troços de governo, cê conhece né? Então fui*

dispensado, não só eu mas muita gente. Os mais velhos foram todos dispensados e daí em diante nunca mais trabalhei. Quando eu entrei lá já era aposentado, vamos levando né?

Pesquisadora: - E como é para você essa aposentadoria, toda essa caminhada do trabalho, o que a aposentadoria te fez pensar... Quando aconteceu como foi para você?

Senhor Daniel: - A aposentadoria foi o seguinte, eu passei, eu me aposentei eu já tinha 39 anos de trabalho, contribuindo, eu trabalhando como autônomo, eu tive uns espaços, que eu falhe de trabalho, todinho eu tive que pagar com juros e correção e multa, eu paguei tudo, e a minha renda naquela época era pequena, não era grande a renda, então para mim tá tirando do pouco que tem pra pagar o INSS eu pagava dobrado era como empregado e empregador. Então ficava muito dispendioso pra mim então resolvi aposentar, foi no final de 82, se não me engano, em 82 eu aposentei ... aí em 84 vim pra cá, entrei na Celg.

Pesquisadora: - Em 82 o senhor ainda estava em Rio Verde?

Senhor Daniel: - É, já tinha aposentadoria, era pequena, mas era melhor que tá pagando, em vez de pagar eu recebia um pouquinho né? Então amenizava um pouquinho as despesas. Aí vim entrei na Celg, na Celg foi melhor, o salário auxiliava mais né? Juntava com a aposentadoria, auxiliava nas despesas né? Aumentava o rendimento. Depois de 95 me dispensaram, aí voltei a ficar com a aposentadoria novamente (sorri).

Pesquisadora: - Como foi a saída da Celg?

Senhor Daniel: - A saída foi por demissão, demitido por justa causa, sem justa causa ...

Pesquisadora: - As razões?

Senhor Daniel: - É não tinha, disseram que era contingente tinha que diminuir despesas das empresas, tudo. Não fui só eu, uns 3 mil funcionários, não mandaram de uma só vez foram dispensados paulatinamente né? Mas foram uns 3.200 funcionários dispensados...

Pesquisadora: - E foi diferente de quando o senhor aposentou lá e veio pra Goiânia de quando o senhor foi demitido?

Senhor Daniel: - Foi diferente ... foi diferente.

Pesquisadora: - O que foi diferente?

Senhor Daniel: - Você disse de quando eu vim de Rio Verde?

Pesquisadora: - É, sim.

Senhor Daniel: - Quando eu vim de Rio Verde pra cá foi mais difícil né? Porque naquela época a Marta não era aposentada, trabalhava, aí ela foi pra faculdade, pra fazer faculdade e no instituto, e depois ela saiu do instituto, ficou só na faculdade, inclusive ela foi diretora da faculdade. Lá, aquele prédio que tem na enfermagem, na instituição foi ela que construiu.

Pesquisadora: - Na época que ela era diretora.

Senhor Daniel: - Na época que ela era diretora, em 4 anos ela construiu aquele prédio. Então o período que foi mais difícil foi esse de vinda para cá. Quando eu vim, de vinda pra cá foi muito difícil porque não tinha emprego, então ficava vivendo mais as custas dela praticamente porque a aposentadoria é muito pequena

Pesquisadora: - Agora o senhor quando o senhor saiu da Celg, ela também já estava aposentada?

Senhor Daniel: - Não, não tava não. Eu saí da Celg, ela ainda não era aposentada (ele gaguejou um pouco pra falar). Logo depois ela aposentou.

Pesquisadora: - Então o senhor acha que foi diferente as duas coisas?

Senhor Daniel: - Foi diferente sim.

Pesquisadora: - E desta época quais foram as mudanças na família?

Senhor Daniel: - Depois de aposentado?

Pesquisadora: - Isso.

Senhor Daniel: - *As mudanças é que ... os filhos, o meu filho por exemplo, de vez em quando, praticamente todo ano, os recursos dele não dava, nós tínhamos que auxiliar. ele é engenheiro agrônomo. O problema dele é o seguinte: ele recebe entre agosto e janeiro mais ou menos, ele recebe todo o dinheiro que tem para receber, ele tem que fazer despesa dele até voltar agosto outra vez. Então na maioria dos anos, não dava, então, nós tínhamos que ajudar a cobrir a despesa dele até que ele começasse a receber dinheiro novamente. A menina também de vez em quando a gente ajuda. Mas filho é pra isso mesmo. E se a gente tem a gente ajuda, agora quando não tem, é que não tem jeito.*

Pesquisadora: - *Depois que aposentou não teve mais jeito?*

Senhor Daniel: - *Teve. A gente auxilia, qualquer problema que eles tem a gente auxilia. Junta o quase nada que tem e a gente ajuda (fala rindo). Empresta dinheiro pra um só que depois, nunca né repõe.*

Pesquisadora: - *A sua esposa disse, a filha parece que é muito bem (não terminei de falar).*

Senhor Daniel: - *É. Ela é muito bem colocada, o emprego dela é muito bom. Ela trabalha no Tribunal de Contas do Tocantins, mas a despesa é muito grande. A vida lá é muito mais cara que aqui ... o marido dela também luta. O marido dela é corretor, não tem um vencimento fixo, então, determinadas épocas recebe uma bolada, outras vezes fica dois, três meses sem ganhar dinheiro. Então é assim ... o marido dela é oscilante, agora o dela é firme, o dela é um vencimento firme, trabalha no estado recebe todo mês.*

Pesquisadora: - *Então sempre que precisam os filhos recorrem a vocês?*

Senhor Daniel: - *Sempre que precisa eles recorrem a gente.*

Pesquisadora: *E depois não recebem, vocês emprestam e não recebe?*

Senhor Daniel: *Há, empresta, empresta... empresta vai e depois não voltam né?... Mas eles são muito bons também quando tem ajuda a gente. É uma troca, assim, sem sem ônus, não tem como dizer você me deve, quando posso ajudo, quando tô em dificuldade me ajudam*

Pesquisadora: - *Já aconteceu de vocês precisarem?*

Senhor Daniel: - *Já, já claro.*

Pesquisadora: - *A entrevista passada eu fiquei com uma dívida porque a senhora Marta disse que ela é que ficava mais responsável pela neta né? Levar na escola, trazer*

Senhor Daniel: *É. A responsabilidade dela é maior.*

Pesquisadora: *Mas quando ela não está o senhor assume?*

Senhor Daniel: - *Assumo. Faço tudo.*

Pesquisadora: - *Ah tá, o senhor não faz quando ela está aqui por um combinado entre vocês?*

Senhor Daniel: - *Não, a Marta mesmo que gosta de fazer, ela não gosta que eu chamo atenção, acha que a maneira de tratar é um pouco diferente, é por isso. Ela tando aí ela pega, leva, mas a hora que ela não pode "vai buscar", eu vou, "vai levar", eu vou. Não tem problema nenhum pra mim não.*

Pesquisadora: *Então o senhor não assume não é por impossibilidade, mas porque*

Senhor Daniel: - *Não, é porque ela mesmo gosta de levar, orientar e ela é professora, tá mais familiarizada com o colégio, com essa coisa que eu. Então ela mesmo faz. Mas qualquer questão ou problema que precisa de mim*

Pesquisadora: - *E com os filhos? Quais tipos de assuntos que o senhor costuma conversar, que tipo de relacionamento o senhor estabelece, e qual o tipo que ela estabelece?*

Senhor Daniel: - *Isso é só troca de saber como é que estão, como é que não estão, se tem problema, se não tem ... Só isso, não tem grandes ... nós não temos esta coisa de chegar lá e falar "Ah vocês estão fazendo isso errado, que tem que fazer assim", não, a vida dele é dele, a vida dela é dela, eles é que sabem, nós não interferimos na vida deles.*

Pesquisadora: - E quando eles eram crianças, adolescente, como que era? Vocês dividam as tarefas domésticas?

Senhor Daniel: - *Aí, ai eu ajudo, ajudo eu era pai. Não tô agindo é com neta, com a neta, com a neta que eu não tô interferindo não. Mas com os filhos eu interfeiri, corrigia, o que eu achava que tava errado eu corrigia, não tinha diferença não.*

Pesquisadora: - Com a neta que é diferente?

Senhor Daniel: - *É. Com a neta que é diferente. A neta eu não trato como eu tratava os meus filhos não. Há uma distinção. Porque é a Marta que trouxe ela prá cá. Trouxe e ... ela é o que eu tô dizendo ... ela tem mais instrução, mais meio, mais conhecimento desta área. . E a idade também a idade você vai convencendo, você não vai ficando no mesmo nível que tinha antigamente. Eu era jovem, instruía, tava errado eu chamava atenção. Orientava no que devia ser certo. A criação, eles não reclamam de mim ou da Marta não. Não reclamam da criação que tiveram não. Só que não dá né? Porque as épocas são diferentes, a criação muda, o sistema de vida, então você não pode ... as netas por exemplo não são criadas como eles foram criados, a evolução própria, muda, a diferença né? Muda altera, as correção que eu fazia neles, eles não podem fazer nos filhos deles, de maneira alguma (pigarro).*

Pesquisadora: - E você disse que foi a Marta que trouxe a neta? Como foi isso?

Senhor Daniel: - *É porque ela terminou o curso o 1º grau, o e 1º grau na cidade onde ela mora, o meu filho mora, é muito fraco, ela queria que ela fizesse o 2º grau mais credenciado a entrar na faculdade.*

Pesquisadora: - Ah tá! Então foi a vó que a convidou?

Senhor Daniel: - *É. A vó que paga todas as despesas dela.*

Pesquisadora: - Ah é? Da escola?

Senhor Daniel: - *É tudo. Paga colégio, paga tudo. Meu filho não tem despesa com ela de jeito nenhum.*

Pesquisadora: - E a iniciativa foi de quem?

Senhor Daniel: - *Foi dela, da Marta. Só que ela ficou um pouquinho frustada porque ela queria que ela fizesse medicina e ela não quis (fala esta última frase rindo).*

Pesquisadora: - Ela quer fazer o quê?

Senhor Daniel: - *Fazer direito.*

Pesquisadora: - Ah! E o senhor disse assim que a medida que a idade vai passando vai perdendo um pouco a potência, brigar, ficar... Quando o senhor começou a perceber essas mudanças?

Senhor Daniel: - *Essas mudanças? Ah! Essas mudanças a partir dos 60 anos cê nota essas mudanças. A pessoa, nós, a gente começa a cair nos 40, até aos 40 você tá só subindo. Nos 40 só desce, você nota a diferença nos 40, até aos 40 tudo é subindo, tudo é potência, passou dos 40 anos você começa a ... é igual a uma curva, que passa acede e depois ela vai se descendo ...*

Pesquisadora: - E como que o senhor reage a todas essas mudanças?

Senhor Daniel: - *Eu não tenho ... as circunstâncias que vão mudando né?... quer dizer, você, você vai diminuindo o trabalho, vai ficando mais fraco, não tem a mesma agilidade pra fazer determinadas coisas, vai gradativamente cê vai diminuindo, a vista vai acabando, o olfato diminuindo, então você vai, a memória vai ficando mais fraca, então você vai ... a parti dos 40 anos você começa a decair. Eu por exemplo, usei óculos, nos 46, 47 anos, o médico disse que era, tinha sido até uma vantagem muito grande pra mim, normalmente tem gente que aos 35 anos já começa, uso óculo só pra de perto, de longe eu não uso ainda não. Mas então você caindo, caindo ... até cair geral (ri).*

Pesquisadora: - E há coisas boas no envelhecer?

Senhor Daniel: - *Há! Os netos, por exemplo mesmo, são fabulosos. O que você não pode fazer pro filhos, porque na época que tá criando os filhos é aquela luta, de trabalhar o dia inteiro, de se cuidar, você sabe né? ... Você tem filho?*

Pesquisadora: - Não.

Senhor Daniel: - Não né? .. Porque quem tem filho é o seguinte: você luta mais por eles do que pra gente mesmo. O que você faz é em benefício deles, você tem aquela luta, então você nem sempre pode dar aquela atenção que deveria ser dada. Já os netos não. Você pode dar atenção, brincar, conversar, fazer todo com os netos, que aí eles te contariam, você pega vai pro pai, porque eu não sou responsável (ri). Cê não vai brigar com o neto. Já o filho você briga, você discute, tem que chegar a conclusão, se eles tá errado, você tem que mostrar pra ele ver ... e já o neto não, o neto por exemplo, eu tenho a minha netinha de 3 anos, vai fazer 3 anos, é a coisa mais boa do mundo, vou pra lá, fico 20, 30 dias, lá com ela.(sorri)

Pesquisadora: - E quando veio a primeira neta?

Senhor Daniel: - A primeira neta é essa que ela morava aqui, morava conosco, foi criada aqui até os 3 anos

Pesquisadora: - Ah! Morava junto com vocês?

Senhor Daniel: - Morava. Meu filho morava aqui, ele lanchou antes do recreio, então não tinha casa, tava estudando, ainda não tinha formado então, morava aqui em casa. Os primeiros anos dela foi criada aqui. Depois ele formou, trabalhou aqui, não sei, se foi 2 anos na Emater, depois que ele, na Emater, o negócio. Então é isso, ele trabalhou na Emater uma temporada, aí tava com os vencimentos muito ruim, ele já tava trabalhando fora, primeiro ele mudou foi para Quirinópolis, morou quase um ano em Quirinópolis. E aí transferiu pra Acreúna, Acreúna ela mora até hoje. Como teve uma época que ele tava ganhando muito pouco, o ordenado na Emater era muito pequeno, eu tinha um fusquinha, aí eu disse "Meu filho, em vez de você tá trabalhando na Emater, você não quer por um escritório seu? Em vez de trabalhar de empregado, você vai trabalhar por conta própria". Aí ele achou viável, eu peguei o fusquinha, ele tinha que Ter carro dei o fusquinha pra ele. E ele começou a trabalhar, trabalhar, trabalhar... e ele tá hoje ... já comprou a casinha dela, comprou financiada pela caixa econômica, mas já quitou. Ele tem um fusquinha para ir trabalhar, porque no trabalho dele só um fusquinha que resiste. Tem o carrinho dele, tá mais ou menos com a vida normal. A outra menina, a outra neta, tá terminando o 1º grau.

Pesquisadora: - E a outra neta nasceu ela já estava lá?

Senhor Daniel: - Já estava lá.... Aliás não. Ela nasceu foi aqui também. Acho que foi ... **ela tem diferença só de 2 anos da J.**

Pesquisadora: - Ela tava na casa do senhor ainda?

Senhor Daniel: - É exatamente.

Pesquisadora: - Agora a netinha não, a mais nova?

Senhor Daniel: - A mais nova nasceu aqui em Goiânia também. Ela mora em Palmas, mas foi nascida aqui em Goiânia.

Pesquisadora: - E depois ela foi

Senhor Daniel: - Depois ela foi.

Pesquisadora: - Então os netos são uma das coisas boas?

Senhor Daniel: - Ah! É. Neto são uma das coisas boas da vida ... Muito boas mesmo.

Pesquisadora: - É diferente um do outro?

Senhor Daniel: - Não é tudo igual, eu acho tudo igual, mas quando é menorzinho agente tem mais luxo com eles né? (sorri) Que a criança em desenvolvimento é tudo, é muito bonito, eu acho bonito demais, começa a fazer as gracinhas, começa a entender. Essa de lá por exemplo, aliás, todos eles são muito inteligentes, mas essa de lá, não sei porque a gente tá mais velho, mais bobo, tudo que ela faz é interessante, mas ela é muito inteligente... mas é muito inteligente. Então a gente admira demais!

Pesquisadora: - E como fica a relação com os filhos, depois que os netos nascem?

Senhor Daniel: - Mesma coisa. Não tem diferença.

Pesquisadora: - Não muda muita coisa?

Senhor Daniel: Não! Muda só o afastamento né? Que a gente não tem eles tão perto da gente. O nosso caso por exemplo, temos só os dois só. Nenhum mora com a gente. Todos os dois mora fora. E aí é de 2 em 2 meses que, quando a gente não vai na casa delas, eles vem na casa da gente.

Pesquisadora: - Então vocês vem os filhos na frequência de a casa dois meses?

Senhor Daniel: - Vê. A cada dois meses. Agora por exemplo, a semana atrasada a Marta teve lá. Eu vim de lá, acho que em abril ...

Pesquisadora: - De Palmas?

Senhor Daniel: - É, de Palmas... Eu tive lá fiquei 20 e tantos dias lá. Agora a Marta que foi. Agora por causa da eleição na faculdade a Nilva chamou a minha mulher se não ela ia ficar mais dias lá. Aí não ficou porque a Nilva chamou ela, precisava dela, pra votar, auxiliar ela...

Pesquisadora: - Ah! Estando aposentada ela participa das eleições?

Senhor Daniel: - Participa, participa.

Pesquisadora: - Ela não pode concorrer, ou ela só?

Senhor Daniel: Não. Só pra votar.

Pesquisadora: Só pra votar e pra fazer campanha também.

Senhor Daniel: - Também pra fazer campanha. Mas ela nem fez campanha. Ela chegou no dia, ela chegou na Terça feira, a eleição foi na Quarta. Mas ... fez o compromisso dela.

Pesquisadora: - Então ela ainda tem contato com os alunos?

Senhor Daniel: - Tem contato. A filiação dela na faculdade tá tudo lá. Participa de tudo ainda. O sindicato, ela faz parte de tudo. O inativo né? Ela participa. Não participa mais porque a gente não frequenta muito né? A gente não aceita os convites. É outra coisa que a idade afasta a gente.

Pesquisadora: - Do quê?

Senhor Daniel: - Quando a gente é novo a gente vai em tudo quanto é festinha, aniversários, tudo a gente vai. Depois de uma certa idade precisa ser muito íntimo pra gente ir. Praticamente não temos ido a casa nenhuma. A gente afasta de tudo, inclusive da sociedade, dessa coisa de

Pesquisadora: - Quais as razões?

Senhor Daniel: - Heim?

Pesquisadora: - Quais as razões pra vocês estarem recusando convites, não aceitando?

Senhor Daniel: - É as acomodações mesmo. A gente chega neste ambiente não acha muito bom... Até que eu não sou muito não, mais a Marta Mas agora pra ir sozinho fica mais difícil né? Ela não gosta.

Pesquisadora: - Mas não gostava ou passou a não gostar?

Senhor Daniel: - Passou a não gostar, aliás, ela tomava uma cervejinha, ela fumava, largou de fumar, largou de tomar cerveja. Então ficou mais ... acho ... que foi isso.

Pesquisadora: - E ela largou por problema de saúde ou não?

Senhor Daniel: - É, o cigarro ela largou. A bebida, bebida, bebia só socialmente né? Mas normalmente nestas festinhas, aniversários tomava um gole de cerveja, coisa, mas e aí hoje não tomou de jeito nenhum, largou o cigarro, largou a cerveja, disse que um puxa o outro.

Pesquisadora: - E o senhor?

Senhor Daniel: - Eu nunca fumei.

Pesquisadora: - E beber?

Senhor Daniel: - Beber, bebia também. Tomo uma cervejinha até hoje.

Pesquisadora: - Em que ocasiões?

Senhor Daniel: - Ah! Eu hoje tomo só aqui em casa mesmo. De vez em quando, me dá um palpite, passo 15, 20 dias sem tomar uma, depois eu pego uma latinha, dá vontade eu tomo!

Pesquisadora: - E os amigos da época da Celg?

Senhor Daniel: - Os amigos da época da Celg? tão aí, os amigos tão aí mas não tem muito conta não. Os amigos afastam né? Aqui em Goiânia é tudo longe, quando você tá junto, tá na repartição, na companhia, você não tem muito contato fora, saiu, raramente você encontra um. Mora tudo afastado não tem muito contato não.

Pesquisadora: - O contato foi diminuindo?

Senhor Daniel: - É. Foi diminuindo. Agora os meus amigos antigos, de juventude, os que não morreram (ri), a maioria já morreu, ainda temos contato. Quando encontra é muito bom.

Pesquisadora: - Quando vocês encontram?

Senhor Daniel: - Isto é raro! Não é muito freqüente não. Lá em Rio Verde, eu sou de Rio Verde, os amigos de época minha, a maioria já morreram quase tudo... A família da gente vai acabando, eu por exemplo, tento só duas tias, irmãs da minha mãe, irmã do meu pai não tem ninguém mais. E essas minhas tias tão velha, uma até tá boa, ela tá com 95 anos, mas a memória é boa, é velhinha mas tá boa. Mas a outra tida tá memória não tá valendo nada, praticamente, tá até de cama, quebrou a perna, foi hospitalizada, tá com 2 meses que eu estive lá, ela está com 89 anos...

Pesquisadora: - E os amigos daqui?

Senhor Daniel: - Os amigos daqui eu quase não freqüento né?

Pesquisadora: - Não tinha antes ou?

Senhor Daniel: - Não tinha. É, como eu tô dizendo, vai afastando, você vai afastando, e a idade que vai chegando, você vai afastando porque evita também, tem gente mais nova, gosta de festa, você não enquadra muito bem com aquilo. Não bebe mais. Então você fica meio alheio a festa.

Pesquisadora: - E o que vocês fazem hoje para se distrair, se divertir?

Senhor Daniel: - Você sabe que eu não faço praticamente nada, a não ser televisão e rádio. Eu gosto muito de rádio ouço rádio, CD, tenho CD, mais é mais televisão. Gosto de noticiário, agora a Marta vê fita de filme, vê televisão o dia inteiro quando ela tá aí... Vai ao cinema de vez em quando. Agora minha filha por exemplo quando ela tá aí, é difícil de ela não levar a gente no cinema.

Pesquisadora: - E o senhor gosta de cinema?

Senhor Daniel: - Não muito. Eu não sou muito chegado. Antigamente eu gostava, mas hoje não. Os filmes de hoje são muito violentos, não sei se cê vê? Eu não gosto muito de violência não. Toda vida eu gostei de filme tipo revistas, leves, musicais, danças, essas coisas assim eu gosto... Comédias eu gosto muito.

Pesquisadora: - Mas quando a filha está aqui ela leva?

Senhor Daniel: - Leva. Ela sempre leva, ela vem, hoje eu acho que lá já tem o cinema. Mas antigamente não tinha, ela chegava louquinha pra ir no cinema, chega aqui consegue me tirar de casa, vai pra bar, churrascarias, e a gente vai. Mas antigamente a gente fazia tudo isso normalmente, nós mesmos, eu e a Marta, os filhos. Mas hoje não.

Pesquisadora: - Só quando os filhos vêm?

Senhor Daniel: - É. Quando vem a gente faz. Só.

Pesquisadora: - E nesses 25 dias que o senhor ficou em Palmas, quais atividades que o senhor realizava com a netinha?

Senhor Daniel: - Ficava o dia inteiro com ela. Brincava com ela, ela me puxa o dia inteiro "Vô vem cá", as tarde eu saía com ela. Minha filha

(acabou a fita). Era os passeios. Tem um outro tio dela, não é tio, é tio da minha filha. Tio dela irmão da Marta que mora lá tem uma banca de revista, as vezes ia na banca de revista. Lá tem outra praça

também. Foi a praça do Palácio ou na praça da banca de revista. Lá a gente também ia em festinha de amigos da M. (filha). As vezes eu ia.

Pesquisadora: - De amigos da sua filha?

Senhor Daniel: - É. Amigos da minha filha. Aniversários de filhos, levava lá. As vezes aniversários de gente grande mesmo, amigos deles.

Pesquisadora: - Quando as suas outras netas eram pequenas o senhor brincava com elas também?

Senhor Daniel: - Do mesmo jeitinho. Essa aí, eu levava ela pro bosque todo santo dia, levava pra passear, pra festinhas, pro patinhos...

Pesquisadora: - E quando no crescimento delas o senhor deixou mais para a Marta o papel de estar interagindo com elas?

Senhor Daniel: - Não. Eu só deixei agora porque elas eram criadas com os filhos. Meu filho que cuidava delas, agora que ela veio pra cá, faz 3 anos, esse ano e 3º ano delas aí eu só não entrei neste interagir aqui. E a própria Marta preferiu que eu não interferisse, deixou do jeito que elas foram ... chamasse a atenção ... quer dizer ela não faz nada errado, mas ser fazer eu chamo atenção, simplesmente não tenho tido necessidade de chamar atenção.

Pesquisadora: - E a outra neta, parece que termina esse ano?

Senhor Daniel: - A outra termina o ginásio esse ano.

Pesquisadora: - E como que tá pra vocês o fato dela estar terminando, ela vai

Senhor Daniel: - Eu acho que ela vai fazer o 2º grau lá mesmo. Por enquanto não tá decidido. Mas isso aí a Marta fala que não vem, não vem, apesar que aí fica difícil. Elas brigam muito as duas, se vim aí ficar com a gente as duas aqui, vai dar uma mão de obra, eu tô achando que a outra vai ficar lá, ela diz que vai ficar lá, eu não sei ...

Pesquisadora: - A neta?

Senhor Daniel: - É a neta.

Pesquisadora: - E o que ela diz?

Senhor Daniel: - Ela disse que vai ficar lá. Deve ser justamente por isso, elas não combinam muito né? E ela pra brigar, aí não tem jeito, nós, na nossa idade, sujeitar a duas mocinhas brigando ...

Pesquisadora: - O senhor acha que não dá pra cuidar de brigas de irmãos nesta idade?

Senhor Daniel: - Eu não aí é difícil. É uma só não tem problemas, mas se vier as duas, as duas dá problemas...

Pesquisadora: - E a netinha de Palmas, não tem nenhuma perspectiva de que os pais mudem pra cá, pra perto de vocês?

Senhor Daniel: - Por enquanto não.

Pesquisadora: - Por enquanto?

Senhor Daniel: - Acho que não vem não. Tem um punhado de cargo lá, ela tem emprego muito bom, e ele tá deslançando também. Comprou fazenda, o pai dele tem fazenda também lá, então eu acho muito difícil, só se um dia, surgisse uma eventual transferência dela pra cá, aí até poderia, eles gostam demais de Goiânia, mas eu acho mesmo difícil por isso.

Pesquisadora: - Eles gostam de Goiânia pra passear ou pra morar?

Senhor Daniel: - Não pra morar, se tivesse uma oportunidade todos os dois estariam aí. A minha filha fala de fazer concurso federal né?

Pesquisadora: - Aí iria pra Brasília?

Senhor Daniel: - Aí eu não sei. Pode chegar a Brasília e daí, federal, é mais fácil chegar a Goiânia, ela tem esse plano. Mas por enquanto é só um plano.

Pesquisadora: - OK. O senhor gostaria de falar mais alguma coisa?

Senhor Daniel: - Não. (sorri)

Pesquisadora: - Sobre aquela pergunta inicial das mudanças mais significativas...

Senhor Daniel: - Não é mais aquilo que eu te disse mesmo, não tem.... eu perdi, o tempo mais difícil que eu passei foi aquele, da mudanças pra cá e chega aqui não arranjar colocação, e fica só a Marta trabalhando e aí eu voltei pra lá ...

Pesquisadora: - E foi mais difícil por quais razões?

Senhor Daniel: - A razão é de ficar família separada né? No princípio você vai muito animado, daqui pra lá são 220 km, você vem na Sexta feira, Domingo a noite volta pra lá. Trabalha a semana inteira, Sexta - feira vem ... os primeiros meses vem animado, vai volta, vem ... agora no terceiro, quarto mês, em diante a hora que você chega, vai chegando a hora de dormir, pra voltar dá uma descrença.... Então o período mais difícil que eu passei foi esse... Você fica separado da família, dos filhos né? É difícil.

Pesquisadora: - Depois que retornou com a aposentadoria já tava mais.

Senhor Daniel: - É já depois eu consegui entra na Celg, entrei na Celg ... trabalhei lá 11 anos na Celg.

Pesquisadora: - E esses dois anos entre a aposentadoria e o retorno pra cá? O senhor disse que aposentou em 92, em 82, e veio pra cá em 84.

Senhor P. Daniel: - Não em 87, não 77. É, não. Eu me aposentei, estava em Rio Verde ainda.

Pesquisadora: - Aí logo o senhor já voltou?

Senhor Daniel: - É. Depois eu voltei.

Pesquisadora: - Uma das razões da aposentadoria era poder retornar?

Senhor Daniel: - Não. Era eu tava com pouca renda e pagando o INSS. Como eu já te expliquei eu pagava dobrado. Pagava como empregador e empregado. Então a margem de lucro do que eu ganhava, já ganhava pouco, porque lá eu trabalhava por conta própria. Foi uma época não muito boa né? Uma época difícil. Começa trabalhando e dispersa o dinheiro pra cá, dinheiro pra lá ... tirar dinheiro de onde não tinha, acabava não trazendo nada pra casa.

Pesquisadora: - E aí quando veio pra Goiânia logo arrumou emprego?

Senhor Daniel.: - Não fiquei um bocado aqui sem arranjar ... não foi muito fácil não ... (pigarro) ... foi difícil.

Agradei mais um dia de entrevista, perguntei se ele tinha algo a dizer e ele disse que não. Então marquei para retornarmos no início do outro semestre já que daí a 15 dias (como era o encontro habitual) já era julho e eles viajariam. Fiquei de ligar em agosto e passei o número do meu telefone para eles.

4º MOMENTO: as mudanças significativas com o aposentar, a vinda da neta e o adoecer.

22/08/2001

Pesquisadora: - Então por falar em saúde, já que a Dona Marta está doente, eu queria perguntar pro senhor: como que é esta questão de lidar com o adoecer, se houve períodos que o senhor foi sentido que foi adoecendo ou não.

Senhor Daniel: - Problema graças á Deus não tem dado. Mas tem tido unas problemas. Aí que vem, e faz uma cirurgia, e depois passa. Eu por exemplo, eu fiz duas cirurgias de érnica de disco e de próstata. É assim .. a de próstata eu estou recuperando até hoje, continuo em tratamento. Eu tive câncer né? Câncer, eu tive e a Marta também teve câncer no útero.

Pesquisadora: - No útero? (não havia entendido)

Senhor Daniel: - No útero. Tirou os ovários e foi (diminuiu o tom de voz). É a idade né? A idade é aquela história, um dia você amanhece com uma dor aqui, uma dor ali né? (sorriu)

Pesquisadora: - O senhor acredita que com a idade apareceram...

Senhor Daniel: - Ah, vai sim. Isto é normal (falou baixo). Depois de uma época cê via subindo até os 40, depois é só descer, vai piorando, cada dia que cê passa cê vai piorando, padecendo cada dia que passa, cê vai enfraquecendo, o ouvido não funciona como era, o olfato não funciona alguma coisa, a cabeça, normalmente eu por exemplo estou com 68 anos, é, é difícil mas perde mesmo, perde tudo... os movimentos, a agilidade, vai, vai diminuindo tudo mesmo, a idade vai diminuindo tudo, os reflexos, vai diminuindo...

Pesquisadora: - E como o senhor lida com estas mudanças?

Senhor Daniel: - Ué, tem que lidar com naturalidade né? Com naturalidade de acordo com o que vem a gente vai procurando solucionar (tom de voz mais alto, mais "vivo"), solucionar, resolver, e aquilo que a gente pode tolerar tolera, e vai levando... Quando piora vai ao médico ... (falou muito baixo daqui pra frente não deu para entender)

Pesquisadora: - As duas cirurgias provocam mudanças.

Senhor Daniel: - Há provocam sim, todas provocam, provocam sim, eu por exemplo, o médico me proibiu de pegar peso. Então eu não posso pegar peso de jeito nenhum.

Pesquisadora: - Teve uma vez que vocês me falaram da questão do dirigir...

Senhor Daniel: - Dirigir?

Pesquisadora: - sim.

Senhor Daniel: - É justamente. Você não tem a mesma agilidade de antes. Então você tem que Ter muito mais cuidado, não tem, uma coisa por exemplo você olha pra trás, o pescoço endurece e resto enquanto o jovem vê tudo lá você tem quase que virar o corpo.

Pesquisadora: - Mas a questão de, parece que foi falado que o Senhor não dirigia muito?

Senhor Daniel: - Dirigia muito?

Pesquisadora: - É. Porque quem dirigia mais era a sua esposa.

Senhor Daniel: - Não, ela dirige porque tudo vai de acordo com a necessidade.

Pesquisadora: - Há! Então não é questão de problema de saúde?

Senhor Daniel: - Não, não, é porque ela levava mais a J. Agora por exemplo é só eu que estou levando desde o fim... desde antes das férias é só eu que estou levando ela pra escola. Agora que começou as aulas ela começou a levar, agora adoeceu outra vez, então...

Pesquisadora: - Ela estava com problemas antes da gripe?

Senhor Daniel: - Ah! É esta gripe, não sei se é gripe ou se é virose, e eu que tive que levar mesmo.

Pesquisadora: - E uma outra questão que ficou pra gente estar perguntando foi a questão da vinda da neta para cá. O quê que mudou na vida de vocês com a vinda dela para cá?

Senhor Daniel: Ah! Mudou tudo né? Porque mudou o ambiente. Era totalmente diferente o movimento, agora vem colega, professor dando aula, então mudou bastante o ambiente. Nossa vida era pacata, só nós do aqui em casa, não tinha nada para fazer, agora não, tem que levar, tem que buscar, tem que sair pra comprar alguma coisa. Já fui tirar título de eleitor dela, já fui tirar carteira de identidade, tudo isto movimentava a gente né? Quando tem um adolescente.

Pesquisadora: - O movimento é maior para você e dentro da casa.

Senhor Daniel: - E dentro da casa também. Vem um namorado, tudo isto já aumenta né? Vem um colega dela, tudo isto aumenta a movimentação da nossa vida. Nós podíamos de vez em quando, quando estávamos sem ela ir visitar o pai dela, ia visitar a outra filha e ultimamente não está podendo fazer isto mais.

Pesquisadora: - Só nas férias.

Senhor Daniel: - É

Pesquisadora: - Ou quando um vai ...

Senhor Daniel: - Quando um vai o outro tem que ficar. Este ano eu só fui uma vez na casa da minha filha.

Pesquisadora: - Em Palmas?

Senhor Daniel: - É (pigarro). Não tivemos condições de ir mais.

Pesquisadora: - Antes vocês iam mais?

Senhor Daniel: - Ia três quatro vezes por ano.... Então estas transformações acontecem.

Pesquisadora: - E o senhor qualificaria estas transformações de que forma?

O Senhor Daniel olhou para a pesquisadora como quem não entendeu a pergunta.

Pesquisadora: - E o senhor qualificaria elas como?

Senhor Daniel: - É obrigação da gente, do amor do pai é ajudar o filho, encaminhar os filhos, e os netos né? Então é isto que nós estamos fazendo. Se está dentro da capacidade da gente, a gente faz.

Pesquisadora: - E uma outra questão que ficou foi a questão do que mudou na vida de vocês com a aposentadoria, porque eu sei que depois que o senhor aposentou e depois continuou a trabalhar. Mas depois que o senhor saiu do mercado de trabalho, o que mudou?

Senhor Daniel: - Uai, muda justamente isto aí. Você tem aquela atividade de todo dia acordar cedo, ir pro trabalho, voltar, almoçar, voltar pro trabalho novamente. Hoje normalmente eu levanto cedo porque tem que levar ela para escola ou eu ou a Marta, mas mesmo assim, nós levantamos cedo. Não levanto tarde, levanto cedo, faço o café, tomo o café, eu vejo os jornais, vejo televisão, aí normalmente eu dou uma saída, volto as 11:00 hs, meio dia, e à tarde leito jornal, leio um livro ou uma revista, faço uma palavra cruzada (fala rindo, ironizando), para preencher o tempo né? Porque eu não gosto muito de televisão, o que eu ainda vejo é mais jornal. Gosto de ver os jornais, jornal eu vejo. De manhã o Bom Dia Brasil, e vejo o Jornal Hoje na hora do almoço e vejo o, o, o Jornal Nacional. E o preenchimento da gente é isto.

Pesquisadora: - Mas houve um período que ela não estava aqui ainda e vocês já estavam fora do mercado de trabalho não teve?

Senhor Daniel: - Teve.

Pesquisadora: - E como foi este período? Antes dela vir e já não estando mais trabalhando?

Senhor Daniel: - Era, era, pacífico. A mesma coisa, eu não tinha o que fazer. Às vezes saía, fazia supermercado, só isto, não tinha atividade nenhuma. A Marta é muito caseira, então ela tem as atividades dela, ela pinta, borda, faz as, os trabalhos manuais de, de mulher que ela gosta de fazer. Mais ela fazia bolo, biscoito, estas coisa, mas ultimamente ela quase não faz isto. Agora ela pinta.

A Pesquisadora olha para um quadro na sala e pergunta:

Pesquisadora: - Este quadro é novo?

Senhor Daniel: - É.

Pesquisadora: - Há, porque eu não me lembrava dele.

Senhor Daniel: - Aquele ali não e dela não, estes aqui todos são delas, mas aquele ali não.

O senhor Daniel mostra todos os quadros da senhora Marta que tinham na copa e na sala, para a pesquisadora.

Pesquisadora: - Há, então eu não me lembrava deste.

Senhor Daniel: - Olha (aponta os quadros). Estes aqui são todos dela.

Pesquisadora: - Olha, são muitos, bonitos.

A pesquisadora e o senhor Daniel retornam a sala.

Pesquisadora: - Este aqui não é dela.

Senhor Daniel: - Não, este aqui não, foi comprado, mas todos os outros são dela. E tem mais.

Pesquisadora: - Nem precisava ter comprado aquele (fala rindo).

Senhor Daniel: Não (responde rindo). Mas isto foi antes de começar. Esta atividade ela começou depois de aposentada, foi depois de aposentada que ela começou.

Pesquisadora: - E aí o senhor falou que ela começou a exercer estas atividades manuais, mais mas de mulheres.

Senhor Daniel: - É. Porque antes ela não tinha tempo né? Não fazia porque o tempo dela era todo tomado com a família. E aí depois que ela passou pela aposentadoria que aí então ela desesperou "Eu não agüento ficar à toa", aí ela começou, entrou na aula, ela teve um ano na escola de pintura aí foi logo depois que eu adoeci aí ela teve que parar, aí ela não voltou para tomar aula mais. Mas ela pinta em casa aí.

Pesquisadora: - Porque quando o senhor adoeceu precisou de cuidados especiais?

Senhor Daniel: - Fiz. Fiz uma cirurgia, fiz justamente quando apareceu o câncer. Aí eu tive, fiquei uma temporada boa assim convalescendo (mudou o tom de voz - bem mais baixo). E o tratamento continua até hoje. Agora que tá no caso de terminar, como ontem eu ainda fiz um exame, amanhã eu tenho que voltar no médico.

Pesquisadora: - Fez quimioterapia ou não?

Senhor Daniel: - É justamente. Só que a minha quimioterapia não era propriamente a que faz no hospital, era por injeções. Então é justamente este tratamento que tem dois anos, mais de dois anos. Fiz um ano e pouco e dei uma parada, burrada minha, aí depois tive que voltar porque alterou, . Agora está com dois anos, agora que está terminando. Se estiver tudo normal vou suspender o tratamento.

Pesquisadora: - E o senhor acredita que parou porque?

Senhor Daniel: - Parei porque minha renda era muito pequena e as injeções muito caras, ultimamente até o médico, o próprio médico arranhou para mim pegar no SUS. Mas mesmo aqui em Goiânia teve uma época que danou a faltar que não tinha jeito. Aí minha filha arrumou lá em Palmas pra mim, para não faltar, então tem trazido injeção de lá. Vamo vê se suspende o remédio, depende dos exames que eu vou fazer.

Pesquisadora: - Aí que o médico define?

Senhor Daniel: - É aí que o médico define.

Pesquisadora: - E como que foi para você, tanto para o senhor quanto para dona Marta descobrir que estavam com o câncer?

Senhor Daniel: - Tem que aceitar né? Eu por exemplo descobri casualmente que eu tinha. Eu não sentia, não tinha sintoma, não tinha nada, mas eu nunca tinha feito o exame de próstata, então via nas revistas, nos jornais, tudo o que tinha que fazer então "vou fazer". Fui lá e já estava com o câncer. Apesar que o meu não ocorreu metástase, eliminou tudo, até hoje não constatou mais nada.

Pesquisadora: - E a Marta?

Senhor Daniel: - A Marta também fez tratamento uns 5 a 6 anos depois que fez a cirurgia e tirou o útero e os ovários. Acho que volta de três em três meses, depois de 6 em 6, depois de ano em ano, depois de ano e meio, de dois a dois anos, e tá aí. Até hoje ela tem consulta marcada não sei, acho que por agora pra depois de setembro.

Pesquisadora: - O senhor também é assim? Depois que teve a revisão

Senhor Daniel: - *É periodicamente, é, é. É periodicamente tem que ir ao médico. Por enquanto eu tenho que ir de 90 em 90 dias. Não sei se agora ele vai, se tiver tudo normal provavelmente vai passar de 6 em 6 meses, né?*

Pesquisadora: - *E a hérnia de disco como foi?*

Senhor Daniel: - *A hérnia de disco eu não tinha problema e aí começou a atacar demais foi uma situação que eu não agüentei mais e aí fui e fiz a cirurgia*

Pesquisadora: - *Mas depois da cirurgia a hérnia de disco (antes da pesquisadora terminar a frase)*

Senhor Daniel: - *Não.*

Pesquisadora: - *Não tem tratamento?*

Senhor Daniel: - *Não, é só. Não pode pegar peso, de vez em quando a gente esquece vê qualquer coisa, é uma emergência, pega um peso e começa as dores tra vez. Mas felizmente a gente controla, dá, não tem ido ao médico mais por ela. Teve uma época que ela me atrapalhou muito, doeu muito, aí eu voltei no médico, mas aí ele me disse que **não era nada grave. Mas agora** a gente aprende à controlar né? Vai controlando, quando cê tem aquelas crises controla, faz repouso, toma medicamento pra não piorar.*

Pesquisadora: - *Aí já ajuda (antes da pesquisadora terminar a frase)*

Senhor Daniel.: - *Ajuda (pigarro)*

Pesquisadora: - *Aí o senhor disse que a Marta descobriu a pintura e outras atividades. Que descobertas o senhor fez depois que (antes da pesquisadora terminar a frase).*

Senhor Daniel: - *Eu não fiz nada (fala rindo). Não fiz nada. Eu passo a minha vida só mesmo com leitura.*

Pesquisadora: - *E antes o senhor lia?*

Senhor Daniel: - *Lia também, mas era menos, o tempo era curto né? Mas toda a vida eu li. Assim revistas, jornais.*

Pesquisadora: - *Sua descoberta então foi a leitura?*

Senhor Daniel: - *Hoje eu leio muito mais que antigamente.*

Pesquisadora: - *E quais as leituras de interesse do senhor?*

Senhor Daniel: *Heim?*

Pesquisadora: - *Quais as leituras de interesse do senhor.*

Senhor Daniel: - *Eu gosto mais de, de ... é, é, reportagens né? Reportagens, não só política, política não gosto muito é horrível, geralmente lei quase tudo.*

Pesquisadora: - *Os interesses gerais?*

Senhor Daniel: - *Os interesses gerais.*

Pesquisadora: - *Tem mais alguma coisa que o senhor gostaria de falar.*

Senhor Daniel: - *Acho que não, deixa você falar aqui e eu respondo.*

Pesquisadora: - *Então está bom. Por hoje é só isto mesmo.*

Falei que o último encontro seria na outra semana e que seria interessante que a senhora P. participasse, ele reafirmou que ela não participou por causa da gripe, mas que na outra semana estaria melhor. Então agradei.

5º MOMENTO: as mudanças significativas com o aposentar, a vinda da neta e o adoecer / os arremates.

29/08/2001

A entrevista iniciou - se com os questionamentos da senhora Marta sobre a pesquisa à respeito do número de pessoas entrevistadas. A senhora Marta falou então da relação avós netos dizendo que, quando se tem os netos, a vida está mais serena do que quando se tem os filhos.

Pesquisadora: *Como é?*

A senhora Marta responde em um tom de explicação.

Senhora Marta: *- Estou falando que os avós tem muito mais paciência na educação dos netos que os próprios pais que os avós já estão bastante maduros estão mais tranqüilos,*

O senhor Daniel interrompe a fala da senhora Marta.

Senhor Daniel: *- Já passou pela experiência*

Senhora Marta: *- Já passou pela experiência, então você tem mais serenidade*

Senhor Daniel: *- E na época de, de, dos pais também não podem dar muita atenção pro filho tem os compromissos, trabalhar pro próprio sustento e da família*

Pesquisadora: *- E quando são avós já tem mais tempo?*

Senhor Daniel: *- Já quando são avós*

Senhora Marta: *- Já*

Senhor Daniel: *- Quando são avós já estão aposentados (riu falando em um tom irônico)*

Senhora Marta: *- Já estão aposentados (tom irônico), estão mais tranqüilos não tem filhos para criar mais então você pode se dedicar muito mais né?...*

Pesquisadora: *- Assim, então a questão do trabalho pode dificultar um pouco esta convivência?*

Senhor Daniel: *- O trabalho modifica toda a criação do filho*

Senhora Marta: *- Dificulta porque com o filho o tempo de convivência é menor, o tempo de convivência é menor. Apesar de você no curto espaço de convivência que o pai tem com o filho quando ele trabalha e corre o dia inteiro para poder ganhar o sustento ele procura dar qualidade no curto espaço de tempo que ele tem com o filho. Mas o espaço quando está trabalhando na luta é muito menor o tempo. E, E, E quando você chega a ser avô e o neto vem morar com você você tem todo o tempo do mundo é esta a diferença. Você já está maduro, já passou pela experiência, tem mais tranqüilidade, já tem mais tempo para ouvir, mais tempo para ficar junto, acompanhar, porque você nesta altura já se aposentou, criou seus filhos então cê está mais tranqüilo está mais sereno, não é aquela vida agitada mais. Porque hoje a vida é muito agitada, pai sai para trabalhar, mãe sai correndo para trabalhar e muitas vezes a criança quer conversar, o adolescente quer conversar e o pai e a mãe não tem tempo para parar naquele momento.*

Pesquisadora: *- Foi assim na época dos filhos de vocês?*

Senhor Daniel: *- Foi...*

Senhora Marta: *- Foi, foi uma correria deste jeitim. Eu trabalhava em dois empregos, eu quase não tinha tempo. A gente procurava dar qualidade, assim no fim de semana, à noite, apesar de trabalhar às vezes à noite também, entendeu? (fala mais rápida, um tom de angústia). Agora hoje não, eu fico dentro de casa o dia inteiro levo pra escola para fazer um curso, busco (tom de voz mais baixo, mais tranqüilo). Os meus não iam de ônibus... Os meus pegavam ônibus, se bem que a violência era bem menor né hoje é impressionante.*

Pesquisadora: *Mais tem alguns que continuam indo de ônibus apesar da violência.*

Senhora Marta: *- É.*

Senhor Daniel: *- A maioria continua de ônibus.*

Senhora Marta: - É, os meus só, andaram de ônibus porque nem eu nem o Daniel tinha tempo, a gente tinha que trabalhar.

Senhor Daniel: - E nem carro, também não tinha (falou rindo)

Senhora Marta: - Tinha só um né? (ri também) Era, a vida era muito difícil. Hoje a minha vida é muito... mais tranqüila hoje eu tenho mais tempo para ficar com ela.

Pesquisadora: - Por falar em tranqüilidade é eu já fiz estas perguntas por senhor Daniel, a senhora não estava aquele dia, sobre a vida, assim, pensa um pouco a trajetória de vida da senhora... que mudanças ocorreram no decorrer da sua vida e que foram significativas para você?

Senhora Marta: Para mim uma das mais significativas foi a minha mudança para Goiânia. Eu pensava no início que ia ser muito difícil e não. Abriu minha cabeça, abriu horizontes, abriu portas, abriu tudo, a minha vida mudou para melhor assim sem, sem, sem nem Ter adjetivos assim para falar o tanto que melhorou. Em todos os aspectos até no de adquirir mais maturidade, Ter uma visão mais abrangente do mundo, uma série de coisas, tanto pra mim quanto para os meus filhos. Foi muito significativas, sair do interior onde era uma coisa, vir para cidade, onde seu vizinho não tem a ver com sua vida, você tem que se virar, se cuidar, então você amadurece. Você une mais a família. Um mais dependente do outro, então eu acho que essa foi uma mudança significativa, não sei se o Daniel analisa assim, mas eu acho que pra mim foi muito positiva, meus filhos falam isso todo dia. Os coleguinhas deles que ficaram lá não estudaram, tudo sem estudo. Eu acho que foi um passo muito importante, muito positivo que demos na vida.

Pesquisadora: - Naquela época muitas pessoa mudavam. Até hoje mudaram muito do interior pra Goiânia...

Senhora Marta: - Mudavam porque você vai mandar seu filhos, quem é duma classe média baixa, que vive de salário, não tem condições de manter duas, três residências, você agrupa a família que fica mais primeiro, que tem mais aconchego, mais carência de estar observando, apesar de correr muito você está sempre em contato com o seu filho, sabendo o que ele está fazendo, o que não está né? ... Então, agora eu não posso falar nada nem o Daniel, nós tivemos sorte demais com os nossos filhos, nossos filhos não deram trabalho.

Pesquisadora: - Em que sentido?

Senhora Marta: - Assim, foram estudiosos, não tinham vício, não tinha aquela coisa assim de rebeldia, de querer chamar atenção, de dar trabalho. Nós não tivemos esses problemas. Porque eu vejo tanta gente, tanto amigo meu tem. Eu não tive esse problemas com meus filhos. Todos os dois formaram com 22 anos. Terminaram a faculdade com 22 anos

Pesquisadora: - Entraram novos na faculdade?

Senhora Marta: - Pois é. Não deram trabalho, eram estudiosos. A minha filha fez dois cursos ao mesmo tempo. Fez direito e serviço social ao mesmo tempo. Formou junto. Então é assim não tinha tempo. Estudava de manhã, estudava a noite. Fazia estágio à tarde. Eu até falo, os dois ficaram tão ocupados, que não tiveram tempo de ver coisas que não prestavam.

Pesquisadora: - Então eram todos muito ocupados?

Senhora Marta: - Era. Os meninos faziam assim: faziam o terceiro ano do segundo grau quando veio pra cá. **O F (filho).** começou a fazer o segundo grau, porque em Rio Verde não tinha o segundo grau aquela época. Então **M (filha)** fazia a oitava série e ele fazia o primeiro ano. Então o que que fez? Ele fazia cursinho naquela época, o objetivo era o próprio cursinho, que fazia no objetivo. Então ele entrava as sete horas, saía a uma, aí ele chegava em casa, ele estudava, as três horas ele tinha aula de violão. Todos os dois gostava de música, tinha aula de violão. Saía da aula de violão, as 5 horas tinha aula de inglês, aí saía da aula de inglês tinha aula de capoeira, ele fazia karatê, então quando ele chegava em casa a noite, tinha que fazer as tarefas, estudar, ele tava morto de cansado, não queria sair pra rua mais. Assim a mesma coisa era a outra, a outra fazia escola, depois tinha educação física, e ginásio. Primeiro grau ainda tinha Ed. Física, ela fazia aula de piano lá na L., depois ela fazia inglês, depois fazia outra coisa e quando chegava a noite tava cansada. E não tinha muito dinheiro. O dinheiro tudo era contado. Pra cê ter uma idéia o meu filho mais velho era louco por causa de Churos eu dava dinheiro pra pegar o ônibus pro Objetivo, ele ia a pé pra sobrar o dinheiro pra comer o churos todo dia. Então essas coisas. Hoje eles conversam, eles acham que

isso foi positivo, importante pra vida deles...sabe... e a J.(neta) não tinha dinheiro demais. Eu acho que quem dá muito dinheiro pro filho não dá muita coisa não. É muito fácil, tem que ser difícil.

Pesquisadora: - Ela também é mais controlada?

Senhora Marta: - É sim. Menina não pode ficar solta na rua a noite inteira não. Pode namorar aqui em casa. O namorado dela tem aula na Esefego à tarde, ela só tem aula das 3 as 5, então ela vai pra escola. Ele fica aqui no computador, os dois, eu tava conversando com o Daniel e rindo, eles estudam o Domingo inteirinho tanto ele como ela, porque ele tem que estudar pra faculdade e ela pro vestibular. Sai um vez por semana pra jantar fora, mas se não é aqui dentro de casa, ouvindo música, vendo filme, assiste filme ... sabe. Então eu acho assim que a casa é boa, pra eles é bom porque o pai da J. disse "Mãe eu acho que a senhora tem mel"

Pesquisadora: - Quem falou?

Senhor Daniel: - Meu filho, o pai da M. "Mãe a senhora tem mel. Todo mundo adora vim pra cá, não quer ir embora". Quando vem adora ficar aqui em casa.

Pesquisadora: - Vocês consideram que tem uma casa acolhedora, é isso?

Senhora Marta: - É. Acho que é. Porque ninguém implica com ninguém. Todo, não tem gritaria, eu não guento, detesto gritaria, eu converso muito, brinco muito . Eu gosto muito de serenidade, eu acho que isso constitui um ambiente, um astral bom, tem Deus no meio, eu sou muito religiosa, o Daniel é muito religioso, a gente tudo pra nós tem Deus. Tudo tá bom, eu não sou ambiciosa, gananciosa, tudo pra mim tá bom, tá ótimo, maravilhoso, tudo que Deus me deu.

Pesquisadora: - Como é a questão religiosa pra vocês? Como que foi ao longo da vida?

Senhora Marta: - Ah! De primeiro a gente era católico. Eu fui criada num lar católico. Mas depois eu .. em busca, aquela busca que todo mundo tem, eu me encontrei foi no Kardecismos, eu sou Kardecista.

Pesquisadora: - Depois quando?

Senhora Marta: - Ah ...

Senhor Daniel: - Foi quase a 5 anos de casados.

Senhora Marta: - É, 35 anos atrás.

Senhor Daniel: - Eu tive um problema e ... devido a este problema é que foi indo pro outro lado.

Senhor Marta: - Indo em busca ... era católica, mas não era ... os pais da gente não eram religioso, porque religioso é aquele que tem ... Eu estava vendo aquela menina do Silvio Santos, contando como liberaram ela, ela estava dizendo que não ficou revoltada porque tem Deus no coração. Ela sabia que Deus tava com ela, aquela que foi sequestrada. Ai eu tava falando pro Daniel a importância da gente acreditar em Deus. Numa coisa, você estar numa situação difícil e ela não perder a serenidade, ela sabia que Deus tava com ela.

Pesquisadora: - Vocês tiveram uma situação difícil antes de ir pro Kardecismo?

Senhora Marta: - Tivemos, tivemos uma situação difícil, de doença. E aí em vez de ficarmos revoltados, nós fomos em busca de Deus, e resolveu o nosso problema.

Pesquisadora: - Então já faz algum tempo?

Senhora Marta: - Faz 35 anos que eu sou Kardecista. Nós somos Kardecistas.

Pesquisadora: - Vocês freqüentam, como que é?

Senhora Marta: - O Daniel mais que eu, eu leio demais , eu procuro praticar boas ações, fazer aquilo que me ensinam nos livros, eu sou muito mais de leitura do que ir lá, ao centro. Eu sou muito mais de leitura, eu sei que eu sou muito mais religiosa. As minhas ações eu procuro me pautar naquilo que me ensinaram. Não faço nada daquilo com os outros que não gostaria de fazer com você. Sempre que você puder dar, ajude mesmo, que tirando o seu, só ajude se você divide e também as pessoas não precisam ficar sabendo do que você fez não. Sabe, a verdadeira caridade é aquela que você faz a pessoa não te conhece, não sabe que você fez.

Pesquisadora: - O senhor freqüenta?

Senhor Daniel: - Freqüento uma vez por semana.

Senhora Marta: - Eu sou muito de leitura, eu vivo comprando livros, leio os romances. São romances, eu leio o Evangelho, eu leio livros espíritas, eu leio aqueles ensinamentos que existem, são coisas lindíssimas, eu tenho a ele descobriu que eu sou Kardecista, toda hora que eu chego eles falam " Já leu o livro assim, já leu esse?". Então livro lá de, tem de Angela de Angeles que tem umas pequenas citações que são interessantíssimas .. né?. Tem um tipo de profundidade, porque eu acho que a verdadeira religião é aquela que você refleti, você analisa, você busca viver aquilo. Então nesse livro, que eu falei tem assim, que é pra gente ser igual o diamante, que é eclode de uma pedra bruta, que é de uma pedra bruta que sai o mais lindo dos diamantes. E que muitas vezes eles eclodem após levar várias marretadas, várias pauladas é que o diamante sai. E a vida não é mais que isso, você recebe marretadas, e você com as marretadas, você vai melhorando, melhorando até você se tornar uma coisa boa, um brilhante. Outra passagem que ela diz, que você sempre como o lírio, **que sai** do lodo, e é lindo, branco, puro e maravilhoso. Outra passagem que ela diz "Tem que ser igual a rosa, que apesar de ser adubada com estrume, ela solta um perfume maravilhoso ... no ar", o que aduba ela é o estrume, então são pequenas coisas que você lê numa frase que você tem que pensar muito, refletir, analisar, o que é de sua vida ... então são coisas. Eu acho que tem coisas lindíssimas da gente ler, reflète bastante.

Pesquisadora: - A família é toda da mesma religião ou não? Os netos, os filhos?

Senhora Marta: - Não. O F. (**filho**) não. A família são muito católicos dele. Muito católico mesmos. E católico mas não freqüenta também. É católico de falar, mas o F. **reza muito, a M (filha) não é** muito religiosa, a menininha dela não tem 3 anos, a menina dela não dorme sem rezar o Pai Nosso de jeito nenhum. A menina dela sabe o Pai Nosso inteirinho, tem 3 anos você vai deitar com ela, ela diz "Vovó nós não rezamos ainda, minha mãe falou que não pode dormir sem rezar". Ela tem 02 anos e nove meses e ela reza na hora que termina de rezar o Pai Nosso, ela fala: "Papai do Céu, protege o papai, protege a mamãe, protege o vovô fulano, a vovó fulana, protege o tio, o tio fulano, meus priminhos...", a família inteira.

Pesquisadora: - E por falar em netos, como era a vida de vocês antes da vinda da neta pra cá? Para a senhora, como que foi?

Senhora Marta: - A J. toda vida, é a neta mais velha. Meu filho quando casou, a mãe da J tava grávida, ele não tinha terminado a faculdade. Ele tava na faculdade. Ela tinha 17 anos, os dois terminaram a faculdade. **A J. nasceu em** , eles moraram três anos e meio **comigo, e a J. virou o xodó da família inteira.** Eu tinha uma menina que trabalhava comigo, minha nora estudava, a menina que morava comigo olhava a J., ele era crente, ela cantava muitos hinos da igreja, ela gostava demais de conversar, e como ela ficava conversando com a J., tinha um ano e a J. falava de tudo, **tudo, porque** ela tava no fogão e a J. no carrinho, ela pegava e começava a cantar. Ensinando a J. a cantar. Então a J. foi uma menina precoce, precoce, ela cantava os hinos da Igreja, todos. E a J., todo mundo ficou apegado na J.. A J. depois que mudaram trazia muito ela pra cá, deu muita diferença. Eu era muito agarrada com ela e ela comigo. A vida inteira foi assim ...

Pesquisadora: - Mais agarrada com ela do que com a irmã dela?

Senhora Marta: - Mais. Inclusive a outra irmã dela é mais agarrada com a outra vó dela do que comigo. A J. é comigo.

Pesquisadora: - Interessante isso! Vocês constituem uma exceção da pesquisa inicial que a gente fez. Geralmente quando a filha fica grávida na adolescência, ela vai pra casa da mãe, aqui foi ao contrário.

Senhora Marta: - Na mãe da minha nora ela não fica, tanto é que ela não ficar com ela até hoje. Fica lá na mãe dela quando não tem jeito. Ela se sente uma estranha na casa da mãe, aqui ela não se sente a minha nora. É complicado, a mãe dela é muito complicada. A mãe dela tem um sofá brando que não pode sentar porque estraga, que suja aqui em casa ela pode deitar, pode pôr o pé, pode fazer o que quiser. Aqui em casa é para conforto, não é pra ficar bonito pros outros ver. Então são estilos de vida diferentes. Como eu trabalhei a vida inteira, ela ficava aqui, ela que era a dona da casa, não era eu. Então eu combino muito com ela. Eu acho que minha nora maravilhosa, eu acho, sogra não fala bem de nora, não tem ... ela é minha nora, eu acho ela heroína. Ela terminou de formar em direito, porque ela não formou naquela época que fazia Serviço Social. Ela parou no sexto período porque mudou pra lá, não quis deixar o F. ir sozinho pra

Acreúna. Agora que ela fez Direito ela terminou em agosto, fez provas na **OAB**, porque ela terminou direito, ela foi cinco anos de Acreúna pra Rio Verde todo os dias. Ia dezessete horas e chegava na casa dela meia noite. Ela fez Direito, formou agora. Então aqui eles tem mais liberdade. Ele gosta de ficar aqui, gostam de ficar lá, inclusive ela, se ela fica lá, ela desce cedinho, só vai embora de lá de **noite**, **ficar** só dentro de casa, vai pra lugar nenhum. Então se sentem melhor aqui em casa. Me parece, dá impressão que sim.

Pesquisadora: - E quanto tempo a J. ficou fora?

Senhora Marta: - Daqui de casa? É. Ela saiu daqui ela tinha três anos e meio, e ela voltou ela tinha treze. Ela nunca ficou fora, ficou mais aqui que lá. Isso fez até uma o pai dela e a mãe é muito mais agarrado com a outra que com ela. Mas ela á muito agarrada comigo que a outra. Não é que não tem amor, são louquinhos por causa dela, é "meu amorzinho, meu coraçozinho", esse tipo de coisa. Mas se for pra eles ficar sem a outra, elas vão sentir mais falta do que dela, porque ela tá mais acostumada comigo. Ela ficava, ela vinha sempre aí, sempre passava mês aqui, eu ia pra faculdade, levava ela já tarde comigo pra faculdade, ficava comigo, desenhava a tarde inteira. Isso não quer dizer que ela me responde de vez em quando não. Aí eu falo, pode calar, pode parar com isso, eu acho que a J. é, **tem** **mais** que mãe do que de vó, eu não sou daquelas que diz pode fazer tudo o que ela quer. Faz o que é certo. Porque eu tenho uma filosofia de vida assim: eu não crio os filhos pra mim, crio os filhos pra viver em sociedade, pra conviver em sociedade. E tem que ser outra coisa. Cresce tem que ser independente, tem que ser capaz de se manter, estudar, formar, tem que ter emprego. Tem que trabalhar. Foi assim que eu criei a minha filha, tô criando a J. desse jeito. Agora mesmo ela fez essas provas de **vestibular** . Ela passou no vestibular nos dois que ela fez. Mas não pode ainda, ela não terminou o segundo grau. Mas ela fez pra ir adquirindo experiência. Pra você ver, a J. tem aula, tem professora específica de Português, de matemática, química, não tem moleza não...

Pesquisadora: - A senhora que não aceita ou ela? Nota **ruim**?

Senhora Marta: - Tem que ter, se tá aí por conta disto, não faz mais nada a não ser estudar... tem que ter nota boa, se não não justifica né? ... Os filhos tem que tirar nota boa, se tirar nota ruim eles ficavam **arrasados**. Ela já se **acostumou** , a **irmã** dela só tira 9,0 e 10,0. A J. **tira** . É por isso que eu falo que eu tive sorte com meus meninos. Eram estudiosos, geralmente alguns dão trabalho pra estudar né? Eu não tive este problema.

Quando indagada sobre quando percebeu as mudanças corporais e o adoecer, a senhora Marta disse que há muito tempo, que não há quem não adoeca mas que não era de curtir doenças. Apesar de ter feito algumas cirurgias considerava - se saudável. Disse que quando tem problemas busca solucioná - los rapidamente. O que não pode resolver deixa para Deus ou o tempo resolver.

A entrevistadora perguntou se tinham algo mais a falar e, a senhora Marta disse que estudos sobre a contribuição dos avós com os netos eram muito importantes. A pesquisadora indicou - lhe um livro sobre o tema e ela disse que iria ler, porque gosta de ler, de aprender sempre.

A senhora Marta acompanhou a pesquisadora até a porta e contou - lhe histórias da construção do prédio de enfermagem da Universidade Federal de Goiás, que ocorreu no período em que era a diretora do departamento de enfermagem. A pesquisadora agradeceu e disse que os avisaria sobre a dissertação de mestrado quando estivesse pronta.

* SENHOR PAULO

1º MOMENTO: o falar pesquisa, o relato da aposentadoria e do cotidiano.

Entrevista dia 03/ 10. O endereço do entrevistado não foi fácil de achar, portanto, a pesquisadora ligou para confirmar que estava indo para a casa do entrevistado e que queria um ponto de referência. O entrevistado deu o ponto de referência e disse que estava acordando naquela hora, e pediu para a pesquisadora esperar um pouco na porta da sua casa porque ele iria lavar o rosto e se vestir para atendê-la, relatou ainda que teria um compromisso as 10:00 hs (eram 9:15hs).

Ao chegar no endereço, a entrevistadora esperou e o entrevistado pediu muitas desculpas pela bagunça alegando que casa de solteiro é assim, além do mais, não deu tempo de arrumar. Ao sentar na sala a pesquisadora explicou novamente que ele havia sido entrevistado no mês de abril, e que agora seria continuado, que se tratava de uma pesquisa para um mestrado. A mestranda disse que ao estudar a questão do envelhecer deparou com a importância da aposentadoria e que por isto estava procurando-o para ver como é se aposentar aos 45 anos.

Ele então explicou que trabalhou no setor de foto composição que envolve líquido e papel fotográfico. Por ser um ambiente que exigia insalubridade ele acabou se aposentando proporcionalmente. Quanto as razões explicita que além dos prejuízos a saúde, esta função dentro do jornal está acabando por causa da informática: "- Eu me aposentei na sala de insalubridade".

Durante dois anos após aposentado continuou nesta função e depois mudou e se tornou digitador. Disse que não se arrependeu, que foi promovido ao invés de ser demitido porque já tinha experiência na área. Disse ter adquirido a sinusite.

A entrevistadora perguntou porque que continuou no trabalho por dois anos após aposentado mesmo com a sinusite, disse somente que ela continua até hoje com o ar condicionado da empresa.

Relatou que muita gente se aposentou assim nesta época, pessoas que pertenciam ao sindicato dos gráficos e que estes estão protegidos, que na aposentadoria deles o governo não tem peito para mexer.

Perguntou se a entrevistadora sabia o que era foto composição. Ela disse que não, e então ele explicou que era o setor de compondores, que lidavam com o revelar filmes. A pesquisadora perguntou se podia gravar as entrevistas porque esta já havia iniciado, já que ele estava falando da sua aposentadoria. Ele disse que sim.

Senhor Paulo: - Comecei com o primeiro serviço com, é, no Banco de Minas Gerai. É na rua Espírito Santo número 5(?) em Belo Horizonte. Eu prestava serviço na cidade de Vespasiano, cidade satélite, cidade que pertence a grande BH né?. Depois eu fui pra São Paulo, em São Paulo cheguei em 74, eu, eu, antes de entrar na Folha de São Paulo, eu passei por cartório e tal, alguns cartórios, e depois entrei na Folha de São Paulo em 74. A partir daí passei a pertencer ao Sindicato dos Gráficos, e lidar também com produtos químicos né?. Fotocomposição. Eu era fotocompositor, fotocompositor, que é chamado aqui de fotocomponedor. Depois em, em 77 eu fui pra Universidade Federal de Viçosa e fiquei lá de 77 a 86 como fotocompositor também ... lidando com produto químico, revelando, aquele negócio todo. É o digitador e na verdade lidava com papel fotográfico, produto químico e tal pra revelação, então o ambiente torna-se insalubre né? Deixei Viçosa em, em 86 e retornei pra Belo Horizonte, emprego garantido. E Belo Horizonte passei por seis jornais. Em 91 resolvi vir pra Goiânia ... e ainda estou até hoje.

Pesquisadora: - Resolveu vir? Proposta de emprego?

Senhor Paulo: - Na época eu estava me sentindo cansado de Belo Horizonte... Belo Horizonte parecer pra mim, num sei se é a idade também, ou o crescimento, assim, acelerado demais, eu sinto dor de cabeça três dias. Fico três dias sentindo dor de cabeça. Até eu, eu, eu tenho que fica num ... lugar escondidinho assim pra poder voltar ao normal .. mas cheguei aqui com dor de cabeça, eu num entendo. E naquela época eu trabalhava muito, eu tava sentindo dores no braço. Então ou eu optava, eu tava optando, eu tava entre Goiânia, e, e, Vitória do Espírito Santo. Eu olhava bem assim, se a cidade é menor os jornais também são menores ... o fluxo do trabalho. E nesta aí eu não errei não. **Eu vim eu passei pelo Diário**, entrei na Editora Líder, até chegar ao Popular. Do Popular até aposentar que é onde eu tô trabalhando. O meu setor que eu trabalho hoje que eu, meu setor hoje é de digitador de texto da redação. Eu fui promovido,

porque o outro setor anterior onde eu fiquei até ser aposentado é, a uns quatro anos atrás, era justamente o setor insalubre que era o seto de fotocomposição, fotocompositor. Agora aqui em Goiânia chama de componedores né? Componedores. E a aposentadoria como a minha tiveram várias. Mi, milhões de aposentados nestas circunstâncias. Em diversas áreas de São Paulo, Folha de São Paulo, as principais, todos os jornais do país, dos pequenos até os grande, os maiores. Porque é uma lei né? É uma lei, pra ela ser aprovada tem que passar por vários departamentos, não é aqui em Goiânia chegar e falar que foi aprovado, chegar o Rio de Janeiro e não ser aprovado né? O povo, o Jornal o Popular teve gente que aposentou com 38 anos. Serviu o exército, entrou na fotocomposição né? E chegou o tempo determinado, concluiu aqueles 20 anos dele. Na verdade são 22. Pra completar 30 anos, porque 10 anos, a cada 10 anos dava 4 pra, pro, pra aposentadoria proporcional. No futuro eu, eu vou sofrer perdas com isso porque o salário, posso por exemplo ter um salário, um salário, um teto máximo, máximo da aposentadoria. Enquanto que o salário que eu recebo, não vou ter mais essa chance. Mas eu, eu, eu achei bom ter sido aposentado, embora proporcional porque o país tá cada vez só desemprego, desemprego, desemprego.

Pesquisadora: - É uma forma de garantir que você

Senhor Paulo: - É uma forma que eu tenho agora. Ninguém tira, nem o presidente da República num tira isto... é, é uma lei ... uma lei que foi cumprida. Agora o presidente da República atual, ele ... cortou esta mordomia, vamos dizer assim, essa, essa, esse benefício... de, de, de pessoas é, aposentadoria proporcional né? Até os professores ... que tá ... é aposentando muita gente, muita gente tá aposentando, então ele acha que a previdência não vai agüentar, no futuro né? Eu dei sorte neste sentido ... porque tem gente que tá encontrando dificuldade lá.

Pesquisadora: - Pra conseguir a aposentadoria?

Senhor Paulo: - É, aposentadoria. O governo tá dificultando de todo jeito, de todo jeito, até departamentos que trabalham com raio X né?

Pesquisadora: - E como você se sentiu depois de aposentado?

Senhor Paulo: - Ah. Isto foi a mesma coisa que um calmante né? (ri). Você tá passando de cidade em cidade, você só vê desemprego neste país. Eu estive em Belo Horizonte agora, fui visitar um jornal de lá de, uma rede, uma organização, uma organização. De um mil e trezentos só ficaram 800. É só reduzindo órgãos, todas as empresas. Cê olha essa, essa, essa guerra lá, a Embraer ela não demitiu 1800 funcionários? . Quantos pais de família vão pra rua? Quer dizer que só esta guerra já afetou o setor. E vai afetar também várias agências de turismo no mundo. Quem vai querer ir pros Estados Unidos numa circunstância desta? ... E assim também é as empresas aéreas já tiveram umas que aumentaram o preço se não vai perder ... essas coisas assim. E a informática tava acabando com tudo, a informática tá, tá destruindo tudo uai.

Pesquisadora: - Então muitas pessoas poderiam ser substituídas pela informática? Você acha?

Senhor Paulo: - No caso de comunicação, comunicação, que vai, a tendência do mundo, cê vai, cê tem hoje a informática dentro de casa, se quer ver a Folha de São Paulo cê tem acesso a Folha de São Paulo. Então pra quê que cê vai comprar o jornal diário? Se você presta o vestibular você tem acesso lá, você sabe o resultado do vestibular. Então a tendência é diminuir um pouco o Jornal, diminuir as tiragens... vê os grandes jornais hoje por exemplo o Estadão, a Folha de São Paulo atingiu quase um bilhão de tiragens e tá diminuindo, e vai diminuir, a tendência é diminuir. Eles procuram todo meio pra chamar a atenção do povo. Você vê no próprio jornais né? Eles vão usando uma forma diferente pra chamar a atenção, na verdade o povo brasileiro nesta área felizmente ele não é muito ligado não. Na leitura pode vê que ... é aquilo que eu tô te falando. A maioria tem o computador em casa, e aí tá bem informado através da internet uai. Tem acesso a diversas áreas de comunicação né?

Pesquisadora: - E o seu cotidiano mudou muito depois da aposentadoria ou não?

Senhor Paulo: - Uai, devido a queda dessa, dessa, desse setor muito não. Às vezes as pessoas me chamam pra trabalhar em casa, digitar alguma coisinha aqui, uma revista, um jornal. Eu sempre tive dois empregos tanto em São Paulo como em Minas como em Goiânia também. Mas agora acabou. Isto que eu tô falando. Eu encontro muitos colegas meus aí na rua, desempregado, pai de família, lutando aí pra tirar um salário de R\$ 300,00 por mês, vendedor , vendedor disso, vendedor daquilo, vende um café da roça, porque tá difícil né?. Foi extinto, isto que eu estou te justificando. Aqueles que foram aproveitados, foram aproveitado em outras áreas. Eu tinha um colega mesmo, logo depois que eu aposentei ele recorreu, ele foi lá

no INPS, tava aposentado e não sabia. Aconteceu caso. “Cê aposentou?” Eu tenho mais de 23 anos, vai ao INPS e aposenta enquanto salvou neste sentido porque ele não tava sabendo. Entendeu?... Agora praticamente no Brasil, no Brasil inteiro, praticamente é uma profissão extinta. E tá prá acabar esta também profissão minha aqui.

Pesquisadora: - E aí?

Senhor Paulo: - Porque agora tem uma ... você escaneia um trabalho e passa na máquina. Pode pegar um livro assim e scanear todinho. Tá pra acabar também. Diminuí, se tem 4, então fica 2 e assim por diante.

Pesquisadora: - E como Você se sente? Sente esta possibilidade de redução do quadro de funcionários?

Senhor Paulo: - Olha ... na verdade é deixar o INPS aqui e ir pros Estados Unidos. Era uma tendência lógica sair.

Pesquisadora: - Deixar o quê?

Senhor Paulo: - Deixar é deixar o INPS pra trás. Lá depositando no banco, pra ir creditando. Deixa lá. Pode creditar à vontade. E explicar que eu estou indo pros Estados Unidos. Fazer uma procuração pra qualquer problema o documento tá em dia e ir embora pros Estados Unidos. Não tinha, não tenho mais tempo pra perder não. Cê vai ficar do quê? Ou do contrário pegar uma cidadezinha do tamanho aí de, pequenininha que não tenha muito desenvolvimento e viver com aquele salário aí de INPS. Entendeu como é que é? Procurava mais desenvolver agora é regredir mesmo, contentar com aquele salário. Você entendeu o que eu quero dizer né?

Pesquisadora: - Entendo.

Senhor Paulo: - Então. Se pra ser, pra, pra crescimento, mas na verdade chegar na minha idade que eu tô com ela já que cê tocou neste assunto. Tô com 45 anos, sem filhos, sem mulher, tenho 3 cachorrinhos é ... tudo que entra no eu bolso eu jogo na loteria, eu só não vou te mostrar lá agora... eu tenho globo, um negócio aí, eu sou um cara muito aventureiro, se sou um aventureiro desde o princípio, eu sou aventureiro até hoje.

Pesquisadora: - Globo?

Senhor Paulo: - Eu vou faço minhas loterias, estudo números, ganhei recentemente na loto mais mil e pouco, mas não é nada, pra mim recuperar tem que ser ao menos 100. Entendeu? . E assim por diante, sou muito aventureiro. Não tenho mais tempo à perder. Então a vida é essa (riu)

Pesquisadora: - Então se acontecer de ter que sair do trabalho você

Senhor Paulo: - Eu tenho alguns, eu não tenho alternativas nenhuma, tenho duas opções. Eu eu vou embora pros Estados Unidos ou vou pra uma cidade pequenininha procurar viver do pouco que eu ganho da aposentadoria. Entendeu? Porque tinha, a minha profissão praticamente acabou a profissão de digitador de texto, então pra quê que eu vou ficar prestando um serviçinho ali, ganhando 20 reais, é, é, num . E a vida é essa, esperar e ver o que vai acontecer

Pesquisadora: - E me fala um pouco do dia – a – dia do senhor?

Senhor Paulo: - Meu?

Pesquisadora: - É.

Senhor Paulo: - Ah bom. Eu tenho muita paz de espírito sabe? Graças a Deus. Tenho minhas orações, faço minhas orações todo dia, inclusive... ganhei um terço, sinto muito alívio, e a partir daí do dia 12 de maio eu passei a rezar o terço, um amigo me trouxe um terço lá de Fátima, eu **passei tá até no quarto** aqui. Aí rezo, mas em Minas Gerais minha família tá tão cheia de problemas lá, sabe aqueles problemas de doença pós – parto, eu voltei desacreditado. Eu ... comecei a trabalhar ontem né? E tô voltando ao normal, do meu dia a dia.

Pesquisadora: - Sua família mora em Minas?

Senhor Paulo: - Mora. Mora em Sete Lagoas em Belo Horizonte. For a este problema tá tudo bem, não tenho mais que ... não tenho problema nenhum não. Graças à Deus não. Vamo vê eu tenho sentido, tem melhorado, tá melhorando. Né?

Pesquisadora: - Em que sentido?

Senhor A: - Em todos os sentidos... entendeu? Eu tô vendo, tô presentindo que as coisas não tão ruim assim né? Parei, eu trabalho em jornal parei de ver é ... ler constantemente, eu era, eu era um cara que pegava o jornal e lia das primeiras palavras até as últimas palavras do jornal... e vi que isto daí, que jornal só traz coisas ruim, mais é a desgraça do povo. Então este negócio dos EUA eu num tô nem olhando esta porcaria não ... eu chegar num bar pra tomar uma cerveja, chegá um amigo meu falar disto eu falo que não entendo nada disso e que nem falar disso eu quero. Sabe? Porque trás coisas ruim ... é, é, pra alma da gente. Se você, se você ... se você chegar num ambiente onde todo mundo tá falando desse negócio da terceira guerra mundial, mais tragédia, mais mal ... cê vai ficar contaminado, fica ruim. E eu acho também que se eu procurar lê, lê, não te deixa bem informado não

Pesquisadora: - Antes o senhor acreditava que deixava?

Senhor Paulo: - Qualquer lugar que você for chegar ou que eu chegava por exemplo, você ... cê tinha que estar bem atualizado né? O jornal mesmo o pessoal mesmo não tem jeito de expressar sua opinião própria né? Tirava só análise né? Então hoje eu chego a conclusão, que hoje eu não quero saber disso não. Não quero me preocupar com isto entendeu? Não quero. Sei lá, o Afaganistão lá tá com problema se ... se os Estados Unidos tá fazendo é, a retaliação... este tipo de vingança que a gente sabe... é ... é ... retaliação quer dizer né? Quer dizer, represália lá né? Eu, eu vou preocupar isto pra quê? Eu num preocupo com isto não.

Pesquisadora: - Quais são

Senhor Paulo: - Minha vida mudou neste sentido. Talvez num sei, talvez eu passei a rezar o terço. Ele tranqüilizou a minha alma né? Porque o terço ele é forte, ele é pesado. Eu acho. Tem gente que fala assim leve . Eu acho, porque ele fala da morte.

Pesquisadora: - Da morte?

Senhor Paulo: - É uai. Você fala assim, da alma. Assim: "O meu bom Jesus perdoai e livrai o fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, e socorrei as que mais precisarem". Se você fala, a cada é, é ... mistério né? Então o Pai Nosso em si tem o Deus Pai, você fala assim: "Deus Pai" e aí vai ... só tem uma parte da Igreja que fala assim é ... chama ressurreição, e eu já falo sobre a reencarnação. Aquela parte da ressurreição, da ressurreição, da Igreja, eu falo reencarnação, da vida eterna. Eu acredito que a pessoa vai ter que vir muitas vezes aqui pra purificar o seu espírito. A pessoa comete um ato aí e fica por isto? Não tem lógica uai. Então ele tem que vir pra purificar. Eu acredito na vida eterna neste sentido, de reencarnações.

Pesquisadora: - E tem muito tempo que o senhor começou a buscar a vida religiosa?

Senhor Paulo: - Não, tem muito tempo não. Eu sou espírita né? Mais eu frequento na cento e quatro, as palestras (fala isto em tom enfático). É como sentar num banco de faculdade também, porque ali se ensina só o lado bom da vida, tem que fazer o bem ao próximo. Sabe? Cê vê hoje que nós vivemos numa sociedade conturbada aí né?. Gente num preocupa com espírito de jeito nenhum. Cê vê alguém fazendo algum bem aí? Então isto não te perturba o seu espírito? Seu espírito precisa de alimento, ele vai buscá alimento aonde? É só na oração. Então é difícil você buscar o seu cantinho, a paz né?.. Mas agora é muito difícil é até cruel, vou falar uma coisa pra você... mas uma casa que tem um pai desempregado, os filhos passando fome, é difícil encontrar a paz.

Pesquisadora: - A questão financeira deixa a pessoa abalada?

Senhor Paulo: - Deixa. É onde a gente, há diversas separações aí né? De casais por exemplo. O dinheiro que causou. Mas eu acho difícil encontrar a paz num sentido deste, numa circunstância desta. Disso eu não sei muito, eu não sou casado. Mas eu acho que o descontrole financeiro, principalmente o descontrole em geral. Eu acho particularmente.

Pesquisadora: - Neste momento do ponto de vista financeiro você está tranqüilo?

Senhor Paulo: - *É graças a Deus eu gasto o meu dinheiro que eu ganho, eu tenho da onde tirar né? ... pouco mais eu tenho né? Você entendeu como é que é? Eu vivo de acordo. Que isto me dá tranqüilidade, e me dando tranqüilidade eu tenho que procurar o caminho do bem uai. Eu busquei por exemplo, vou numa palestra, e é onde, também eu viajo eu também sempre entro na Igreja sabe? Pra fazer minhas orações. Eu acho que é o caminho certo... vai pra lá, faço minhas orações...*

Pesquisadora: - *Ok então. O seu compromisso é as 10:00 hs?*

Senhor Paulo: - *Vou ali registrar a minha loteria, tá vendo? (ri)*

Pesquisadora: - *Eu tenho que registrar pra concorrer ...*

Depois de encerrada a gravação o entrevistado disse que tinha resumido a vida dele em poucos minutos que parecia ir no psicólogo porque fala tudo e que estava se sentido bem. Disse que o que falou era verdade, que no mundo do desemprego, pelo menos tem um salário fixo que ninguém vai tirar (que é a aposentadoria), que apesar de poder perder o dinheiro da gratificação de sua promoção a aposentadoria, mesmo sendo proporcional, pouca, ninguém tira.

Disse ainda que com a informática muitos trabalhadores dos jornais estão perdendo emprego. Por exemplo, a internet faz com que muitos não comprem diretamente o jornal.

Falou ainda que mundo está cada dia mais violento e se for preocupar com isto se deixa de viver e se fica só com medo. Que hoje evita ver jornal e ler notícias porque sempre falam de guerra e de violência, que não quer nem saber do que está acontecendo nos EUA. Disse que tem um vício que é jogar na loteria que estes tempos ganhou uns R\$ 1.000,00 e poucos reais mas que se fosse tirar o que já gastou dá isto, e que fica muito tempo planejando as apostas.

Relatou que visitou a família em MG por estes dias e que está com problemas com uma irmã que tem depressão pós - parto. Que quando volta de lá fica um tempo mais ruim e que esta semana já estava se recuperando. Disse que bebeu todos os dias da viagem e que agora vai demorar a beber, mais ou menos uns três meses, que é de beber um período e quando fala que não vai beber não bebe. Perguntei de onde era disse que era de Minas que trabalhou em BH mas que se sentia muito mal em uma cidade grande com muita correria, e então decidiu mudar para GYN que não era tão grande e oferecia bons salários em sua área.

Disse que um amigo lhe deu um terço então, ele rezou o terço e disse que ele era muito forte porque falava de morte, mas que a questão do medo se for pensar ninguém faz nada, que quando sai vai a algum barzinho e volta de madrugada sozinho, se for pensar que pode ser assaltado ficaria só trancado em casa. Disse ainda freqüentar um grupo da religião espírita que faz trabalho em bairros pobres e que quando ele chega lá vê que o que move o mundo é o dinheiro porque como um pai de família desempregado pode Ter paz se seus filhos passam fome? Não é a favor de matar para roubar mas vê que este pai não tem outra solução se não roubar.

Mas relatou que vive tranqüilamente com o que possui que dá para fazer seu jogo, manter sua casa, e que se tiver que perder a gratificação, vai para os EUA e deixa sua aposentadoria ser depositada todo mês, que sente que é um desafiador que faz isto tranqüilamente, ou muda para uma cidade menor em que seu salário dá para viver muito bem, que faz alguns trabalhos de digitador pela manhã e que pode continuar com estes trabalhos mas que rendem muito pouco.

Perguntei se tinha mais alguma coisa a dizer disse que só achou estranho eu não perguntar porque ele ainda não se casou. Eu lhe perguntei porque achava que eu perguntaria isto, disse que é uma pergunta que muita gente faz. Eu não aprofundi nisto.

Então encerrei a entrevista, disse que voltaria outro dia, e ele me acompanhou até a porta e disse perguntou como eu havia descoberto ele, mas uma vez falei do questionário aplicado em abril e ele se lembrou, disse que esqueceu de me falar da história da sua profissão e eu lhe disse que poderia falar na outra entrevista, um senhor chegou para falar com ele e nos despedimos.

2º MOMENTO: as mudanças e os arremates.

A entrevista foi realizada no dia 13 de outubro às 14:00 hs. Cheguei a casa do senhor A. e ele disse que estava dando faxina na casa. Entrei, sentamos no sofá e iniciei a entrevista.

Pesquisadora: - Bom, eu tinha para perguntar hoje, algumas coisas relacionadas a sua vida mesmo. Então assim: *Quais mudanças você acha que foram mais significativas em sua vida?*

Senhor Paulo: - Na minha vida?

Pesquisadora: - Isso.

O senhor Paulo demora um pouco para dar esta resposta.

Senhor Paulo: - Foi deixar Belo Horizonte e ter vindo para Goiânia.

Pesquisadora: - E por quais razões?

Senhor Paulo: - Uai, ficou bem mais fácil.

Pesquisadora: - Aqui?

Senhor Paulo: - É. Uma das mudanças que eu fiz assim na minha vida e que eu achei forte e modificou tanto a minha vida foi vir aqui pra Goiânia. Aqui ficou mais fácil, eu estive lá em Belo Horizonte achei que lá tava tão abafado, tão tumultuado. E dá pra voltar lá nas minhas férias mesmo, gosto de lá é a melhor coisa do mundo que eu acho, mas ... ter vindo prá cá pra mim foi mais, foi melhor. O povo é acolhedor parece, que é ... a competitividade tanto no meio profissional quanto no meio que agente vive né? ... É qualquer lugar você enfrenta né? Mas eu acho que aqui bateu mais pra mim em termos assim de tranquilidade mudança forte que eu tive foi essa... eu tive várias mudanças né? Eu saí de casa daí um mês eu perdi meu pai, quer dizer, foi uma mudança, uma perda muito grande né? . Conforme eu já havia dito antes, aí eu fiquei pulando de galho em galho.

Pesquisadora: - No mês quando você saiu de Belo Horizonte

Senhor Paulo: - Sai da minha terra Abaité e fui para Belo Horizonte e prestei serviço na Vespasiano que é cidade, pertence a grande BH né? Isso foi o início de tudo né? Uma mudança muito forte. Mas foi assim eu digo ... você perguntou as mais importantes né?

Pesquisadora: - Mas esta foi também né?

Senhor Paulo: - Foi importante em termos de trauma né? ... não em termos de oportunidade de vida não.

Pesquisadora: - Você saiu de casa por qual razão?

Senhor Paulo: - Uai, eu fui pra casa de um tio meu, ele tinha arrumado um emprego pra mim. É aquele negócio, cidade do interior não tem emprego e você tem que partir pra capital né? Foi o que aconteceu. Não tive sorte .. é ... esta foi importante, mas foi dura né? Mudança ... dura demais.... Importante mesmo foi a vinda de Belo Horizonte pra qui e ter achado tanta novidade. Deixar Belo Horizonte pra cá em termos de tranquilidade. Aqui eu me sinto muito mais tranquilo.

Pesquisadora: - E houveram outras mudanças?

O senhor Paulo demora um pouco para responder, e fala rindo.

Senhor Paulo: - Se eu ganhar na loteria esta vai ser mais importante de todas... Hoje eu fui lá e registrei, quer dizer, eu acho. Estas mudanças boas, estas mudanças que cê tá falando né? Só se eu ganhar um prêmio, aí vai ser uma mudanças importante **mesmo** . **Eu** acho assim.

Pesquisadora: - E seu familiares continuam lá né? Nesta cidadezinha?

Senhor Paulo: - Não. Mora em Belo Horizonte, mora em Sete Lagoas, em Abaité mesmo só tem um irmão mesmo. Vinte anos, tem vinte anos que eu não vou lá. Tem vinte anos que eu ... não tenho ligação alguma com Abaité. E é a terra que eu nasci né? Mas ... é como se diz a ... quando você perde um ente querido como o pai por exemplo, Abaité tem dois tesouros enterrados lá, que é a minha infância e o meu pai... e eu nunca vou me esquecer disto.

Pesquisadora: - Sua infância toda foi lá?

Senhor Paulo: - Foi lá. Até os 15 anos. Com 15 anos eu fui pra casa do meu pai aí o meu tio morreu. Quer dizer, lá tem duas riquezas minhas, que é a sua infância é a coisa ... pode se tornar o que for você tá sempre se lembrando dela. Infância é uma coisa muito forte.

Pesquisadora: - E o que você lembra de sua infância em termos de mudanças, em termos de vida mesmo?

O senhor Paulo demora para dar esta resposta.

Senhor Paulo: - É tão forte este negócio de, de infância. Mas a gente tá sempre lembrando, até através dos sonhos. Não tem jeito, não tem como você viver sem se lembrar da infância. Você encontra um conterrâneo seu da infância cê lembra daquele tempo que você era menino né? Não tem como tirar isto da gente. Não tem como.

Pesquisadora: - E a adolescência?

Senhor Paulo: - Adolescência?

Pesquisadora: - A sua adolescência?

Senhor Paulo : - A minha adolescência foi normal né? De cidade de interior. Solta, sempre fui solto... fui criado solto pelas ruas da cidade, meu pai tinha um comércio na cidade, no centro da cidade, uma infância solta. Saía cedo, voltava, às vezes passava na casa de um tio meu almoçava pra num ir em casa. Uma infância assim. De cidade de interior.

Pesquisadora: - Mas com 15 anos você saiu?

Senhor Paulo: - É. Daí, daí eu perdi meu pai daí um mês... depois comecei a andar.

Pesquisadora: - Nunca parou o trabalho.

Senhor Paulo: - Não. Graças a Deus não. Nunca, nunca, o máximo que eu fiquei um mês parado.

Pesquisadora: - E por qual razão?

Senhor Paulo: - É porque eu cheguei. Na verdade é porque eu cheguei aqui e procurei o jornal da cidade, o Popular e o Diário da Manhã e ele falou "Você vem aqui que eu tenho uma vaga pra você" . Quando eu cheguei a vaga tinha sido ocupada, parece que o cara não acreditou né? Nas minhas palavras, então eu fiquei aguardando, aguardando até que, fui pegando um serviço aqui, um serviço ali até chegar onde que eu cheguei, O Popular. Queira ou não queira é o maior jornal de Goiânia.

Pesquisadora: - Hoje é.

Senhor Paulo: - Hoje é. Então é assim.

Pesquisadora: - Então você vê duas mudanças, uma a nível de tranqüilidade e outra a nível de trauma, seria isto?

Senhor Paulo: - É, mais cê qué vê uma coisa, é aquilo que eu disse pra você anteriormente. Eu sai de casa, daí um mês eu perdi meu pai, arrumei um emprego, daí larguei o emprego e fui pra São Paulo, aventurando, sozinho, sem família. Em São Paulo, nesta área eu atuei na Folha de São Paulo, o jornal, no centro de São Paulo, depois disto eu fui pra Nova Viçosa, trabalhei na Universidade Federal de Viçosa, nove anos, não gostava do lugar, voltei pra Belo Horizonte, fiquei lá 5 anos e de lá vim pra cá. Quer dizer, tive várias mudanças. Agora de todas, a que eu mais dei o passo certo foi Goiânia. Entendeu?

Pesquisadora: - Você não

Senhor Paulo: - Porque São Paulo é uma cidade grande, é, é uma cidade grande, você num, cê num, é aquele negócio ... cê num tem tranqüilidade de jeito nenhum em São Paulo. Em Belo Horizonte não encontrei, em São Paulo eu não iria jamais encontrar. Viçosa é uma cidade que funciona uma universidade eu não agüentei o ritmo. Fiquei nove anos que não tinha mais, porque não tava tendo oportunidade de sair. Em Belo Horizonte depois, eu tava cansado... eu tava procurando um lugar menor. Eu ia pra Vitória, depois eu mudei e optei por Goiânia... e me dei bem. Entendeu como é que é ?.. Eu tive várias mudanças, mas esta foi a mais, uma das mais importantes, quando eu mudei de Belo Horizonte pra Goiânia.

Pesquisadora: - *Aí você fala de mudança no aspecto de mudar de cidade mesmo?*

Senhor Paulo: - *De mudar de cidade.*

Pesquisadora: - *Ou de acontecimentos em sua vida?*

Senhor Paulo: - *Olha, quer ver uma coisa de mudanças particular por exemplo, quando eu vim de Belo Horizonte pra cá eu cheguei contaminado, eu bebia demais. Eu tava no embalo de Belo Horizonte. Eu tive quase no ponto de perder o emprego. Agora uma das mudanças que eu tive que eu, eu, eu ... isto deve ter mais ou menos uns 5, 6 anos, eu passei a assistir palestras espíritas, comecei na Regeneração, e quando vim pra cá comecei a freqüentar a APAE aqui. Todos os domingos eu tenho ido. As vezes durante um mês eu falto um dia, como é todo Domingo, falto um Domingo. Mas isto aí mudou muito também. Parei de fumar, a bebida, eu não gosto de bebida né? Passo período longo, por exemplo, eu viajei pra Belo Horizonte bebi muito voltei, e agora só vou beber na passagem do ano. Então este tipo de coisa assim que eu não tinha muita paz pra fazer isto não. E através das palestras eu tenho aos poucos conscientizado destas coisas. Mas dentro da própria conscientização quando eu bebo eu fico doído.*

Pesquisadora: - *Fica o que?*

Senhor Paulo: - *Doído ué. Vai beber muito, beber muito ... Você entendeu o que eu quero dizer?*

Pesquisadora: - *Então você tá dizendo que uma mudança foi parar de fumar e beber menos?*

Senhor Paulo: - *É ... num sei se é em virtude também de ter freqüentado as palestras espíritas... num sei, talvez seja. E também vai chegando a idade a gente vai mudando também. Tô com 46 anos. Automaticamente você tem que mudar.*

Pesquisadora: - *Com a idade a gente muda?*

Senhor Paulo: - *Muda e muito.*

Pesquisadora: - *Você sente que mudou?*

Senhor Paulo: - *Mudei bastante... porque o organismo não é o mesmo. O organismo, o meu organismo não é o mesmo de quando eu era jovem.*

Pesquisadora: - *O seu organismo mudou?*

Senhor Paulo: - *Mudou uai. Vai bebendo, vai bebendo, vai enfraquecendo uai. Então automaticamente você pode beber muito e não ficar tonta, eu quando bebo uma cerveja eu fico tontão. O meu organismo vai, não tá agüentando, então automaticamente a pessoa muda. A idade é difícil neste sentido aí. Né?*

Pesquisadora: - *Em quais sentidos? Em quais sentidos a sua idade te influenciou?*

Senhor Paulo: - *..... é em todos os sentidos ué!, a pessoa muda. Eu nunca imaginava por exemplo idolatrar três cachorrinhos. Nunca. Eu tenho três cachorrinhos que eu dou a vida por eles... então é uma mudança que a gente não sabe explicar. Tava em Belo Horizonte sonhei que eu estava correndo atrás dos três ... segurei em um, sonhei que a pretinha tava doente, morrendo aos poucos. Cheguei aqui nem a carne ela queria, ela adora carne. Ela tava ficando doente. Então isto num tem explicação. Me explica o quê que é isto?*

Pesquisadora: - *Você foi a Belo Horizonte visitar a família/*

Senhor Paulo: - *É. Belo Horizonte e Sete Lagoas né? Que é onde eles moram. Eu nunca desloquei deles até que a princesa e o outro eu já desloquei, fiquei lá uns 10 dias uma vez. Mas esta outra minha aí foi a primeira vez e ela ficou doente. E eu sonhei em Belo Horizonte. Quer dizer, é uma ligação como eu nunca imaginava na minha vida.*

Pesquisadora: - *Que ia ter uma ligação?*

Senhor Paulo: - *Uma ligação forte com os animais. Estas coisas assim né?*

Pesquisadora: - *Na sua juventude você não tinha muita?*

Senhor Paulo: - Não. Chegava numa varanda, um cachorro passasse eu chutava ele "Sai daqui cachorro"... Então hoje não. Hoje eu, olha você quer que eu te fale a verdade é, os três cachorrinhos seguram muito a minha barra.

Pesquisadora: - O que?

Senhor Paulo: - Barra.

Pesquisadora: - Ah é?

Senhor Paulo: - Ai é o seguinte ... ah! Um dia você vai, vai, vai entender o que eu tô querendo dizer. É, eu chego em casa, eu tiro eles daqui e levo eles pro veterinário pra dar banho terapêutico neles. Então, quando eles sai pra lá, eu sinto a falta deles. A casa fica vazia. Neste sentido, segura a barra neste sentido. Eu tenho uma paquerazinha aí tal e num trouxe ela aqui não, mas é ... é como se diz, ela ... dá a impressão que eu não estou tão sozinho.

Pesquisadora: - Ah tá, com esta paquera?

Senhor Paulo: - É... assim eu sinto que não tô tão sozinho porque ela pára. É um exemplo assim pra falar uma coisa, ela me atende, a gente conversa, tal, vou lá, agente se vê, ela é estudante também. Mas é ... o que eu ia falar pra você aqui? ... mas, os bichos segura muito a barra. Os bichinhos segura muito a barra... Entendeu como é que é? Isso aí é assim, você tem sua vida, você tem família?

Pesquisadora: - Tenho.

Senhor Paulo: - Você vive com sua família não é?

Pesquisadora: - Vivo.

Senhor Paulo: - Então a sua família as vezes segura a sua barra

Pesquisadora: - Então você tá querendo dizer que quem segura a sua barra é a sua paquera e os seus cachorrinhos porque a sua família não está aqui?

Senhor Paulo: - A paquera cê quer dizer né?

Pesquisadora: - É.

Senhor Paulo: - É uai, segura a barra. Neste sentido assim, de você não se sentir tão vazio... Cê entendeu como é que é né? Eu nunca imaginava que eu fosse idolatrar três bichinhos... e eles são idolatrados mesmo. Disse que a Bíblia disse que não pode idolatrar os animais. Mas eu converso com eles a mesma coisa de estar conversando com você. Me desculpa assim (fala isto rindo). Mas eles me entendem. Eu falo você não pode fazer isto aí. Cê entendeu como é que é? ... olha, é muito forte, é uma coisa muito forte. Eu falo isto com tranquilidade, não falo isto com, com, a vivência é uma faculdade, segura muito a barra, muito a barra mesmo. Uma coisa incrível.

Pesquisadora: - E me fala um pouco do seu dia a dia, do seu cotidiano?

Senhor Paulo: - É bom. Eu gosto, no trabalho ... apesar que lá o ar condicionado né? Faz muito mal pra quem tem sinusite e eu tenho... as salas tudo gelada. Tem pessoas por exemplo, eu por exemplo não posso com ar condicionado, que bate bem na cabeça. Dá um secreção. Quem tem sinusite é um, é um ... cheio de infecção por onde o ar passa (mostra o nariz e a laringe). Então quando tem crise, dá secreção nas vias nasais. Tem que ter, tem as medicações que eles falam né? Tem que tomar remédios, tomei injeção... é o único problema que eu tenho... não gostar do ar condicionado.

Pesquisadora: - E aí você trabalha à tarde?

Senhor Paulo: - É. Das 16 as 22 horas... é o que eu te falei no começo, antigamente a digitação ela tinha muito emprego hoje a informatização tá acabando com a digitação. Cê vê, cê compra um computador, cê coloca nele um dicionário, cê coloca nele um abril cultural, porque que a Abril Cultural se cê falar assim, eu quero um é, cê tá fazendo um jornal lá derrepente cê precisa de um ... Senado, você vai na Abril Cultural, pega a parte de Brasília, fotos, as principais fotos de Brasília, tem lá o Palácio, tem lá o Senado, tem lá o, o, o Alvorada. Então dali daquele negócio cê puxa, no seu, no seu sistema lá já num precisa de foto, scanear nem nada. Foi uma evolução muito grande. É onde tá diminuindo o quadro de funcionários é isso aí. Máquina, a própria máquina tá destruindo. Cê entendeu o que eu te querendo dizer né? É tudo, eu num perdi

meu emprego porque a scanea que eles inventaram até agora pra scanear um texto por exemplo a acentuação num sai certo. Entendeu como é que é?. Mas vai chegar a um ponto que eles vão arrumar scanner que vai passar a sair tudo certim. Ai a digitação vai acabar. Posso pegar um livro seu e puxar ele todinho pelo computador, e fazer as mudanças e as alterações que eu quero fazer no computador. Não vai ser preciso nem digitar. Agora a utilidade do digitador nunca acaba, sempre vai ficar algum porque tem aqueles xérox que eles manda do interior, jornalista num vai querer digitar aquilo... né? Sempre vai ficar algum. Mas automaticamente o hoje acabou a digitação. Automaticamente.

Pesquisadora: - E antes das 16:00 hs, o que o senhor faz?

Senhor Paulo: - Ah! Eu ando pela rua aqui fora. Eu ando muito viu... eu levanto aqui tal, vou pra rua passeando ... e tem os ambientes, jornais que eu trabalhei, visito, visito uma turma aqui, outra ali... vou andando. Quem trabalha sentado, cê imagina bem, eu vou ficar paralisado em casa. Tem que andar ué. Eu vou daqui lá no centro e volto a pé. Num pago ônibus. Mesmo que eu tenha que resolver um troço urgente (baixou a voz, tom de voz mais depressivo). Vou daqui até lá em vinte minutos, pego a 83 e volto a pé. Em Belo Horizonte agora desta vez eu andei muito a pé lá. Coisa que eu não fazia antes... E pra quê andar a pé? Pra poder combater o colesterol também. Eu tenho o colesterol alto. Queimar que a gente fala né? (fala isto em tom irônico). Queimar o colesterol (volta a falar em tom de voz mais depressivo)... eu andei em Belo Horizonte e minha tia falando, " nossa cê veio andando do centro a pé, cê tá doido?" eu disse "Não, eu gosto de utilizar a perna, eu preciso ué" né?

Pesquisadora: - E ai você

Senhor Paulo: - Isto ai é a idade, cê é nova, porque cê vai no Parque dos Buritis por exemplo tá cheio de velho andando lá? Eles são, eles são rigorosamente cê pode ir lá cê vê as mesmas caras andando por lá. Mesmo time, aqueles velhinhos, e tal. Quer dizer, chega uma certa idade é andar ué. Tem que andar, exercitar né?. Apesar de tar com 46 a porta tá pros 50, dos 50 vai embora.

Pesquisadora: - Dos cinqüenta vai embora?

Senhor Paulo: - Ah! Some ué (ri depois que fala). Cê entendeu o que eu quero dizer? Você trabalha tipo colégio, tipo tinha colega na universidade de viçosa, tudo dele era carro, se ele fosse na padaria comprar um pão tinha que pegar o carro e ir na esquina comprar o pão na padaria. Ele tinha que pegar o carro ir lá e voltar. E aí o que aconteceu? Deu um negócio na perna dele lá, teve que partir pra Juiz de Fora, viçosa num teve recurso, então levou um tempão pra recuperar a perna direita, e anda mancando até hoje. Era engenheiro ... então o médico falou assim o, perguntou pra ele, ele falou não, ainda falou "tudo que eu faço eu vou com o carro" e médico falou "então é isso aí". Chega fica sentado, trabalha sentado, chega em casa não exercita, entra no carro, num exercita, exercício. Num faz exercício nenhum né? a vida da gente é um ...

Pesquisadora: - A vida da gente é um?

Senhor Paulo: - É é, muito cheio de, mudando, igual você falou, coisas assim que cê vai pegando com o tempo, vai, a idade vai mudando a gente. (termina a frase com um tom de voz depressivo).

Pesquisadora: - Por isto você disse que a vida é uma faculdade?

Senhor Paulo: - É a vida é uma faculdade em todos os sentidos, ué ... aprendizagem, aprendizagem em tudo, vai aprendendo, aprendendo, como diz, a vida é uma faculdade.... eu costumo dizer nestas palestras que eu assisto lá por exemplo, é uma faculdade. Faculdade também, só fala o bem... certo? Ensina o caminho do bem, num ensina o caminho do mal. Ensina o quê que é drogas, é ... o álcool tudo... o lar ... a família, o que é a família, o quê que significa a família (fala em um tom de voz depressivo). Mas hoje em dia a vida tá muito diferente né? (esta frase é dita em um tom mais enfático). Sei lá, num sei se é a circunstância também da vida. A família é tudo na vida da pessoa. Tudo ... hoje em dia uns tá querendo crescer mais do que o outro, cresce mais do que os outros, fica esquecendo dos outros que tão lá ... aí vai separando mais né?. (a fala volta a Ter um tom depressivo).

Pesquisadora: - Você acha que mudou a família?

Senhor Paulo: - Nossa senhora! Como mudou. Mudou e foi muito ... antigamente, cê vê uma coisa, antigamente, o tempo da carne seca, eles falava né? Tempo passado. Ah! Você é muito nova, pessoal colocava a carne seca no sol, pessoal mais de roça, é minha origem mesmo, meus avós vieram da roça. Então

era aquela simplicidade toda. Entendeu? Hoje não, hoje é diferente, hoje é outra coisa ... quando falava em separação era coisa de outro mundo ué ... a menina se perdeu ... hoje é moda. Hoje a menina tem um filho com um camarada aqui, arruma outro, tem filho com o outro. Virou moda, uma bagunça. Antigamente era mais ... conservador né? ... cê tá entendendo o que eu tô querendo dizer?

Pesquisadora: - Entendo. Na época da sua infância a família era mais conservadora?

Senhor Paulo: - Era. Mais unida. Nossa Senhora, quando chegava uma pessoa de fora por exemplo, era recebido quase que com uma festa. Tinha festa, alguma coisa fazia. Tomava até uns que fazia baile. Hoje é ao contrário ... num existe isto...

Pesquisadora: - Hoje as pessoas recebem de uma forma diferente?

Senhor Paulo: - Diferente... a família vai crescendo também demais. Vai crescendo, vai expandindo né? E vai mudando, as coisas vai ficando mais moderna, o mundo vai modernizando e acabando com os sentimentos.

Pesquisadora: - Você considera que é assim?

Senhor Paulo: - É. Em todos os sentidos. Você quê vê uma coisa, até a religião mudou. Antigamente guitarra era coisa do diabo, hoje guitarra tá na própria Igreja Católica. Mas na época do Beatles era coisa do demônio. Guitarra. A Igreja Católica condenava aquilo como coisa do diabo. Quando você vai numa igreja, tem lá bateria, tem tudo lá. Num tô dizendo, eu tô querendo dizer pra você, num tô sendo contra isto não, certo. Eu tô dizendo sobre a, a, a, modernidade, o acompanhamento. E aquilo que não acompanhar dança. O Centro Espírita hoje é completamente diferente, do Centro Espírita de antigamente. Eu tô falando assim Centro Espírita porque pra quem entende assim, Centro Espírita é uma coisa, macumba é outra. Certo? Centro Espírita é casa de caridade. Quando você vê falando assim Centro Espírita Regeneração, coisa assim, isto é coisa, é casa de caridade. Todo Centro Espírita faz caridade ... livro, palestra, é como é que fala, distribuição de cesta básica, tem creche, este negócio todo. Tem até escola como a Emanuele ali né? ... agora o tem a parte de jovens, tem eu por exemplo que tenho 46 anos fico com o pessoal mais adulto (fala rindo), mais idosos... tem a parte de jovens, ontem por exemplo, lá na Regeneração é misturado, o pessoal jovem tava lá tocando violão, cantando, tudo, muito bonita. Agora tem pessoas espíritas que por exemplo não aceita certo? Uma senhora em Belo Horizonte falou pra mim que Centro Espírita não é este de hoje, então é que ela não acompanha. Se for acompanhar como antigamente vai todo mundo pra outra banda, vai só diminuindo os adeptos. Então o que tá acontecendo, só tá crescendo o número de adeptos, o número de jovens né? Muitos jovens hoje no Centro Espírita. Tem lá o que toca violão, canta as **músicas uma música** deles lá. Então tudo tá modernizando. Se não acompanhar tá enrolado. Aceitar a realidade. Você entendeu o meu raciocínio né?

Pesquisadora: - E você na, no último

Senhor Paulo: - A Igreja Católica também num tem a Carismática aí, o grupo de jovens aí. Vai mudando, tem que mudar. Se ela num fizer isto ela num vai Ter mais caminho. Cê vê que o Islamismo, nesta guerra lá, que Deus vai, Alá ... o messias deles é Maomé, né? . Eles tem mais adepto do que a Igreja Católica. A Igreja Católica tem, o Islamismo tem um milhão e trezentos e cacetada lá. A Igreja Católica tem um milhão e pouco. Num chega a um milhão e cem. . **Os Centros** Espíritas, os adeptos de Allan Kardec tem vinte milhões no mundo inteiro, inclusive o Budismo e mais estas outras religiões. Cê vê, esta da guerra do Alá lá. Um milhão, e aquele pessoal vai, pessoal rigoroso, vai, vai a Mega, o que acontece lá tem multidão, tem morte, é um fanatismo muito grande aquilo ali né? Mas são fiéis. Mas num é por isto, eles segue também são vinte e seis parece, eles segue também a doutrina de Jesus Cristo, o ensinamento de Jesus Cristo. Tem Jesus Cristo, tem São João Batista, Davi, tem Golias, Salomão ... é ... eu já li muito sobre isto aí. São vinte e seis, incluindo Jesus Cristo, só que o profeta verdadeiro deles é Maomé. Então as religiões é isto aí né?... cada um com sua crença. Mas tá modernizando, cada vez modernizando mais. Cê num vê aí a Evangélica como é que cresceu?. Num tá só crescendo, cê tá vendo? ... Se os evangélicos continuar crescendo igual eles tão crescendo, eles vão, eles vão cresce muito.

Pesquisadora: - E por falar em mudanças, né? Estas mudanças da modernidade. Da outra vez lá na porta você começou a falar pra mim da história da sua profissão, como é que ela foi mudando, e não deu pra eu ir anotando. Tem como você falar de novo?

Senhor Paulo: - Ah! O negócio é o seguinte: a, a, o jornal, o jornal, quando começou tinha duas coisas paralelas. Que era a tipografia e a neotipia. A tipografia fazia mais era cartazes, quando você falava assim, vou fazer, antes não era moderno como hoje que você vai no computador não. Pegava letra por letra aquele negócio todo pra rodar no papel. Ia batendo tirando, batendo tirando. Então fazia aqueles cartazes, cê até vê. Então mais ou menos moderno, aquele colorido todo, letra bonita. Antigamente não. Aí a tipografia, pegava letra por letra, encaixava ali, rodava. É depois a neotipia, a neotipia é uma coisa mais rápida, que é chumbo né? É química que eles falam. Aí digitava um texto ali juntava também, só que juntava tudo certim, pra rodá, certo?. Era diferente de tipografia que pegava letra por letra. Então estes tipos. Depois veio a fotocomposição que é meu caso. Substituii a neotipia. São os neotipistas, os digitadores substituíram os neotipistas, aí depois acabou sabe. Ainda pode existir, no Senado existe, algumas coisas antigas tem ainda. É ... agora já a informática tá acabando com os digitadores. Acabou praticamente. Quem ficou ficou, que num ficou. Isso aí é no Brasil inteiro. Não é só Goiânia, Belo Horizonte e São Paulo não. O Brasil de ponta a ponta. Você é jornalista por exemplo, você vai entregar seu texto, cê entrega no disquete. Que você pra, pra acompanhar o ritmo, você tem um computador na sua casa... você vai entregar em laudas... datilografado. Então, você como jornalista tem que acompanhar, tem que ter computador em casa. Até mesmo pra sê bem informada né? . Cê tem informática lá ué? A Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, o Globo, e assim vai. Então isso aí que tá derrubando do digitador, derrubou já. Entendeu? Agora ficaram alguns lá pra redação, na área comercial, mas normalmente 99% saíram. Isto é em qualquer jornal do país.

Pesquisadora: - Então esta é a história da sua profissão?

Senhor Paulo: - É, da profissão. Eu ainda trabalho porque sou aquele cara que foi promovido ao invés de ser demitido. Eu tive sorte né? Louvado o pai... fui promovido ao invés de ser demitido. É da redação né? Redação tem aquele cara no, no, que ajuda a digitação, o Paulo Nascimento lá de, de, de Anápolis. É Paulo Nascimento?

Pesquisadora: - Não sei...

Senhor Paulo: - É um baixinho assim de Anápolis, ele manda notícia pra cá. Então, mais é através de fax (o senhor Paulo começa a folhear o jornal que está no sofá). Normalmente é cidades, notícias de Anápolis. Então este tipo de caso assim, às vezes, tem notícia também que num dá certo, manda por telefone. Entendeu? É isto que segura a barra de alguns que tão lá né? Mas acabou praticamente. Anápolis né?

O senhor Paulo mostra para a pesquisadora um página do jornal que fala da cidade de Anápolis.

Pesquisadora: - Ah tá!

Senhor Paulo: - Tá aqui sabe, acho que é Paulo Nascimento mesmo. Correspondente lá de Anápolis. Mas já tem um aparelho, ele é que num interessô ainda certo? Num interessô em por lá nem nada. Mas tem um aparelho que a pessoa digita, o repórter digita e já manda direto pro sistema ... Aí, é Paulo Nascimento mesmo (mostra para a pesquisadora o nome do redator no jornal). Então este de Anápolis lá num, num, continua com fax. De repente um repórter vai pra um outro lugar ai tal aí ele usa este sistema.

Pesquisadora: - Mas tem ainda digitadores?

Senhor Paulo: - Tem mais é uma coisa muito restrita, como eu te falei 99% acabou. E se brincar não foi só na área de digitação que aconteceu não. Na área bancária tem muito digitadores desempregados, aqui, em São Paulo. É uma área que que você tem que, igual por exemplo, antigamente mandava pra foto composição pra ir fazer tal. As páginas. Hoje tem paginador trabalhando com repórter, mas vai acabar também. Tem uns mais moderno ainda que coloca tudo pra fazer na máquina... Cê entendeu como é que é? O outro sistema que tá pra chegar já vem tudo padronizado. Você só vai acrescentar ali as, as, as como é que fala? O texto ali e já mandar e acabou. Num vai precisar ficar precisando de ter paginador lá. E tem um outro sistema que vai acabar com outra área lá. Este sistema junto com o outro vai mandar direto. Uma outra área que o pessoal tem que pegar, apresentar algum fotolito, vai acabar também. Esta área, a Abril Cultural mandou foi muita gente embora. Dependendo da área e da época, o desemprego é muito grande. Quanto maior o desenvolvimento mais gente é mandado embora... E assim é em muitos. Em padaria, em padaria não existia o forno, aqueles forno de antigamente, hoje aquele forninho faz os pão tudinho. Num ocupa espaço nem nada. Antigamente fazia igual aqueles forno de índio, entendeu? Aqueles de barro lá. O

pão mais gostoso no final. Lenha, aquele negócio. Hoje não. Um fornozinho um cara faz milhares de troços. Então isto aí é tudo na vida.

Pesquisadora: - *Em todos os setores tem estas mudanças?*

Senhor Paulo: - *É. Modernidade no mundo atual.*

Pesquisadora: - *OK. As perguntas que eu tinha pra fazer hoje eram estas*

Senhor Paulo: - *Eu hoje tava pensando deste jeito "aquela menina pra vir em Goiânia ela vai fazer entrevistas com várias pessoas porque não tem lógica sair lá de Anápolis só pra vim aqui me entrevistar" mas aí eu pensei "não ela faz esse apanhado aí e junta, vai junta tudo e fazer só um resumizinho né?". Só um resumo igual o repórter faz.*

A pesquisadora respondeu que transcrevia a fita literalmente e ele se espantou. O senhor Paulo disse que o difícil não era fazer a entrevista e sim transcrever, que ele já havia "tirado" muitas fitas. Disse que a sua dicção era ruim e eu a pesquisadora disse que não tinha problemas. Perguntou qual área era a de trabalho da entrevistadora e ela que era Psicologia, mestrado em Psicologia do Desenvolvimento.

O senhor Paulo relatou que a irmã estava com depressão pós - parto, estava sob efeito de medicação. Disse que ela teria que ter acompanhamento psicológico e que a família deu preferência a Hospitais Psiquiátricos Espíritas para interná - la, porque teria acompanhamento espiritual também. A pesquisadora esclareceu um pouco sobre depressão que era algo tratável que dependia de fatores psicológicos e orgânico, e que era importante os dois tratamentos. Disse que terapia era bom para todo mundo.

O senhor Paulo disse que a irmã era mãe solteira e perdeu o emprego. Disse que da outra vez que conversamos ele voltou a infância e que era até gostoso, que é bom falar, mas que voltar ao passado tem um detalhe que aí você vê que o tempo passa muito rápido que ele tinha 11 anos de Goiânia. A pesquisadora perguntou - lhe se tinha coisas boas no fato do tempo passar, ele disse que sim, mas que a "vida em si é muito dura", que "a sociedade cobra muito, mas muito mesmo", que o equilíbrio se busca nas orações. Que andou muito pelo mundo mas que o mundo era uma coisa só.

Relatou um caso de uma mensagem espírita psicografada que ele digitou no jornal e que isto era incrível porque existe vida após a esta aqui. A entrevistadora então lhe perguntou: "Então a questão religiosa é algo marcante em sua vida?" e ele respondeu "marcante" e contou uma história que após a morte do seu pai, em uma sessão espírita o seu pai incorporou um médium e disse que ele era seu filho e que ele estava precisando do pai, contou tudo o que estava acontecendo com ele na época, e que então "tenho certeza que existe uma vida além desta, tem que ter", que a vida passa tão depressa e a gente tem que retornar senão não tem sentido. Perguntou a religião da pesquisadora, esta lhe disse que era espírita, e o senhor Paulo lhe deu uma agenda espírita de presente.

Disse que a sua família é espírita. A pesquisadora perguntou onde a mãe morava e ele disse que em Sete Lagoas, e que ele acha aquela cidade muito pesada. Que quando chega lá dá dor de cabeça. Que parte da família que é espírita e uma parte que é católica que não gosta nem de ver falar no espiritismo. Disse que ele mesmo vai a Igreja Católica mas os católicos interpretam mal os espíritas. Disse que mudou muito com a religião, porque antes não freqüentava.

Queria trazer a irmã com depressão para ficar com ele aqui, porque pelos seus "erros" os parentes tratam com discriminação e acha que isto a adoce. Disse que falou pra mãe que só vai a Sete Lagoas até quando a mãe estiver viva porque a família tem preconceito com eles porque são a parte mais "pobre" da família, que já sentiu de um tio não querer recebê -lo em casa, que não sabe se é isto ou se ele já está impressionado e sente isto. Que ele é mais pobre, e é rejeitado. Que "a sociedade vive o capitalismo", que se uma pessoa casa com uma pessoa de boa condição todo mundo elogia, mas se é uma pessoa pobre que fica desempregado, eles chamam de vagabundo. Que até na religião deles existe discriminação.

Perguntou sobre as outras entrevistas e a pesquisadora lhe disse que haviam sido feitas entrevistas com outras pessoas e que nem todas seriam escolhidas e que quando o trabalho de mestrado estivesse pronto ele seria avisado.

O senhor Paulo perguntou onde era a faculdade, a entrevistadora disse que era a Universidade Católica de Goiânia.

Disse que queira apresentar seus cachorros a pesquisadora, após a apresentação, acompanhou a entrevistadora até a porta e disse que se precisasse de ajuda na digitação ele estava a disposição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda M. Junqueira Aguiar. Consciência e atividade: Categorias fundamentais da Psicologia Sócio - Histórica. In: *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. BOCK, Ana Mercê Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001a.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

BARROS, Myriam Lins. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BONIN, Luiz Fernando Rolim. Tipos de memória, semiótica e a teoria histórico cultural. In: *III Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento: Desenvolvimento humano e práticas sociais*, 2000, Rio de Janeiro. Anais, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2000, p. 62.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BLANK, Guilherme. Vygotsky: o homem e sua causa. In: *Vygotsky e a Educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio - histórica*. Moll, Luis (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. BOCK, Ana Mercês Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001.

CALDAS, Célia Pereira. Memória, Trabalho e Velhice: Um estudo das memórias de Velhos trabalhadores. In: *Terceira Idade: Desafios para o terceiro milênio*. Veras, Renato (org.). Rio de Janeiro: Relume - Dumará: Unati/UERJ, 1997.

CUPOLILLO, Mercedes Villa. *Citações durante a orientação de mestrado*, 2000.

CUPOLILLO, Mercedes Villa. *Citações durante a orientação de mestrado*, 2001.

CUPOLILLO, Mercedes Villa. *Citações durante a orientação de mestrado*, 2002.

CUPOLILLO, Mercedes Villa; PAULA, Janaina Teixeira Silva; COSTA, Adriana de Oliveira B. Costa. Os avós como suporte na criação dos netos. In: *Desenhos de família - criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Sousa, Sônia M. Gomes; Rizzini, Irene (orgs). Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

FREITAS, Lena Castello Branco. Perspectiva histórico - cultural do idoso no Brasil no séc. XXI. In: *Rejuvenescer a velhice: as novas dimensões da vida*. GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

FURTADO, Odair. O psiquismo e a subjetividade social. In: *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. BOCK, Ana Mercê Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. BOCK, Ana Mercê Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001a.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós - moderno. In: *Psicologia Sócio - Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. BOCK, Ana Mercê Bahia; Gonçalves, Maria da Graça Marchina; Furtado, Odair (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001b.

GUATTARI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. In: *Saúde e loucura*, Nº. 2. Editora Hucitec, 1990.

GUATTARI, Félix. O Novo Paradigma Estético. In: *Novos Paradigmas, cultura e subjetividade*. Dora Fried (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GUIDI, Maria Laís Mousinho. A aposentadoria e a reorganização da identidade profissional. In: *Rejuvenescer a velhice: as novas dimensões da vida*. GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

GUIMARÃES, Renato Maia. É possível retardar o envelhecimento?. In: *Rejuvenescer a velhice: as novas dimensões da vida*. GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

MOLON, Suzana Ines. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo: EDUC, 1999.

MOLL, Luis. Introdução. In: *Vygotsky e a Educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio - histórica*. Moll Luis (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MOREIRA, Maria Regina de Lemos. Relacionamento familiar entre gerações. In: *Rejuvenescer a velhice: novas dimensões da vida*. GUIDI, Maria Laís Mousinho, MOREIRA, Maria Regina de Lemos (orgs). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

MORIN, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Dora Fried (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORIN, Edgar. *O Método: As idéias - habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1998.

NICOLINI, Eduardo Olívio Ravagni. O corpo em movimento. In: *Rejuvenescer a velhice: as novas dimensões da vida*. GUIDI, Maria Laís Mousinho; MOREIRA, Maria Regina de Lemos Prazeres. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

NOVAES, M.H. *Conquistas possíveis, rupturas necessárias: Psicologia da Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Grypho, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl. *Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio - histórico*. São Paulo: Siproine, 1997.

PALÁCIOS, J. Desenvolvimento após a adolescência. In: *Desenvolvimento psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva*. Coll, C. Palácios J., Marchesi, M. A. (Orgs). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 1.

PERES, Vannúzia Leal. Desenhos de Família. In: *Desenhos de família - criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Sousa, Sônia M. Gomes; Rizzini, Irene (orgs). Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

QUEIRÓS, Morgana. *A constituição subjetiva da AIDS*: 1999. Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.

REY, Fernando, González. *Epistemologia cualitativa e subjetividade*. São Paulo: EDUC, 1997.

REY, Fernando González. *La investigacion cualitativa en Psicologia: rumbos e desafios*. São Paulo: EDUC, 1999.

RIZZINI, Irene. Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais. In: *Desenhos de família - criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais*. Sousa, Sônia M. Gomes; Rizzini, Irene (orgs). Goiânia: Cãnone Editorial, 2001.

RATNER, Carl. *A Psicologia sócio - histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ROSA, Alberto; MONTERO, Ignácio. O Contexto Histórico do trabalho de Vygotsky: uma abordagem sócio - histórica. In: *Vygotsky e a Educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio - histórica*. Moll, Luis (org). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SAWAIA, Bader S. Prefácio. In: Molon, Suzana I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. São Paulo: EDUC, 1999.

SOARES, Neusa Eiras; FRANÇA, Lúcia Helena. A importância da Relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos sobre a Velhice. In: *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: Unati/UERJ, 1997.

STANO, Rita de Cássia M. T. *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANT' ANNA, Maria Josefina Gabriel. UnATI, a Velhice que se aprende na escola: um perfil de seus usuários. In: *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume - Dumará: Unati/UERJ, 1997.

VALSINER, J.; BRANCO, A. U.; DANTAS, C.M. Socialization as co- onstruction: Parental belief orientations and heterogeneity of reflection. In: *Parenting and children's internalization*. Nova York: Wiley, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.